

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**REDES SOCIAIS VIRTUAIS, SOCIABILIDADE JUVENIL: os
sentidos atribuídos por um grupo de jovens do ensino
médio da rede pública de educação de Porangatu**

Maricelma Tavares Duarte

MARICELMA TAVARES DUARTE

**REDES SOCIAIS VIRTUAIS, SOCIABILIDADE JUVENIL: os
sentidos atribuídos por um grupo de jovens do ensino
médio da rede pública de educação de Porangatu**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. para obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientador: Prof. Dr. Aldimar Jacinto Duarte.

GOIÂNIA2016

D812r Duarte, Maricelma Tavares

Redes sociais virtuais, sociabilidade juvenil [manuscrito]:
os sentidos atribuídos por um grupo de jovens do ensino
médio da rede pública de educação de Porangatu /
Maricelma Tavares Duarte.-- 2016.
163 f.; il.; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês.

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação STRICTO
SENSU em Educação, Goiânia, 2016

Inclui referências

1. Redes de relações sociais. 2. Redes sociais on-line.
3. Juventude. 4. Escolas públicas - Porangatu (GO).
5. Sociabilidade. 6. Comunidade online. I. Duarte,
Aldimar Jacinto. II. Pontifícia Universidade Católica
de Goiás. III. Título.

CDU: 316.472.4(043)

**“REDES SOCIAIS VIRTUAIS, SOCIABILIDADE JUVENIL: OS SENTIDOS
ATRIBUÍDOS POR UM GRUPO DE JOVENS DO ENSINO MÉDIO DA REDE
PÚBLICA DE EDUCAÇÃO DE PORANGATU”**

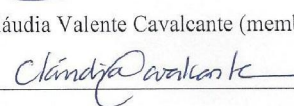
Dissertação aprovada em 25 de fevereiro de 2016, no curso de Mestrado em Educação
do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de
Goiás para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA

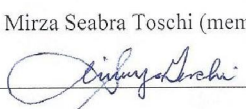
Dr. Aldimar Jacinto Duarte/ PUC Goiás (Presidente)



Dra. Cláudia Valente Cavalcante (membro/ PUC Goiá)



Dra. Mirza Seabra Toschi (membro externo /UEG)



Dedico a presente dissertação a minha família, nas pessoas de meus pais: Eurico Tavares Duarte, Maria Domingas Tavares, e de minha sogra Julia Dias, ao meu cunhado Alcides dos Santos Filho e a sua esposa Cristina Maria das Chagas, pelo carinho e apoio. Em especial ao meu esposo, Alceu dos Santos, a minha filha, Beatriz Duarte Santos, e ao meu filho, Pedro Duarte Santos, amores de minha vida.

Agradeço ao professor Dr. Aldimar Jacinto Duarte, pela paciência, compreensão, confiança e apoio. Sua orientação acadêmica criteriosa auxiliou-me, possibilitando paulatinamente a superação de meus limites teóricos e práticos, tornando possível a realização deste trabalho.

À banca de qualificação, composta pelas professoras Dr^a. Claudia Valente Cavalcante e Dr^a. Mirza Seabra Toschi, pelas críticas pertinentes que muito contribuíram para a qualificação deste trabalho.

Aos meus amigos, irmãos de coração, Sérgio José, Patrícia, Vilma, Etna e Andrea Cidade pelo carinho e apoio nos momentos de dificuldade do desenvolvimento de minha pesquisa.

Aos colegas do Programa de Mestrado, em especial, à Edimaci, Izabel, Marieunice, Maria da Guia e Maria José Araújo, pela amizade, incentivo e convivência acadêmica.

Aos 34 alunos do Ensino Médio que contribuíram para a realização desta pesquisa, respondendo aos questionários e às entrevistas realizadas. As informações obtidas por meio destas duas técnicas de coleta de dados foram, além de imprescindíveis, muito valiosas para esta dissertação.

Ao professor Antônio Borges Leal Filho (Subsecretário Regional da Educação de Porangatu), pelo apoio e pela amizade.

Aos colegas e amigos(as) da Subsecretaria Regional de Educação de Porangatu, em especial, à Edna Lemes, Jussara Tenório, Tania Maria, Neuza Bernardes, Vila Mengoni, Fabiane, Joana, Mirandina e Luiz, pelo incentivo, apoio e amizade.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

A Deus, pela presença constante em minha vida.

Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência (KARL MARX, 1963).

RESUMO

O presente trabalho vincula-se à linha de pesquisa “Educação, Sociedade e Cultura” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Procura discorrer quais são os sentidos conferidos por um grupo de jovens de ensino médio da rede pública de educação de Porangatu às redes sociais frente às experiências constituintes do espaço virtual, apoiando-se nas concepções teóricas de Karl Marx, Pierre Bourdieu, Williams, Geertz, Dayrell, Pais, Velho, entre outros, para delimitar a abrangência dos processos de relações sociais, culturais e das culturas juvenis. Para o estudo das redes sociais virtuais, esta pesquisa recorre também, entre outras, às contribuições de Lévy, Castells, Recuero e Tomáel, buscando evidenciar a constituição dos processos de sociabilidade juvenil, a partir de tais redes sociais com ênfase nas abordagens sócio-histórica das culturas em campo mais abrangente e, em particular, das culturas juvenis, a fim de estabelecer a relação dos modos de ser jovens e de suas culturas na contemporaneidade. Para entender a dimensão social e cultural do objeto da pesquisa, tendo como campo as relações de sociabilidade construídas a partir do mundo virtual, optou-se pela pesquisa qualitativa, já que este tipo de pesquisa dispõe de características que correspondem às necessidades desta investigação. Assim, demonstramos que as relações de sociabilidade são múltiplas, ocorrendo tanto presencialmente como virtualmente. Porém, mesmo que a sociabilidade esteja potencializada pelos encontros virtuais, percebemos que a presença física, o face a face não perdeu sua importância no processo das relações sociais. Tal grupo de jovens em estudo estabelece o sentimento de pertença, do estar juntos, que lhe permite constituir grupos reais nas redes sociais virtuais. As interações sociais mediadas pela tecnologia não levaram à suplantação da interatividade face a face, alterando-se apenas a perspectiva dessa sociabilidade que, na contemporaneidade, está sendo potencializada pelas novas tecnologias. Portanto, o ciberespaço é mais um lugar de encontro, de partilha dos grupos, enfim, de sociabilidade das comunidades que se interagem frente às experiências constituintes no espaço virtual.

Palavras-chave: Jovens e redes sociais. Jovens e redes sociais virtuais. Sociedade e juventudes.

ABSTRACT

The present dissertation is linked to the line of research “Education, Society and Culture” of the Postgraduate Program in Education at the Pontifical Catholic University of Goiás. It wanted to understand which ways a high school youth group from public education network of Porangatu establish virtual social networks. It comes from Karl Marx, Pierre Bourdieu, Raymond Williams, Clifford Geertz, Juarez Dayrell, José Machado Pais, Gilberto Velho conceptions, among others to delimit the scope of social, cultural and the young cultures relations processes. While for the study social networks it resorts to authors like Pierre Lévy, Manuel Castells and Raquel da Cunha Recuero. It aims to highlight the formation of young sociability processes from virtual social networks with emphasis on social-historical approaches of cultures and young cultures in order to establish a list of ways of being young people and their cultures in the contemporary world. To understand the social and cultural dimension, with the field of sociability relationships built from the virtual world, it chose the qualitative research that it had characteristic that correspond to the need of this research. The final considerations show that sociability relations are multiple, occurring either in person or virtually. But even that sociability is currently enhanced by virtual meetings it was found that the physical presence, the face-to-face has not lost its importance in the process of social relationships of young people. It also demonstrates that the youth group establish a sense of belonging of being together that allow them to be real groups in virtual social networks. It contacted although cyberspace is in another place of meeting, sharing groups, the front communities the experiences made in both physical and virtual spaces.

KEYWORDS: Sociability and youth cultures. Society and young people virtual. Young people and social networks.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Locais preferidos de acesso à internet.....	111
Quadro 2 - Usos do celular	112
Quadro 3 - Redes sociais mais acessadas, por ordem de importância.....	118
Quadro 4 - Assuntos mais discutidos nas redes sociais virtuais.....	120
Quadro 5 - Acontecimentos pós-encontros presenciais com amigos virtuais	124
Quadro 6 - Acontecimentos pós-encontros presenciais com amigos virtuais	125

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Condições de trabalho.....	88
Tabela 2 - Atual situação de emprego.....	89
Tabela 3 - Pessoas que trabalham e colaboram com a despesa na casa	91
Tabela 4 - Profissão do pai e da mãe.....	93
Tabela 5 - Cidades que residiram	98
Tabela 6 - Setores que residiram	98
Tabela 7 - Atividades que desenvolvem no tempo livre	106
Tabela 8 - Estilos de músicas preferidos.....	107

LISTA DE SIGLAS

OPS - Organização Pan-Americana da Saúde

OMS - Organização Mundial da Saúde

OIT - Organização Internacional do Trabalho

PNJ - Política Nacional de Juventude

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

UNE - União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO	22
1.1 Relações Sociais na Vertente Histórico-dialética	23
1.2 Relações de Poder e as Práticas Sociais de Existência Humana	29
1.3 Constituição das Redes Sociais e Processos de Socialização	33
1.4 Redes Sociais Virtuais	40
CAPÍTULO II – CULTURA, JUVENTUDES E CULTURAS JUVENIS	51
2.1 As Culturas Constituidoras e Constituídas pelo Homem em suas Práticas de Sociabilidade	52
2.2 Juventudes e Culturas Juvenis	71
2.2.1 Juventudes: dimensões identitárias e existenciais	72
2.2.2 Culturas juvenis marcadas pelos estilos de vida	76
CAPÍTULO III – JOVENS E OS ESPAÇOS SOCIAIS	86
3.1 Características Identitárias e Socioeconômicas dos Jovens da Pesquisa	86
3.2 os Jovens da Pesquisa e o Mundo do Trabalho	88
3.3 Territorialidade: Relações com o Bairro que Habitam	96
3.4 A Relação familiar como Constituidora do Capital Social e Cultural	104
CAPÍTULO IV – REDES SOCIAIS VIRTUAIS E SOCIABILIDADE JUVENIL	111
4.1 Os Jovens e o Mundo Virtual	111
4.2 O Mundo Virtual e as Relações Familiares	117
4.3 Jovens e Redes Sociais Virtuais	119
4.4 Comunidades Virtuais: Espaço de Interação e de Reconhecimentos Sociais ..	129
4.5 Perfil Identitário nas Redes Sociais	133
4.6 Jovens e o Mundo dos <i>Selfies</i>	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	145
ANEXOS	154

INTRODUÇÃO

Pelos processos de socialização e de interação social é que nós nos diferenciamos dos outros animais, além disso, não mantemos, com o passar do tempo, um único padrão de comportamento, pois as mudanças sociais são contínuas. Tal padrão se constitui a partir da construção histórica e social, transmitida pela cultura e pela comunicação simbólica e não exclusivamente por padrões genéticos, tais como, os que os animais apresentam.

Ao desenvolver as características biológicas, o homem também acumula suas percepções culturais que se tornam condições necessárias para sua maior sociabilidade. Mesmo não tendo nascido um ser social, o homem se torna social, na medida em que vai adquirindo características humanas por meio dos processos de comportamento, valores, normas, crenças, bem como pelo desenvolvimento de atitudes, ações, sentimentos coletivos e de comunicação.

Para que o homem possa ser entendido em sua relação com a sociedade, no seu dia a dia, é preciso entendê-lo em sua totalidade e em sua singularidade, pois é a partir das regularidades e irregularidades estruturais e funcionais que a organização social se constrói. O homem é um animal hierarquicamente estratificado, com um depósito evolutivo a partir das definições de cada nível: psicológico, social, cultural e orgânico (GEERTZ, 1989).

Com lugar designado e incontestável e com o surgimento natural da concepção de homem, ancorado nas diversas ciências, encontra-se a importância central do nível cultural e social do ser humano. Neste sentido, as discussões no campo das ciências humanas buscam evidenciar as mudanças econômicas, políticas, sociais, culturais que se processam na sociedade ao longo de sua história. São tais mudanças sociais que influenciam os modos de ser, pensar, agir e interagir dos homens, pois estes necessitam uns dos outros para sua sobrevivência e, nesse estarem juntos no mundo, houve o surgimento das formas de expressão cultural, normas, leis, costumes que dão sentido ao regime social.

Para Marx (2004), a constituição da sociedade, da realidade humana, dá-se por meio de um processo de constante transformação e cabe ao homem identificar, acompanhar e dirigir essas transformações, a partir da realidade concreta do homem e não da realidade das ideias. Quando participamos da vida em sociedade, ocorre a

socialização e com o avanço do desenvolvimento das tecnologias dá-se origem a uma nova forma de sociabilidade, de pensamento, de ação e interação, decorrentes do processo de informatização principalmente na área das comunicações, expandindo os limites do conhecimento e da sociabilidade.

A partir de relações sociais virtuais ou não, vão surgindo os valores postos pelos grupos institucionalizados, por meio dos quais suas ações coletivas estabelecem as regras de convivência. Assim, pelo processo de interação social, pela vivência coletiva, as culturas são formuladas e reformuladas, transmitidas aos grupos fazendo com que a organização social torne-se produto das diferentes significações e valores que fazemos do todo que nos é apresentado.

No processo sociocultural, encontramos a juventude, categoria social complexa que aparece como produto histórico e socialmente localizado do mundo moderno. Como tal, a juventude se encontra também incluída no processo de transformação da sociedade que vem surgindo do avanço do desenvolvimento tecnológico que, por sua vez, contribui para provocar mudanças econômicas, políticas e culturais.

No processo de avanço do desenvolvimento tecnológico, novas questões são colocadas ao sistema social, explicitando inúmeras inconsistências em um mundo no qual surgem novas formas de interação. Este fato, decorrente dos avanços socioculturais e tecnológicos nos leva a mudanças nas organizações e no pensamento humano, exigindo que tenhamos autonomia, criatividade e autocrítica na obtenção e seleção das informações que nos chegam, a fim de que possamos construir conhecimentos nas diversas áreas.

Percebe-se, no entanto, que no contexto tecnológico, na não linearidade das informações e, ao mesmo tempo, nas conexões entre elas, o computador tem sido aliado na aquisição e no desenvolvimento dos modos de representação e compreensão do pensamento humano. Desse modo, é necessário entender como se processa a formação dos jovens na contemporaneidade, uma vez que eles estão envolvidos no desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Considera-se que, para que se entenda a sociabilidade juvenil a partir das redes sociais virtuais, é preciso entender as culturas juvenis, perceber como elas são constituídas em diferentes espaços, quer sejam presenciais ou virtuais, pois cada jovem em seu campo vive e produz os modos de ser jovem. Mesmo na

contemporaneidade, percebemos que os jovens, apesar da mobilidade que têm no espaço social, em suas trajetórias, apresentam uma forte relação com a família, com os vizinhos, com os amigos (virtuais ou não) e com a escola, sendo que todos esses sujeitos são cruciais no processo de constituição de *habitus* dos agentes sociais.

Os jovens produzem e são produzidos nas interações sociais e as experiências vividas compõem a trajetória pessoal e individual de cada jovem. Ser jovem no mundo contemporâneo passa pelas diferentes culturais juvenis nos diversos espaços, contextos sócio-históricos e culturais.

Os jovens de hoje têm nova maneira de ver, pensar e apreender o contexto que os envolve, pois estão imersos em um mundo de tecnologias avançadas, no qual as tecnologias e a comunicação promovem rápida atualização das informações, do conhecimento e das experiências adquiridas por eles, que vão além das experiências da estrutura familiar ou do ciclo de amigos que os constituem, com forte influência na constituição subjetiva destes jovens.

Hoje, existe uma multiplicidade de tecnologias acessíveis, tais como: TV, computador, internet, videogames interativos, *iPhone*, *ipod*, celulares, e outros recursos que veiculam informações em tempo real. Essas tecnologias acabam por influenciar nas formas de pensar e de aprender dos jovens, que anunciam uma cultura diferente da apresentada pelas gerações anteriores. É como se o tempo cronológico e biológico para a aquisição do conhecimento na contemporaneidade não existisse mais. Os jovens parecem ter uma vontade de assimilar tudo muito rapidamente sem, talvez, refletir acerca do conhecimento e das informações recebidas, não avaliando devidamente as mensagens recebidas impulsionadas pela emergencialidade de pensamento dada no mundo tecnológico no qual a compreensão e os significados dos conceitos têm nova dimensão.

Para que se entenda essa dimensão, é preciso estudá-la, observá-la, a partir das metodologias científicas que são determinadas pelo objeto da pesquisa e objetivos propostos no desenvolvimento do trabalho. Optamos, portanto, pela pesquisa qualitativa por ela ter características que correspondem às necessidades desta investigação. Segundo Ludke e André (1986), uma pesquisa qualitativa, ou também chamada de naturalística, assenta-se em cinco características básicas: a) ter o ambiente natural como fonte direta dos dados; b) os dados coletados são geralmente descritivos; c) há mais preocupação com o processo do que com o produto; d) o significado dado pelas pessoas às coisas e as suas vidas é objeto de

atenção por parte do pesquisador; e) a análise dos dados é, na maior parte das vezes, indutivo.

Logo, a metodologia de investigação qualitativa pareceu-nos como a mais adequada para a compreensão, interpretação e descrição dos fenômenos que constituem as preocupações desta pesquisa. Em outras palavras, essa metodologia se mostrou necessária para compreender os processos de conhecimento estabelecidos por meio da realidade das redes sociais virtuais, sociabilidade juvenil, a partir do momento que se considera os fatos sociais vivenciados pelos agentes da pesquisa.

Os agentes da pesquisa são sujeitos que trazem consigo pensamentos, sentimentos, ações e reações às diversas situações colocadas pelo mundo histórico-social e não linear em que se encontram inseridos. A investigação qualitativa é, portanto, a mais adequada para responder ao problema levantado na pesquisa, principalmente por enfatizar o processo histórico-social, tendo como base a identificação do modo de produção social e de sua relação com a superestrutura. A partir desta análise é possível proceder com a interpretação dos fenômenos observados.

Como pesquisa de abordagem qualitativa, esta pesquisa pode ser caracterizada, também, como dialética, pois fornece bases para uma interpretação dinâmica da realidade, mostrando que os atos sociais não podem ser entendidos se considerados isoladamente, fora do contexto econômico, político, social e cultural em que se deram. Opõe-se de forma natural ao método quantitativo como normativa, distinguindo-se, desse modo, da pesquisa de ótica positivista.

O pensamento dialético reconhece que o real não está pronto e acabado e tudo que chamamos de real, do ser, não existe como bloco pronto e acabado, mas que se constitui em um processo permanente do devir. É no devir que centraremos a pesquisa, a partir da compreensão da juventude como categoria histórica e temporalmente colocada, a partir do processo de desdobramento e de transformação do pensamento social com base na história concreta dos homens. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa permite confrontar os dados coletados de forma descritiva com o conhecimento teórico existente a respeito do assunto. Porém, é preciso que se tenha um ponto de partida central. Nesta pesquisa, este ponto está em entender e responder às seguintes indagações: quais sentidos um grupo de

jovens de ensino médio da rede pública de educação estabelece às redes sociais virtuais frente às experiências constituintes no espaço virtual?

A partir da pergunta central, outras perguntas surgem como pertinentes. Entre outras, podem ser colocadas: 1) Como aqueles jovens percebem e se apropriam dos conteúdos veiculados nas redes sociais virtuais? 2) Como se constituem os grupos com os quais eles se comunicam? 3) As redes sociais se constituem como uma extensão das relações presenciais que os jovens estabelecem nos diferentes lugares ou se constituem como grupos à parte, desvinculados de qualquer territorialidade? 4) Quais são os principais conteúdos que são trocados por esses agentes? O objeto desta pesquisa surge, portanto, de inquietações e incertezas sobre como se constituem a sociabilidade juvenil na contemporaneidade, a partir das redes sociais virtuais.

Este estudo aborda os fluxos de sociabilidade juvenil a partir de tais redes e das experiências vividas pelos jovens selecionados, cursando o ensino médio da rede pública de educação, identificando o significado de cada ação de interação social, com o surgimento da internet, detendo-se mais especificamente nas redes sociais virtuais como um dos campos veiculadores da vida social de jovens que se inserem como atores envolvidos nos mais diversos meios de convívio e contexto histórico.

Neste estudo, buscamos investigar um grupo de jovens do ensino médio da rede pública de educação de Porangatu. Este município localiza-se geograficamente no extremo Norte de Goiás, divisa com o Edo Tocantins. A opção pelo campo empírico recaiu sobre um colégio estadual de Ensino Médio de Porangatu por ser este estabelecimento um *locus* privilegiado de circulação diversificada de jovens. Ele é uma das duas unidades de ensino que oferecem exclusivamente o Ensino Médio em Porangatu. Está localizada no centro da cidade, atende aos alunos da zona urbana (central e periférica), zona rural e estudantes das cidades mais próximas como Santa Tereza de Goiás e Mutunópolis, que ficam uma média de 15 Km de Porangatu.

Durante ano de 2014, período da coleta de dados, havia no Colégio um total de 852 alunos atendidos nos três turnos: matutino, vespertino e noturno. No matutino, havia um total de 122 alunos matriculados em quatro turmas (A, B, C e D) do segundo ano. Optamos, pois, por trabalhar com os alunos das turmas B e C, pois

no dia agendado para a aplicação dos questionários, as turmas A e D estavam realizando avaliação da aprendizagem.

A realização da coleta de dados da pesquisa teve quatro etapas que ocorreram entre agosto e novembro de 2014. Na primeira etapa, ocorrida no final de agosto, foram realizados contatos com a direção da unidade escolar, visando esclarecer os objetivos da pesquisa, a determinação dos agentes (sujeitos da pesquisa) e a entrega do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Na segunda, ocorreu o recebimento dos referidos termos que foram assinados pelos responsáveis e pelos próprios sujeitos pesquisados. Em seguida, agendamos uma data para a aplicação do questionário para todas as turmas do 2º ano do Ensino Médio do período matutino. Na terceira, os questionários foram aplicados nas turmas B e C. A quarta e última etapa da pesquisa consistiu na entrevista com 12 dos alunos que responderam ao questionário.

Um fato a ser destacado durante a aplicação do questionário na turma B refere-se à quantidade de alunos que iniciaram o preenchimento e respostas ao questionário. Na ocasião, a turma contava com 33 alunos frequentes e 25 estavam presentes no dia da aplicação do questionário, porém, cinco estudantes se recusaram a participar da pesquisa, totalizando 20 participantes. Entretanto, durante a aplicação do questionário, três alunas que haviam iniciado as respostas, de repente, desistiram e preferiram juntar-se aos que não queriam participar. O interesse desse grupo menor era de poder ficarem juntos para acessarem as redes sociais.

Segundo alguns dos critérios relevantes, definidos para a realização deste trabalho, bem como da análise criteriosa das respostas obtidas por meio dos questionários aplicados no início da investigação, doze dos sujeitos da pesquisa foram selecionados para entrevistas. Dentre eles, estão aqueles que declararam usar a internet com frequência; aqueles que se manifestaram com disponibilidade para expressar suas concepções acerca do que entendiam sobre redes sociais virtuais e por fazerem uso do *Facebook* e *WhatsApp*, entre outras redes sociais virtuais.

A faixa etária dos jovens pesquisados era de 15 a 17 anos. Conforme combinação prévia, foram utilizados códigos para fazer referência aos sujeitos da pesquisa, a fim de evitar identificação e exposição dos pesquisados. Dos entrevistados, 26 são do sexo feminino e oito do sexo masculino. Para a coleta de

dados não foi estabelecido que os respondentes correspondessem a um percentual de 50% para cada sexo. Logo, o número maior de pesquisados do sexo feminino se deu por ser maioria nas turmas pesquisadas, e porque, espontaneamente, se prontificou a participar da pesquisa.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados da pesquisa, foram utilizados o questionário e a entrevista semiestruturada, realizada a partir de um roteiro previamente traçado. (cf. anexos um e dois). As questões do questionário foram formuladas a partir dos objetivos da pesquisa e com o intuito de se chegar o mais próximo possível da descrição dos agentes pesquisados. As questões elaboradas para o questionário variaram. O conjunto delas conteve questões abertas, fechadas e dependentes, referindo-se a categorias como crenças, atitudes e comportamento.

O segundo instrumento da pesquisa utilizado foi a entrevista semiestruturada, de natureza qualitativa e individual. Assim, ao proceder com a entrevista, buscamos obter informações mais detalhadas do que mais se aproximava dos objetivos propostos na pesquisa, a partir das vivências dos entrevistados. As entrevistas individuais duraram aproximadamente 20 minutos. Foi tomado todo o cuidado para que a entrevista não ultrapassasse esse tempo, levando-se em conta o não comprometimento do horário das aulas. As perguntas e as respostas foram gravadas e transcritas, respeitando a subjetividade e o estilo de linguagem de cada sujeito da pesquisa.

Para realizar uma análise mais apurada dos dados coletados, foi necessário traçar um percurso teórico entre o objeto da pesquisa e os conceitos que nos dão suporte para a compreensão dos dados coletados. Nesse sentido, a fim de delimitarmos a abrangência dos processos de relações sociais, e ainda para facilitar a exposição dos resultados da pesquisa, no Capítulo I, optamos por ter como base obras de autores como Marx (1963, 1976, 2004), Marx e Engels (1998), Williams (2011), teóricos da Sociologia que se dedicaram ao estudo da sociedade e suas culturas. Para análise das redes sociais e virtuais recorreremos a Baechler (1996), Turner (2000), Castells (1999, 2003, 2005), Tamáel (2005), Marteleto (2010), Marinho (2011), Recuero (2009). Levy (1999), Velasques (2012). No primeiro capítulo, construímos, pois, um referencial teórico e histórico dos processos de constituição das redes sociais desde os primórdios da humanidade, chegando até aos processos contemporâneos de socialização, a partir das redes sociais virtuais e não virtuais. Para tanto, discutiu-se as vertentes teóricas das relações sociais a

partir da lógica dialética, bem como das trajetórias de vida marcadas pelas relações de poder e práticas sociais de existência humana.

No Capítulo II, os autores estudados foram Guimarães e Duarte (2009), Velho (2006), Laraia (2009), Geertz (1989, 2008), Engels (2004), Severino (2001), Veiga Neto (2003), Williams (1969, 1992), Bourdieu (1989, 1996, 2003, 2004, 2007), Duarte (2012), Guimarães e Grinspun (2008), Cavalcante (2010), Dayrell (2003), Pais (1990), Feixa (2008). Neste capítulo, discutimos as abordagens-base do entendimento da construção histórico-social das culturas em campo mais geral, e das culturas juvenis, em particular, estabelecendo uma relação entre os modos de ser dos jovens e suas culturas, a partir das relações sociais em seus campos, em meio ao contexto histórico da humanidade, que marca as culturas juvenis a partir de seus estilos de vida como categoria social.

No Capítulo III, os teóricos referenciados foram Bourdieu (1996, 2003, 2004, 2007), Zucchetti e Bergmaschi (2007), Spósito (1993), Duarte (2012), Cavalcante (2010), Fernandes (2009), Pereira (2004). Neste capítulo, discutimos a dinâmica dos jovens pesquisados em seu espaço social, suas características identitárias e socioeconômicas, a partir das relações no mundo do trabalho e familiar como constituidora de capital social, cultural e social destes agentes juvenis.

No Capítulo IV, trazemos uma análise dos dados coletados, assentada na contribuição de autores como Recuero (2005), Rosa e Santos (2003), Cavalcante (2010), Pais (2006), Lemos (2009), Castells (2003; 2007), Santaella (2008), Oliveira (2015) e Fragoso (2011). O objetivo deste capítulo foi discutir o conceito de juventudes e sua sociabilidade, a partir das redes sociais virtuais, com o intuito de apresentá-la o mais próximo possível da categoria juvenil inserida em um mundo em constante transformação.

CAPÍTULO I - PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO

Este capítulo tem por objetivo construir um recorte teórico da estruturação de processos contemporâneos de relações sociais. Pretendemos analisar, em primeiro lugar, o caráter histórico e social que constitui os homens em suas relações produtivas e sociais, ou seja, vemos o homem como produtor de tecnologia, sendo ele também modificado, social e culturalmente, pelas relações inerentes à cada transformação tecnológica. Buscamos compreender que os homens, ao produzirem novas tecnologias, constroem formas de se relacionar entre si e com o próprio mundo produtivo em uma relação dialética. A cultura se constitui então como categoria central na análise dos homens em suas relações sociais, em seus processos de sociabilidade, pois ela não se constitui apenas como um reflexo das forças produtivas, mas, em fator de dinamização da constituição do próprio homem, em todos os seus aspectos.

Para entendermos melhor o conceito de sociabilidade que tem sido tema dos campos das investigações sociais, foi necessário fazer uma breve discussão no campo da história, buscando perceber, em um primeiro momento, como a socialização ocorre em diferentes contextos e épocas. Para que se possa ter uma noção de socialização, optou-se por abordar as vertentes socializadoras a partir da lógica dialética (MARX, 1971; 2004; 1963) e da trajetória de vida marcada pelas relações de poder e práticas sociais e existência humana (BOURDIEU, 1989; 1996; 2004; 2007; 2008). Em um segundo, apresentamos os aportes gerais das culturas a partir de Williams (2011), a fim de compreender a importância da cultura na constituição social do homem, através dos tempos históricos.

Em seguida, analisamos como as redes sociais se constituem dando sentido aos processos de sociabilidade dos homens e o consequente surgimento de regras, normas e leis que estabelecem os limites e direitos de cada pessoa no processo de convivência social. É, pois, a partir da interação com os outros que nos tornamos humanos, sendo esta a condição para se viver em sociedade e construir nossas redes de relações sociais. Esta análise se dá a partir das discussões sobre os processos sociais tendo como aporte teórico autores como: Marinho (2011), Marques (2012) Velasques (2012) e Baechler (1995).

A última discussão trata do avanço do desenvolvimento da tecnologia e da influência desta nos processos sociais, culminando em um novo cenário virtual de

relações e de propagação de culturas. O alargamento mencionado levou à integração dessas socializações via rede de computadores. Nesse processo, a presença da internet trouxe uma maneira nova e significativa de desenvolvimento de sociabilidade. Para esta análise, utilizamos as contribuições de autores como Lévy (1999), Castells (1999; 2003; 2005), Recuero (2009), Marteleto (2010).

1.1 Relações Sociais na Vertente Histórico-dialética

As mudanças e, conseqüentemente, o desenvolvimento dos modos de produção esteve e, ainda, está ligado às exigências das modificações nas formas de trabalho. A Revolução Industrial foi um marco desta realidade, pois tornou a forma de trabalho mais organizada, rompendo com as estruturas corporativas da Idade Média, e substituindo as formas artesanais de produção pelas formas industriais proporcionadas pelo desenvolvimento técnico e a descoberta de novas tecnologias, levando ao desenvolvimento industrial acelerado e à força de trabalho assalariada.

Essas modificações edificam uma nova ordem, moldam novas formas de organização e de relações de trabalho. Dessa realidade resultou o capitalismo, que tornou-se hegemônico a partir do século XIX, transfigurou todo o formato de nossa vida social, que ficou marcada pela forma cruel de exploração do trabalho. No capitalismo, a classe burguesa detém os recursos materiais para a produção, cabendo à classe operária, ao proletariado, fornecer o único recurso de que dispõe: a força de trabalho. O impacto do capitalismo acabou por gerar a criação de duas classes sociais básicas, levando, simultaneamente, ao nascimento dos primeiros movimentos sindicais e políticos travados visando a transformação e a melhoria das condições de exploração do trabalho da classe operária. No bojo desse processo, surgem novas formas de pensamento e novos campos científicos.

De acordo com Marx (2004), a análise da vida social deve partir do estudo dos fatos concretos na perspectiva de expor o real de forma conjunta. As relações materiais estabelecidas pelos homens e a forma como produzem seus meios de vida formam a base de todas as relações dos homens. Os homens, desde seus primórdios, mantêm relações de sociabilidade com os outros homens e com a natureza na busca de suprir suas carências, recriando a si próprios e reproduzindo sua espécie por meio das gerações que se sucedem. Neste processo de reprodução desenvolvido pelo homem, diferente do animal, o trabalho humano adquiriu espaço

especial ao longo da história. O homem assegurou as condições de existência de forma consciente, cumulativa na busca da realização de suas necessidades imediatas.

Desse modo, quando os homens estão produzindo os meios indispensáveis para prover suas necessidades, eles acabam por organizar-se socialmente, estabelecendo relações sociais que se diferem em cada contexto. Neste processo de organização, interferem na natureza, na busca de domínio das condições naturais de forma planejada. Mas, mesmo planejando, não se pode afirmar que conseguirão ter êxito total em seu plano, ou se há interesses coletivos em tais planejamentos. O ato em si de produção acaba por gerar novas necessidades que são históricas, tornando-se uma espécie de produto do existir humano.

A maneira como os homens produzem seus meios de existência dependem, antes de mais nada, da natureza dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir. Não se deve considerar esse modo de produção sob esse único ponto de vista, ou seja, enquanto reprodução da existência física dos indivíduos. Ao contrário, ele representa, já, um modo determinado de manifestar sua vida, um modo de vida determinado. A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção (MARX; ENGELS, 1998, p. 11).

À medida que obtém o resultado das ações empreendidas, os homens adquirem experiências e estas são transformadas por meio da cultura. Esse processo de produção e reprodução do homem se dá mediado pelo trabalho, por meio do qual se constitui a própria história social do homem, por ser a atividade humana *omnilateral* que envolve os campos econômicos, sociais, políticos e intelectuais. Para Marx (1963), a sociedade é o produto da ação recíproca que os homens estabelecem com a realidade, que não é determinado pelos desejos individuais, mas sim construído a partir do desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais de produção dos homens.

Compreende-se que o trabalho não é uma atividade humana isolada, pois confere ao homem, ao estabelecer relação homem natureza, uma dimensão social ligada a uma forma de cooperação, que constitui a força produtiva presente desde a origem da civilização humana. Portanto, as relações sociais de produção estabelecem as formas de organização social para produzir. Nesse processo, os

saberes necessários para produzir podem ser apropriados desigualmente, impostos pelas classes sociais. “[...] toda a estrutura interna de cada nação, depende do nível de desenvolvimento de sua produção e de seus intercâmbios internos e externos...” (MARX; ENGELS, 1998, p. 11).

Na forma de organização social de produção, está presente a divisão social do trabalho, que gera segregação dos homens, vinculada às formas produtivas de mercadorias. À medida que novas formas de produção são implementadas, em decorrência dos avanços tecnológicos, altera-se também as relações sociais. Um exemplo dado por Marx (1974) é o caso do moinho nos períodos feudal e industrial.

O moinho movido nos braços nos dá a sociedade dos senhores feudais; o moinho movido a vapor, a sociedade dos capitalistas industriais. Os homens, ao estabelecerem as relações sociais vinculadas ao desenvolvimento de sua produção material, criam também os princípios, as ideias e as categorias conforme as suas relações sociais. Portanto, estas ideias, estas categorias, são tão pouco eternas quanto as relações às quais servem de expressão (MARX, 1974, p. 91).

Nessa perspectiva, para Marx, à medida que o homem altera suas tecnologias, vão surgindo novas ideias, novos princípios, e, por conseguintes, novas invenções, determinadas inclusive pelas contradições existentes de classes e a consequente dominação de uma sobre a outra, por meio da produção material. Mas tanto as ideias, os princípios como as relações, são alteradas à medida que os meios de produção evoluem. “A produção das ideias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e intimamente ligada à atividade material e ao comércio material dos homens; ela é a linguagem da vida real” (MARX; ENGELS, 1998, p. 18).

Nesse sentido, as forças produtivas e as relações sociais de produção são expressas nas desigualdades sociais do trabalho, na divisão do que corresponde à estrutura das classes sociais que foram se estabelecendo na medida em que as forças de produção se desenvolveram, interligadas, mas provocando alterações umas nas outras à medida que se alterava as formas de produção.

Conforme Marx (1976), a infraestrutura das sociedades é a base na qual se constitui e se assentam as demais instituições sociais. No entanto, os homens também produzem outras espécies de produtos na vida social. Entretanto, tais espécies não assumem exclusivamente a forma material concreta, ou seja, geram as ideologias políticas, as concepções religiosas, os códigos morais e estéticos, o

ensino, as leis, os códigos de comunicações, o conhecimento científico e filosófico, as representações coletivas etc., chamadas de superestrutura ou supraestrutura.

[...] são os homens que produzem as suas representações, as suas ideias, etc., mas os homens reais, atuantes, e tais como foram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e do modo de relações que lhes corresponde, incluindo até as formas mais amplas que estas possam tomar. A consciência nunca pode Ser mais que o Ser consciente, e o Ser dos homens é o seu processo da vida real. Assim, a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, tal como as formas de consciência que lhes correspondem, perdem imediatamente toda aparência de autonomia. Não têm história, não tem desenvolvimento; senão, antes, os homens que, desenvolvendo a sua produção material e as suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos deste pensamento. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência (MARX; ENGELS, 1998, p. 25-26).

Nessa perspectiva, a superestrutura é determinada pela forma com a qual os homens organizam os processos produtivos, os quais determinam a consciência social, cujo ser social, inversamente, determinou a consciência do homem. Assim, para Marx, a sociedade burguesa aparenta ser uma coisa, mas sua essência é outra levando e sendo levada ao processo de exclusão-inclusão gerado pelo modo de produção e sociabilidade capitalista.

Para Marx (2004), o homem é um ser universal e, assim, o caráter social do homem é universal, bem como toda movimentação humana, pois tanto o homem produz a sociedade como é por ela produzido. Nesta perspectiva, o homem deve estar em constante construção de sua *omnilateralidade*, rompendo com a unilateralidade imposta pelo trabalho alienado. Neste processo, os conhecimentos socialmente produzidos estão em constante relação entre trabalho e educação, gerando conflitos que podem possibilitar a desalienação do homem, contribuindo para romper barreiras de conflitos e tradições que são colocados aos homens por alguns segmentos da superestrutura, como se fossem determinados por alguma força exterior ao próprio homem.

Para o teórico, a dimensão espiritual e a criação cultural são fatos integrantes da humanidade. Vale dizer, não há nada fora da realidade concreta vivenciada pelo homem, sendo que o real não se apresenta idêntico a si mesmo e está sempre em transformação, em um processo não linear e nem somente cronológico, mas que se dá em função dos conflitos internos, na luta dos contrários, no preenchimento de

uma etapa que ao encontrar-se saturada, busca uma nova etapa a ser vivenciada, vivida (MARX 1974, p. 78).

O homem não é um ser social apenas objetivado, mas também subjetivado, já que, segundo Marx, tanto a produção material quanto a espiritual são momentos de produção concomitante e não estanque e cristalizado na totalidade social. A dimensão subjetiva do homem, de sua formação de pensamento, de valores é fundamental tanto para a vida social quanto para a objetivação. Para Marx e Engels (1998), os homens são o que representam, o que coincide com a própria produção do homem, tanto que o que eles são depende das condições materiais de sua produção. Neste processo, há uma sintonia entre o que é produzido intelectual e materialmente, sendo que a produção material deve ter uma conotação histórica determinada e não determinante.

No entanto, segundo Williams (2011), autores marxistas considerados como ortodoxos, interpretam as concepções de Marx a partir de um viés consubstanciado em um determinismo econômico, o que para Williams, apresenta dois problemas centrais na análise da relação entre infraestrutura e superestrutura.

Na perspectiva ortodoxa, a “[...] base determinante e da superestrutura determinada tem sido comumente considerada a chave para uma análise cultural marxista”. No entanto, para o autor, o próprio Marx “[...] se opõe à ideologia que enfatiza o poder de certas forças exteriores ao homem ou na versão secular de uma consciência abstrata determinante” (WILLIAMS, 2011, p. 43, 44). Marx rejeita esta assertiva, pois, para ele, a determinação encontra-se nas atividades desenvolvidas pelo homem.

No determinismo econômico de alguns marxistas ortodoxos, a base apresenta uma concepção estática, como sendo a condição das relações de produção reais do desenvolvimento das forças produtivas materiais. Esta é uma proposição ainda recorrente na contemporaneidade e considerada como fundamento de todas as outras atividades, pois,

enquanto uma determinada fase de desenvolvimento da produção pode ser descoberta e especificada por meio da análise, ela nunca é, na prática, uniforme ou estática. De fato, uma das proposições centrais do sentido da história em Marx é de que existem contradições profundas nas relações de produção e nas consequentes relações sociais (WILLIAMS, 2011, p. 46).

Para o próprio Marx, as forças produtivas e relacionais são de homens reais, portanto, dinâmicas, complicadas e contraditórias para além da metáfora de base, pois a base (ou infraestrutura) é um processo e não um estado estático, imutável que não pode ser transposto. Para Williams (2011), é preciso reavaliar cada termo da proposição em uma direção específica. Assim, deve-se reavaliar:

[...] “determinação” para fixação de limites e o exercício de pressões, afastando-a do conteúdo previsto, prefigurado e controlado. (...) “superestrutura” em direção a uma gama de práticas culturais relacionadas, afastando-a de um conteúdo refletido, reproduzido ou especificamente dependente. [...] ‘base’ afastando-a da noção de uma abstração econômica e tecnológica fixa e aproximando-a das atividades específicas de homens em relações sociais e econômicas reais, atividades que contêm contradições e variações fundamentais e, portanto, encontram-se sempre num estado de processo dinâmico. (WILLIAMS, 2011, p. 47).

É preciso estar atento às ilações que fazemos ao analisar base e superestrutura, apesar de Marx tê-las analisado para dar a noção de trabalho produtivo e forças produtivas. Logo, quando nos propomos a fazer uma análise cultural e dos processos de sociabilidade é necessário compreendermos que o homem produz a si mesmo e a sua história.

Para a análise das relações sociais, é preciso que se leve em consideração “[...] que em qualquer sociedade e em qualquer período específico há um sistema central de práticas significativas e valores que podemos chamar apropriadamente de dominante e eficaz”. Para o autor, este é um ponto central, um sistema cooperativo de significados e valores centrais efetivo e dominante, não abstrato, mas organizado e vivido. Portanto, a hegemonia não é mera opinião ou manipulação que implica a análise da compreensão da natureza do homem e de seu mundo e “[...] só podemos entender uma cultura efetiva e dominante se compreendermos o processo social real do qual ela depende: refiro-me ao processo de incorporação” ((WILLIAMS, 2011, p. 53-54).

O processo de incorporação cultural apresentado por Williams (2011, p. 54) tem um ponto central por apresentar grande significado social, à medida em que “[...] As instituições educacionais são geralmente as principais agências de transmissão de uma cultura dominante eficaz”. Mesmo com caráter econômico e cultural e em nível filosófico e histórico das práticas sociais, há o que o autor denomina de “tradição seletiva”, “passado significativo”, o que em sociedade pode ser aceito,

negligenciado ou excluído pela sociedade vigente de cada época, e até mesmo reinterpretado, dando suporte ou não, contradizendo os elementos de uma cultura dominante que envolve todas as forças (instituições familiares, religiosas, organizações do trabalho, tradições intelectuais e teórica etc.) na elaboração e reelaboração da cultura dominante.

A partir do processo histórico é possível perceber que as mudanças que ocorrem na estrutura, nas relações de produção, articulam-se de forma homóloga com à superestrutura em um processo de reconciliação entre estrutura e superestrutura para que estas atendam às novas demandas colocadas pelo contexto histórico social de cada época em um processo de cultura dominante.

No tempo presente, esse processo não é diferente. As mudanças econômicas advindas do avanço tecnológico estão articuladas, às mudanças na superestrutura, na própria emancipação do homem na busca, cada vez maior, pela exacerbação do consumo e da individuação do homem. Nessa perspectiva, a relação entre estrutura e superestrutura não se configura como estática e subordinada, mas há uma relação dialética entre elas, na medida em que a superestrutura também influencia a estrutura como instrumento de reprodução ou de mudança social.

1.2 Relações de Poder e as Práticas Sociais de Existência Humana

Segundo Burawoy (2010), ao buscar os pontos de encontros e desencontros entre Marx e Bourdieu, este segundo autor teria desenvolvido suas pesquisas na busca de compreensão da cultura como campo relativamente autônomo em relação ao campo da produção, ou seja, não apenas determinando por aquele, mas também o determinando, em uma relação dialética.

Ao centrar seu trabalho dentro da superestrutura, não olhou apenas para os fatores econômicos, mas também para o campo social, cultural e simbólico. Burawoy (2010) argumenta que Bourdieu leva em consideração a prática humana e rompe com a centralidade das ações economicistas. Para ele, a estrutura e a ação estão presentes e internalizadas pelos agentes sociais por meio do *habitus que é* composto por esquemas de percepções, de pensamentos e de ações que coordenam as práticas de interação dos homens pelas diversas formas de comunicação. Bourdieu define *habitus* como:

[...] estruturas mentais, através das quais eles aprendem o mundo social, são essencialmente o produto da interiorização das estruturas do mundo social. Como as disposições perceptivas tendem a ajustar-se à posição, aos agentes, mesmo os mais desprivilegiados. Tendem a perceber o mundo como evidente e aceita-lo de modo mais amplo do que se poderia imaginar, especialmente quando se olha a situação dos dominados com o olho de um dominante (BOURDIEU, 2004, p. 158).

No processo de interação social se constrói também a cultura de um povo, pois uma não exclui a outra, principalmente porque “[...] não há possibilidade de conceber o destino humano desligado da sociedade na qual ele se insere” (GUIMARÃES, 2011, p. 23). A interação social é o resultado dos estímulos de reciprocidade entre os agentes sociais. Porém, as interações apresentam variações de padrões dependendo do campo ocupado por esse agente e, conseqüentemente, de seu *habitus* em um processo contínuo, permanente e duradouro que acompanha o ser humano por toda a sua existência. Neste processo, está incluído o gosto que é definido pelo *habitus* do agente, a partir de sua experiência de vida, que lhe proporciona transitar em outros espaços que não seja apenas o de seu campo específico.

A distribuição das posições no espaço social constrói-se a partir do tipo de capital familiar experienciado pelos agentes a partir das trajetórias sociais no presente e no passado, enquanto herança familiar e do tipo de capital que recebe, seja ele social, econômico, cultural ou simbólico. A carga de construção desses capitais vai lhes imprimindo gosto e estilo de vida.

Ao analisar os princípios do capital social de Bourdieu (1989; 2004; 2007), percebe-se que este vem carregado de recursos relacionados às relações que se estabelecem com os membros do grupo, dando sentido ao sentimento de pertença dos agentes ao grupo, pois as razões desta pertença podem apresentar sedimentação na formação do grupo.

Assim, as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses que estão associados a ela) e segundo seu *habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social. [...] E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído... (BOURDIEU, 2004, p. 158).

A posição social construída apoia-se nos objetos, nas práticas, nas representações, interesses de cada agente ao inserir-se em um grupo, mas

transforma o campo em espaço de disputas a partir dos objetos apreendidos. Todo esse processo é histórico, produz-se no discurso das classes e reconhece-se neste discurso levando, a partir da necessidade de cada campo, à classificação e reclassificação de certas ordens dos modos de agir, pensar e viver.

[...] Em outros termos, através da distribuição das propriedades, o mundo social apresenta-se, objetivamente, como um sistema simbólico que é organizado segundo a lógica da diferença, do desvio diferencial. O espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida (BOURDIEU, 2004, p. 160).

Nossas condutas, portanto, são condicionadas pelo nosso estilo de vida, estando intimamente ligadas ao gosto e às práticas da cultura de cada agente a partir das condições específicas de socialização que são, primeiramente, apresentadas nos ambientes familiares e na escola de forma sistemática, levando os agentes à incorporação do capital cultural que vai imprimir nesse agente social o gosto cultural e suas relações comunicacionais, que são, a princípio, estabelecidas no contexto familiar como processo educativo. De acordo com o autor, é o *habitus* que irá se constituir como aspecto central na formação dos agentes, em especial, nas práticas e ações que irão executar em seu cotidiano. Assim,

[...] uma das funções da noção de *habitus* é dar conta da unidade de estilo que une as práticas e os bens de um agente singular ou de uma classe de agentes... O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição num estilo de vida unitário, quer dizer, num conjunto unitário de escolhas, de pessoas, de bens, de práticas (BOURDIEU, 1996, p. 9).

Os contatos sociais estão na origem da vida em sociedade, sendo este o primeiro passo para que ocorra qualquer associação humana. Porém, é preciso que haja o princípio gerador e unificador dos agentes sociais, pois é a partir dos contatos sociais que se pode estabelecer relações sociais, criando formas de atuação e comportamento como base da constituição dos grupos sociais. O *habitus* se constitui no espaço social no qual o agente adquire experiências subjetivas e objetivas.

A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital econômico, o capital cultural e o capital social e também o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes formas de capital (BOURDIEU, 1989, p. 134).

A estruturação objetiva das posições de cada agente e, conseqüentemente, das estruturas subjetivas das disposições que se desenham no campo de cada um, na inserção do mundo econômico e do mundo prático como explicativo das relações de poder dos grupos dentro da estrutura social, os campos de cada agente passam a ser representados a partir das diferenças dos capitais social, econômico, cultural e simbólico, deixando, pois, o poder econômico de ser o nivelador.

Porém, nem todos possuem o mesmo conjunto de capitais (cultural, social e econômico). Neste sentido, é que se dão as diferenças sociais e, conseqüentemente, a violência simbólica. As desigualdades vão sendo perpetuadas no interior da sociedade, a partir do jogo de dominação e reprodução de valores que perpassa uma sociedade injusta, capitalista e hierarquizada de poder e privilégio.

Pela socialização, o agente se integra ao grupo em que nasceu, assimilando o conjunto de *habitus* e costumes institucionalizados e característicos de cada grupo. Posteriormente, ele passa a pertencer a outros grupos, mas estabelece as relações com estes grupos, mediado pelas premissas de seus *habitus*, o qual condicionará o seu convívio social, unindo num mesmo espaço diferentes grupos sociais ou diferenciando-os. Tais premissas condicionarão as diferentes formas de sociabilidades para cada grupo, definido por sua classe ou categoria, a partir da vinculação do agente ao grupo social a que pertence, permitindo-lhe a aquisição de capital social.

Bourdieu (1996) propôs uma análise da socialização e sociabilidade de forma mais completa ao levar em consideração não só o tempo e a circulação de informações nas redes de sociabilidade, mas a determinação dos agentes a partir dos capitais: social, cultural e econômico e, em especial, o capital simbólico de condicionamento dos agentes sociais a uma cultura determinada.

É possível, a esta altura da exposição, comparar o espaço social a um espaço geográfico no interior do qual se recortam regiões. Mas, esse espaço é construído de tal maneira que, quanto mais próximos estiverem os grupos ou instituições ali situadas, mais propriedades eles terão em comum; quanto mais afastados, menos propriedades em comum eles terão. As distâncias espaciais – no papel – coincidem com as distâncias sociais. Isso não acontece no espaço real. Embora se observe praticamente em todos os lugares uma tendência para a segregação no espaço, as pessoas próximas no espaço social tendem a se encontrar próximas – por opção ou por força – no espaço geográfico, as pessoas muito afastadas no espaço social

podem se encontrar e entrar em interação, ao menos por um breve tempo, e por intermitência, no espaço físico... (BOURDIEU, 2004, p. 153-154).¹

Todo nosso existir: pensamento, ações, sentimentos, é mediado pelo *habitus*. Estar no mundo é trazer consigo o sentimento de pertença ao lugar que ocupamos na sociedade. Não é possível imaginar o homem vivendo sozinho, pois nosso mundo é de relações que envolvem o fluxo de pessoas que interagem, se organizam e no qual espera-se que cada um sinta e pense como o grupo.

Às diferentes posições no espaço social correspondem a estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo que chamamos estilo de vida) porque são o produto do mesmo operador prático, o *habitus*, sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é o produto: a correspondência que se observa entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida resulta do fato de que condições semelhantes produzem *habitus* substituíveis (BOURDIEU, 1983, p. 82).

Percebemos que o *habitus* se configura a partir da formação constituinte de espaços sociais que exercem papel de distinção constituída. O que dá este caráter é justamente as posições ocupadas por cada agente no espaço social, espaço em que cada pessoa revela um conjunto de *habitus* que podem ser substituídos a partir de condições objetivas e subjetivas de existência e de preferências concretas do agente social. Para Bourdieu (1983), há uma relação interdependente entre sociedade e indivíduo que são advindas dos condicionamentos materiais e simbólicos, traduzindo-se na posição social, independentemente do capital econômico, de *status*, de prestígio social que se encontra no deslocamento que estes aspectos assumem em cada momento histórico. O sentimento de pertença como estatuto social dá a característica do estilo de vida de cada agente.

1.3 Constituição das Redes Sociais e Processos de Socialização

¹ Este é um ponto que me parece como central na análise acerca da sociabilidade juvenil e as redes sociais virtuais, fazendo uma analogia com as análises de Bourdieu quando comparam o espaço social a um espaço geográfico em que se recortam regiões e que, possivelmente, quanto mais distantes os agentes se encontram geograficamente menos interagem fisicamente. No processo de interação virtual, possivelmente, os agentes pouco se encontram fisicamente e, possivelmente, todos que compõem a rede social dos agentes podem ter pouco em comum ou estarem no espaço virtual por apresentarem pontos em comum não fragmentados e impessoais. No entanto, é bom ressaltar que proximidade física necessariamente não se traduz em proximidade afetiva.

A convivência social entre os homens, desde os primórdios, sempre foi carregada de um universo individual de desejos materiais ou imateriais na corrida para a obtenção de bens concretos que satisfaçam seus próprios desejos. Para que a concretização desses desejos não os levasse de volta à condição de barbárie vivida pela humanidade em seus primórdios, surgiram as regras gerais criadas pelos homens, estabelecendo os limites e direitos de cada pessoa que, no decorrer do tempo, mudam de forma dinâmica por meio das conexões sociais de cada agente.

[...] é através de conexões sociais que as pessoas têm oportunidade de acesso a outros grupos sociais, bem como a bens e serviços, incluindo dinheiro, mantimentos, ferramentas, e também bens imateriais, como informação, carinho, solidariedade, apoio emocional, etc. Além disso, todas as transformações envolvidas com a circulação de tais bens e serviços materiais e imateriais possuem claramente dimensões simbólicas, como reconhecimento e prestígio social. Como não envolvem apenas reciprocidade específica, mas também generalizada, essas trocas não supõem sempre os mesmos bens ou serviços semelhantes e podem não ser necessariamente imediatas, dado o seu enquadramento na lógica da reciprocidade social. Além disso, o estatuto dessas relações também pode ser transformado pela mudança dinâmica de reciprocidade, troca e confiança... (MARQUES, 2012, p. 29).

Considerando as ideias de Marques, podemos fazer relação com a percepção de Turner (2000, p. 64), ao dizer que todos somos seres sociais e nos tornamos humanos a partir da interação com os outros em diversos contatos sociais, culturais políticos e pela capacidade que temos de estar em constante interação com outro homem. Dá-se o nome a esse processo de socialização, e ele continua, “[...] o homem revela e se reconhece nas relações com o outro e com as coisas por meio de símbolos”. Estes símbolos se convertem em símbolos culturais que promovem a interação e organização da sociedade tendo significados comuns, explorando todas as estruturas sociais no ditame da conduta dos agentes sociais.

A condição humana de viver em sociedade, dialogar com o outro e, a partir do diálogo, trocar conhecimentos, posicionar-se perante o mundo, perante a sociedade, comprometer-se com determinadas práticas sociais construindo sua história individual e social, é que reforça o caráter do homem como um ser gregário. Este quadro das relações sociais no qual o homem está inserido a partir das redes sociais não é considerado terminologia nova. Ela existe há mais de um século, e designa as relações estabelecidas pelos homens em suas redes de convívio social.

[...] Sempre houve redes sociais. Barabási (2009, p. 3-4) descreve a atuação do apóstolo Paulo para ilustrar o funcionamento de uma rede social, por meio de uma rede técnica, na qual o apóstolo percorria parte do Oriente Médio e Europa pregando o cristianismo, ou seja, estradas: redes técnicas; relação e pregação para as pessoas: redes sociais... (VELASQUES, 2012, p. 24-25).

Para Marinho a palavra rede surge pela primeira vez no século XII e, de acordo com Musso (*apud* MARINHO, 2011), referia-se à rede de caça ou pesca, sendo ela externa ao corpo e concebida como objeto de ofício do trabalhador. No século XVII, a ideia de rede é ressignificada pela ciência para poder observar o corpo humano. No século XVIII, o matemático Leonard Euler usou a teoria de redes para resolver o Problema das Sete Pontes de *Konigsberg*. A experiência de Euler deu suporte a outra experiência conhecida como o efeito *small world* (mundo pequeno), do sociólogo Harvard Stanley Milgram, interessado na estrutura social americana entre pessoas que se encontravam distantes geograficamente. Para tanto, ele criou uma rede entre pessoas residentes no Kansas e Nebraska, que enviavam centenas de cartas com base nas orientações fornecidas por Milgram. Assim, ele conseguiu “[...] determinar um caminho médio que separava duas pessoas quaisquer nos Estados Unidos, que de acordo com seu experimento, era de seis graus” (MARINHO, 2011, p. 21).

De acordo com Mizrichi (2006), as redes sociais apresentam raízes em diversas perspectivas teóricas. Estão entre elas, a do psiquiatra J. L Moreno (1934), responsável pela sociometria; a dos antropólogos John Barnes (1954), Elizabeth Bott (1957) e J. Clyde Mitchell (1969) e algumas, mais recentes, como a perspectiva teórica de Berkowitz (1982), que analisa as redes como um apêndice do estruturalismo francês de Claude Lévi-Strauss (1969).

[...] O que caracteriza uma rede são exatamente os elementos que a formam e não a existência destes isoladamente [...]. Os próprios indivíduos estão inseridos numa sociedade em rede desde sua concepção. Primeiro por meio das relações familiares, depois em sua inserção na comunidade escolar, na universidade, no mercado de trabalho, enfim, em todas as relações de interesse que desenvolvem ao longo de sua trajetória de vida (MARINHO, 2011, p. 22).

Na amplitude da conceituação de redes sociais, nos diversos campos do conhecimento, incluindo o da sociologia, Bourdieu apresenta o conceito de Capital Social, que ao ser analisado se assemelha ao conceito de redes sociais, por ser nos

campos que as relações são estabelecidas de forma objetiva ou subjetiva, a partir da estrutura de diferentes poderes no interior do campo.

Em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede, ou uma configuração de relações objetivas entre as posições. Estas posições são definidas objetivamente na sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, pela sua situação atual e potencial na estrutura de distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital), cuja posse comanda o acesso aos benefícios específicos que estão em jogo no campo e, ao mesmo tempo, pelas suas relações objetivas com as outras posições (dominação, subordinação, homologia). Nas sociedades altamente diferenciadas, o cosmos social é constituído pelo conjunto desses microcosmos relativamente autônomos, espaços de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específicas e irredutíveis àquelas que regem os outros campos (BOURDIEU, 1992, p. 24).

É importante perceber que mesmo tendo uma configuração sociológica, todas as conceituações apresentam características semelhantes, o que reforça que as redes sociais e seus elos podem ser usados para compreensão e análise do comportamento das pessoas que fazem parte de uma mesma rede, em sua finitude, estando no mesmo espaço social geográfico ou não.

[...] A partir da metáfora da rede, o mundo passa a ser compreendido e pensado de outra forma, não pelo método analítico-cartesiano, que dividia os objetos em partes, mas na inter-relação das partes interconectadas (visão sistêmica). Mais que isso, ao ser incorporado pela ciência, o conceito possibilita ao ser humano uma elaboração que sai da simples observação e permite a criação de novos artefatos (VELASQUES, 2012, p. 30).

Marinho (2011, p. 26) informa ter sido Norbert Elias o primeiro a usar o conceito de rede de forma mais clara, rompendo com a dicotomia presente no utilitarismo clássico entre indivíduo e sociedade. Ele afirmou que Elias “[...] trabalha com os conceitos como dependência, interdependência, redes de funções, contexto social, estrutura e propósito para indicar que sociedade e indivíduo são ideias diretamente articuladas”. Segundo Marinho, o autor a que se refere tentou compreender como ocorrem as relações entre as partes e o todo como elementos constitutivos das redes sociais. O estudo das redes sociais permitiu a construção do entendimento inovador da sociedade em que o elo social é visto como algo que se estabelece em funções dos papéis instituídos e funções que lhes correspondem.

De forma diferente, o conceito de redes sociais leva a uma compreensão da sociedade a partir dos vínculos relacionais entre os indivíduos, os quais reforçariam suas capacidades de atuação, compartilhamento, aprendizagem, captação de recursos e mobilização. A vasta e dispersa literatura internacional sobre redes sociais em geral atribui ao antropólogo A. Barnes a criação do conceito para estudar e descrever uma questão metodológica fundamental dos estudos desse campo, que é o da extensão e não finitude das redes sociais. Ao realizar uma etnografia sobre os princípios de estratificação social numa ilha norueguesa, esse antropólogo desenvolveu uma hipótese, segundo a qual todos os seus habitantes estariam interligados uns aos outros por cadeias de interconhecimentos mais ou menos extensas que não se limitam aos limites da ilha, mas ligam seus habitantes a outros sujeitos fora de seu espaço social e geográfico de pertencimento (BARNES, 1954, *apud* MARTELETO, 2010, p. 28).

A dinâmica social leva-nos, por meio do tempo, a mudanças em nossa forma de vida, alterando os fenômenos sociais, as relações dos agentes uns com os outros e, conseqüentemente, o ambiente que o rodeia, como uma rede em constante movimento. Neste processo, segundo Elias,

[...] as relações interpessoais nunca podem ser expressas em simples formas espaciais. E esse é um modelo estático. Talvez ele atenda um pouco melhor a seu objetivo se imaginarmos a rede em constante movimento como um tecer e destecer ininterrupto das ligações. É assim que efetivamente cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que existe antes dele para uma rede que ele ajuda formar (ELIAS, 1994, p. 35).

O movimentar da rede social não está, portanto, restrito à movimentação individual do agente e nem nos comportamentos impostos coletivamente, mas está no tecer da rede, a partir das relações de sociabilidade que se estabelecem em cada campo, em cada momento histórico. Neste sentido, é possível afirmar que com a complexidade da ordem social posta no mundo altera-se em todos os contextos, pois a sociedade é apreendida a partir de fenômenos abertos e não de fenômenos individuais e isolados e

[...] não pode ser apreendida nem como uma mera soma de indivíduos, nem como uma totalidade funcional indiferente ao sangue que percorre, mas como fenômeno aberto, múltiplo e que se caracteriza por intensidades e discontinuidades entre ação voluntária e a ação política (MARTINS, 2004, p. 45).

Para Marinho (2011), a partir da do momento em que a ordem social altera-se em movimento dinâmico com circulação de bens materiais, é simbólica a criação de uma nova linguagem social e, conseqüentemente, uma rede infinita de interações

sociais e de comunicação entre os indivíduos. As redes sociais apresentam algumas funções bem perceptíveis principalmente quando promovem a interação entre as pessoas. Estas vão além da simples comunicação, das relações estabelecidas a partir do tempo e do modo como a utilizam dando sentido à vida das pessoas.

Nessa rede, a princípio, as pessoas têm interesse comum, partilham ideias, valores, conhecimentos dentro da sociedade em que vivem. A rede pode proporcionar também novas relações sociais que podem ocorrer face a face ou não. Os nós que metaforicamente unem as redes representam as pessoas, as instituições criando os vínculos que as unem. Cada fio da rede representa as relações constituídas pelos agentes, a partir dos processos comunicacionais.

Percebe-se no processo de interação social que se desdobra no mundo contemporâneo que as formas de sociabilidade mudaram e absorveram características diferentes. Uma das formas de expressão da nova sociabilidade é a organização em comunidade, como as dos punks, das torcidas organizadas, entre outras, que se reúnem pelas afinidades, interesses e valores comuns. Entre esses agrupamentos surgem as comunidades virtuais que habitam o espaço virtual, concebendo uma nova forma de sociabilidade. Desta última, trataremos mais à frente.

Apoiando-nos no exposto, podemos afirmar que a sociabilidade dota o homem das capacidades naturais de convivência em grupo, pois é por meio da socialização que nos integramos ao grupo, adquirindo os hábitos, os costumes e regras do grupo do qual participamos. Ao participarmos da vida em sociedade ocorre a socialização, e quanto mais coerente a socialização, mais sociável o indivíduo tentará ser.

Para compreender o processo de sociabilidade humana é preciso entender o jogo linguístico da codificação e decodificação simbólica da palavra sociabilidade. Esta palavra confere sentido às formas de compreensão que se dão no coletivo, dá importância à estrutura significativa da sociabilidade no mundo moderno a partir das relações de interação social permeadas pelos avanços da tecnologia, fazendo-nos pensar acerca da vida coletiva e cotidiana. Os problemas relacionados à sociabilidade aparecem relacionados ao cotidiano, desvinculados de questões mais estruturais. Gonçalves (2007, p. 22) argumenta que “[...] a sociabilidade é tida como um território em que se lida com as interações, ou seja, como, na vida cotidiana, as pessoas se relacionam em seus grupos sociais”.

Para Gurvitch (1950, *apud* BAECHLER, 1995, p. 65), “[...] a sociabilidade designa o princípio das relações entre pessoas e a capacidade de estabelecer laços sociais — abrange a formação dos grupos...”, sendo que estes são historicamente transformados pela ação coletiva dos agentes sociais, a partir dos valores que lhes são atribuídos em cada contexto.

Para Baechler (1995), historicamente, a sociabilidade se instala por meio de redes sociais, nas quais as atividades coletivas ou individuais propiciam a circulação das informações, revelando o gosto e interesse de cada agente. Já para Turner (2000), é a partir da sociabilidade que adquirimos uma personalidade, aprendemos como lidar com o todo social, e organizamos nossas vidas por meio da cultura e da estrutura social, e somos, constantemente, “ressocializados” pelo processo de interação social, sem nos tornarmos robôs repetidores de velhas práticas sociais.

Assim, sociabilidade e socialidade são inerentes à capacidade humana de relacionar-se individual ou coletivamente com outros agentes sociais. Nessa perspectiva, a sociabilidade pode ser compreendida como:

[...] a capacidade humana de estabelecer redes, através das quais as unidades de atividades, individuais ou coletivas, fazem circular as informações que exprimem seus interesses, gostos, paixões, opiniões [...] socialidade: a capacidade humana de manter coesos os grupos e as redes, de lhes assegurar a coerência e a coesão que os constituem em sociedades: podemos designar por morfologias as formas de solidariedade social que são a tribo, a cidade, a nação... (BAECHLER, 1995, p. 66).

Para o autor citado, os grupos permanentes ou não, são organizados a partir de objetivos comuns que não podem ser alcançados isoladamente, agindo de modo uniforme, mesmo que seja constituído por pessoas subjetivamente diferentes e em que o agente decida por participar ou não.

A sociabilidade é, portanto, a capacidade natural da espécie humana para viver na sociedade que se desenvolve pelo processo de socialização, apresentando-se tanto em parâmetros geográficos como afetivos. Porém, na atualidade, surge um novo campo de sociabilidade ligado ao campo virtual no qual as redes sociais virtuais promovem novas formas de relações sociais. O que se torna importante é identificar se tais redes apresentam ou não novas formas de relações sociais, de vínculos de amizade, de afetividade, de interesses, e qual é a sua relação com redes sociais estabelecidas fisicamente no cotidiano das pessoas.

1.4 Redes Sociais Virtuais

As mudanças que vem ocorrendo em todos os campos sociais, econômicos, culturais e políticos do mundo moderno, advindos do desenvolvimento industrial e tecnológico que alteram, inclusive, as formas de trabalho, passando da alteração das forças produtivas manuais basicamente humanas e da determinação de cada indivíduo para o avanço técnico e de outros instrumentos tecnológicos, não necessitando diretamente da força motriz do homem. O desenvolvimento ocorrido na fábrica, na indústria, altera também o avanço das relações humanas e a relação delas com o ambiente de trabalho.

As interações pessoais, bem como as relações de sociabilidade na contemporaneidade, apresentam uma configuração nova, diante do contexto tecnológico e são “[...] experimentadas por todas as esferas da sociedade, inaugurando o que aqui resolvemos chamar de um novo desenho social: uma sociedade integrada em rede, por meio de computadores” (MARINHO, 2011, p. 27). A integração social, via rede de computadores, provocou impactos na sociedade, levando ao dinamismo das atividades sociais e comunicacionais.

Percebe-se, no entanto, que no contexto tecnológico, na não linearidade das informações e, ao mesmo tempo, nas conexões entre elas, a rede de computadores passa a ser um instrumento a mais na aquisição de informações, e no desenvolvimento dos modos de representação e compreensão do pensamento humano e das relações de sociabilidade. Ela possibilita “[...] representar e testar ideias ou hipóteses, que levam à criação de um mundo abstrato e simbólico ao mesmo tempo que [...] introduz diferentes formas de atuação e de interação entre as pessoas (ALMEIDA, 2000, p. 12).

A presença da internet e das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) trazem uma nova forma de produção significativa de conhecimento, bem como nova maneira de sociabilidade a distância (virtualmente). Porém, há de se pensar nas TICs não como mecanismos que levem mais ainda à fragmentação e à linearidade do conhecimento ou ao isolamento social. Há de se pensar nelas como um novo espaço de discussão de produção do conhecimento, de estabelecimento das relações sociais e de experiências vividas.

A história da criação e do desenvolvimento da Internet é a história de uma aventura humana extraordinária. Ela põe em relevo a capacidade que têm as pessoas de transcender metas institucionais, superar barreiras burocráticas e subverter valores estabelecidos no processo de inaugurar um mundo novo... (CASTELLS, 2003, p. 13).

A partir de contextos históricos, as transformações ocorridas nas formas de produzir conhecimento passaram da sociedade tradicional, na qual o lugar de cada um estava pré-determinado, para a era moderna, que tende a levar o homem a construir seu espaço e criar seu destino na busca da satisfação imediata. No momento, a ferramenta mais importante que há, e que dá esta flexibilidade ao homem, é o computador por permitir a conexão, com computadores interconectados mundialmente.

Para compreender melhor o surgimento da internet e de sua influência nos modos atuais de produção, é preciso compreender como ela surgiu. Contextualizando fatos históricos, Castells (2003), em seu livro *A Galáxia da Internet*, apresenta os fatores militares, políticos e comerciais do surgimento da internet e de sua expansão pelo mundo, pois em 1969 surgem com a Arpanet² os primeiros nós pelas redes de computadores nas Universidades da Califórnia em Los Angeles e Santa Barbara e na Universidade de Utah. Chegando a 15 nós em centros universitários de pesquisa em 1971.

Porém, a Arpanet não foi a única responsável pelo surgimento da Internet, na forma como a conhecemos hoje, ela é o resultado de uma tradição de base de formação de redes de computadores tendo como um dos componentes o *Bulletin Board Systems* (BBS) com interconexão pessoal de computadores no final da década de 1970. Já em 1990 a Arpanet é tirada de operação por esta obsoleta. Fora do domínio militar a maioria dos computadores encontravam-se conectados em rede. Muitos provedores de serviços da internet montavam suas próprias redes e portas de comunicação em bases comerciais. Surge o world wide web (www), programa navegador/editor na internet, sendo privatizada com arquitetura técnica aberta, permitindo a interconexão de computadores no mundo todo. Lunus Torvalds, em 1991, desenvolve um novo sistema operacional tomando como base o UNIX,

² Pode-se dizer que a Arpanet deu origem a Internet. Desenvolvida pela empresa Advanced Research and Projects Agency (ARPA), em setembro de 1969. A ARPA tinha como missão mobilizar recursos de pesquisa, particularmente do mundo universitário, com objetivo de alcançar superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética.

tornando-se o atual LINUX mundialmente conhecido. 1995 Os empresários e a sociedade em geral tem acesso à internet.

O que surgiu, a princípio com interesse militar, logo passando a ser custeado por empresários interessados nos benefícios de retorno econômico, foram pesquisas em torno da internet, que se intensificaram tornando a internet acessível à sociedade e a empresários com maior capital econômico. Aos poucos, a internet foi se expandindo e se tornando mais acessível, também, às classes sociais menos favorecidas. Neste processo de avanço tecnológico a distância, ela não é mais uma barreira para a comunicação. Com o uso da Internet, a distância se converte em contatos *online* e, a cada dia que passa, cresce o número de pessoas que tem acesso a computadores e/ou a recursos tecnológicos de comunicação.

A Internet, além de ser uma ferramenta de informação, de pesquisa bibliográfica e científica, entre outras, funciona também como fonte de comercialização virtual de mercadorias, de veículo de sociabilidade e de comunicação por meio das redes sociais virtuais. Chamada de “rede das redes”,

[...] caracteriza-se por dois aspectos principais. Primeiro, é um grande acervo de dados e de informações aberto a múltiplas escritas, consultas, leituras, usos e apropriações. Segundo, é uma arena ampliada geograficamente e socialmente para interação, comunicação e sociabilidade. Portanto, atua como suporte de atividades cooperativas em escala mundial, organizadas no âmbito de comunidades massivamente interativas como a Wikipedia, os coletivos de desenvolvedores de softwares livres, os blogs, os jogadores em rede ou as plataformas relacionais, como Facebook, MySpace, etc. (CARDON *apud* MARTELETO, 2010, p. 32).

O uso das redes sociais virtuais tem se tornado cada vez mais presente na vida das pessoas, permitindo-lhes maior interação em tempo real ou não. Com o surgimento da web 2.0, as redes sociais são as mais acessadas nas redes de comunicações, no *marketing*, na publicidade em todos os campos científico, cultural, social e econômico. A atenção às redes sociais virtuais se deu a partir do momento que os usuários das redes começaram a utilizá-las como extensão de suas casas e de seus trabalhos, incorporando-as em suas vidas.

No decorrer do processo histórico, com o surgimento das redes sociais virtuais na década de 1970 nos Estados Unidos da América, e com a popularização dos computadores particulares de uso pessoal, os serviços das redes consolidaram-se vinte anos depois, na década de 1990. Para Lemos e Lévy (*apud* ROSA e SILVA,

2003), a rede pioneira foi o site *SixDegrees* e este foi o primeiro a permitir acesso do público em geral. Assim, houve um deslocamento da comunidade que hora se relacionava, basicamente, face a face para a rede, ou seja, para outra forma de organização das relações sociais: as formas de relacionamento virtual.

As redes virtuais são amplamente discutidas por diversos campos da ciência que buscam a compreensão dos padrões de sua constituição. Para Recuero (2005), há três modelos de redes virtuais: a) as redes aleatórias - que são processos de randômico, no qual os nós de uma rede deveriam ter mais ou menos a mesma quantidade de conexões, constituindo-se em redes igualitárias; b) as de mundo pequeno - modelo apresentado por Duncan Watts e Steven Strogatz (2005, p. 21) - que “[...] demonstraria que a distância média entre quaisquer duas pessoas no planeta não ultrapassaria um número pequeno de outras pessoas, bastando que alguns laços aleatórios entre grupos existissem [...]”; c) as sem escalas - apresentada por Barabási, - dizendo que quanto mais houver conexões no nó, maiores são as chances de se ter novas conexões, chamadas de preferenciais, pois implicam em uma constituição desigual dos nós altamente conectáveis, onde há também uma grande maioria de nós com poucas conexões. Neste sentido, Recuero classificou estas redes como rede “sem escalas” e os *hubs* ou conectores como “ricos”, por receberem mais conexões.

Para Recuero (2005, p. 21), por mais que os modelos da “ciência das redes” ajudassem a entender as conexões, eles não davam conta de entender as redes sociais virtuais em sua integralidade, deixando questões essenciais que permaneceriam sem respostas. Há uma tendência em analisar as conexões como igualitárias, sem olhar para a qualidade, a profundidade e especificidades que as redes sociais virtuais carregam e que podem fazer a diferença. Desta forma, pode-se chegar a conclusões não verdadeiras se forem aplicadas diretamente aos sistemas sociais. Para a autora, “[...] a incapacidade dos modelos de observar os vários sentidos nos quais as relações sociais acontecem, como o contexto e o capital social gerado fazem parte de cada interação em uma rede social”.

Desta forma, para Recuero (2005), é importante que se faça uma abordagem sociológica das redes sociais virtuais. No entanto, esta não pode ser demasiadamente formal para que possa dar conta da dinâmica das redes, já que tais redes não se encontram isoladas no tempo e no espaço. O autor defende que é

possível o entendimento das redes sociais virtuais a partir da estrutura, organização³ e dinâmica como elementos fundamentais para a constituição das redes sociais virtuais. No entanto, para ela, a dinâmica do sistema é ponto importante para ser analisado já que as redes se modificam e se adaptam com o passar do tempo, sendo, por isso, processuais e históricas. A cibernética demonstrou que os sistemas abertos perdem e adquirem características do ambiente, sendo eles, também, processuais e históricos.

Sendo a organização constituída pelo agrupamento social, esta implica um processo comunicacional. Porém, quando tratamos do espaço virtual, a interação social, para Recuero (2005), dá-se de forma particular, pois é mediada pelo computador. Segundo Primo (apud Recuero, 2005, p. 5), “[...] existem unicamente duas formas de interação neste contexto: a interação mútua e a interação reativa...”⁴ Este processo, portanto, mediado pelo computador também é dinâmico. Mas, a dinâmica é dependente das interações que abarcam a rede e os reflexos podem ser sentidos diretamente da estrutura da rede.

Outra característica apontada por Recuero (2005), quanto às interações sociais e virtuais, é que estas estão em constante mudança, apresentando novos padrões estruturais adaptando-se a estes padrões para encontrar a dinâmica entre o caos e a ordem. Assim, com o passar do tempo, no mundo moderno, as pessoas passam a buscar novas formas de conectar-se, de comunicar-se estabelecendo relações sociais por meio das “comunidades virtuais”.⁵

E o mundo moderno mostra que estamos em plena era digital e que a juventude contemporânea vive em um mundo que é fértil em recursos tecnológicos digitais. Ressalta, também, que os jovens talvez sejam, e possivelmente são, os maiores usuários das redes sociais virtuais.

³ O estudo dos sistemas através de estrutura e organização é comum. Encontra-se em teóricos como Maturana e Varela (2001) e Talcott Parsons (1969), Galliano (1981). Neste trabalho, consideramos que a estrutura é aquilo que um grupo social tem de mais permanente, ou seja, implica em certa sedimentação dos modos de agir e das relações sociais. Já a organização trabalha com as relações de um modo geral, ou seja, com o conjunto de elementos que faz parte da estrutura. Essas relações constituem-se na substância do extrato social. A estrutura, ao contrário, constitui-se naquilo que uma determinada sociedade possui para que seja considerada como tal.

⁴ “[...] interação mútua é caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada da relação, afetando-se mutuamente; interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta.” (PRIMO, 2003, p. 62, *apud* RECUERO, 2005, p. 6).

⁵ As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet] quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço]. (RHEINGOLD, 1996, p. 20, *apud* RECUERO, 2005, p. 6)

Essas conexões e interações no âmbito das redes sociais ocorrem pelo contato direto (face a face) e pelo contato indireto – utilizando-se um veículo mediador, como a Internet, o telefone, ou outro meio. Enfim, podemos dizer que redes sociais envolvem um conjunto de atores que mantêm ligações entre si.⁶

As interações sociais que anteriormente tinham como característica predominante o contato presencial passa a ter novo papel a partir de sua flexibilidade e adaptabilidade ao mundo moderno, auxiliando nas organizações sociais, aproximando pessoas que estão distantes geograficamente em tempo real ou não. Mesmo virtualmente, as redes sociais são usadas para compreensão e análise do comportamento das pessoas e suas formas de sociabilidade. Castells (2003, p. 07), afirma que “[...] uma rede é um conjunto de nós interconectados. A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet”. Continuando, acrescenta que a

sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microelectrónica e em redes digitais de computadores, que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes (CASTELLS, 2005, p. 20).

Castells (2005) e Recuero (2009) apresentam as redes sociais virtuais como consequência da evolução tecnológica do mundo contemporâneo. No entanto, os homens, desde a sua concepção, vivem em redes sociais. Porém, no mundo contemporâneo, a dinâmica social em rede é operada por tecnologias de comunicação e informação que viabilizam a distribuição da informação dos conhecimentos acumulados nos nós dessas redes. Já Laulan (2005, p. 123-124, *apud* MARTELETO, 2010, p. 32) observa que a rede refere-se a uma representação de mundo permeada pelo imaginário humano desde a Antiguidade e registra ambiguidades do termo

[...] elo que liga [o humano] ao resto do mundo, certamente, mas também fio ou corda que trava toda autonomia. [...] os elos sociais naturalmente tecidos pelas culturas e pelas estruturas urbanas e nacionais (construídas pelo

⁶ (TOMÁEL *et al*, 2005, p. 93).

Estado de direito) parecem ser **secundárias** em relação aos equipamentos tecnológicos [...] propostos pela indústria.

Recuero (2009) define rede social como sendo o conjunto de dois elementos. De um lado, os atores que podem ser as instituições, os grupos, as pessoas, que formam os nós da rede, e do outro, as conexões, as interações ou laços sociais estabelecidos neste contexto.

[...] Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social a partir das conexões estabelecidas entre diversos atores. A abordagem da rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar atores sociais e nem suas conexões (RECUERO, 2009, p. 23).

Laulan (2005, *apud* MARTELETO, 2010) apresenta um ponto diferente em sua conceituação e que Castells (2005) também aborda em *A Sociedade em Rede do Conhecimento à Ação Política*. Laulan se refere à rede como elo que pode travar a autonomia das pessoas, acrescentando que o Estado de Direito parece ter posição secundária em relação aos equipamentos tecnológicos. Percebemos que, quanto mais avançadas são as TICs e quanto mais atraentes se tornam as redes sociais virtuais, mais o agente usuário é levado a participar e se expor. Além disso, e simultaneamente, ele é muito mais monitorado em suas ações pelas empresas e pelo Estado. Para Castells (2009, p. 565),

[...] Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para a sua expansão penetrante em toda a estrutura social

Atualmente, usamos a metáfora da rede para nos referir às redes sociais, principalmente porque ela nos apresenta a conexão por meio de nós entre um ponto e outro, por meios virtuais. Os nós representam pessoas, organizações e empresas que estabelecem vínculos e relações, a partir das formas de comunicação.

Como ser social, o homem se constitui na medida em que se comunica e relaciona-se com outros homens; nas redes sociais virtuais eles formam comunidades nas quais os elos são construídos nas comunidades virtuais a partir das identidades dos agentes sociais e, principalmente, a partir do momento em que se reconhecem como parte desta comunidade. Castells (2009) entende por identidade, a forma pela qual o ator social se reconhece e constrói significados tendo

como base determinados atributos culturais, a ponto de excluir uma referência mais ampla de outras estruturas sociais.

[...] A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais. Mas a tendência social e política característica da década de 90 é a construção da ação social e das políticas em torno de identidades primárias – ou atribuídas, enraizadas na história e geografia, ou recém-construídas, em uma busca ansiosa por significados e espiritualidade. Os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parecem caracterizá-las pela premência da identidade como seu princípio organizacional.⁷

Partindo do princípio apresentado por Castells quanto às redes sociais virtuais, observamos que seria importante, nas redes sociais, identificar o fio condutor das relações que os agentes estabelecem entre si, e buscar compreender os objetivos que os levam a interagir por meio das redes sociais, de forma virtual, não por ser uma tendência contemporânea impulsionada pelo avanço tecnológico, mas pelo que os ligam, de fato, às redes pelas quais navegam.

A comunicação por mundos virtuais é, portanto, em certos sentidos, mais interativa que a comunicação telefônica, uma vez que implica, na mensagem, tanto a comunicação da pessoa como a da situação, que são quase sempre aquilo que está em jogo na comunicação. Mas, em outro sentido, o telefone é mais interativo, porque nos coloca em contato com o corpo do interlocutor. Não apenas uma imagem de seu corpo, mas sua voz, dimensão essencial de sua manifestação física. A voz de meu interlocutor está de fato presente quando a recebo pelo telefone (LÉVY, 1999, p. 81).

Há uma suposição de que todas as redes sociais apresentam semelhanças de trocas interativas, apresentando como uma das diferenças o meio que utilizam para essas trocas. No entanto, seus agentes têm ligações uns com os outros ou vão mantendo seus círculos (rede) de amigos, à medida em que vão aceitando os convites de agentes de outros círculos por terem amigos em comum ou por se identificarem a partir da cultura vivenciada, fortemente ligados à realidade em que estão inseridos, seja tal cultura baseada em categorias como classe social, gênero, religião, raça, dentre outras.

Possivelmente, poderíamos dizer que pelas redes sociais virtuais, mais que pelas presenciais, as relações de sociabilidade não se dão em torno somente de consensos, mas, em grande parte, também por discordâncias, muitas vezes

⁷ (id. Ibid, p. 39).

agressivas, haja visto que os agentes possivelmente sentem-se mais seguros por estar do outro lado da tela do computador e falam tudo que pensam ou simplesmente deletam as pessoas das quais discordam. Aquelas relações, por não guardarem a cumplicidade exigida na vida cotidiana presencial, toleram tranquilamente até pensamentos, às vezes, extremamente opostos. Neste sentido, possivelmente, essas relações conflituosas poderiam ser entendidas como uma das relações dialéticas das redes sociais virtuais, ou seja, qualquer agente usuário tanto pode deletar outro agente com o qual tenha grande discordância, como pode tolerá-lo, pois isso não interfere em nada da sua vida prática.

Porém, para Castells (2005), devemos ficar atentos às mudanças de sociabilidade que não são causadas pela internet ou pelas novas tecnologias de comunicação, mas que são crescentes e suportadas pelas redes de comunicação, nos dias de hoje. Segundo esse autor, “[...] enquanto a estrutura social e a evolução histórica induzem à emergência do individualismo como cultura dominante das nossas sociedades...” (p. 18), as sociabilidades em rede tornam-se auto-seletivas, estando ligadas ou desligadas dos interesses e disposição de cada agente usuário das redes sociais. Já Lévy, que estuda as comunidades virtuais por meio das redes sociais virtuais, conceitua tais comunidades como:

[...] uma comunidade virtual é construída sobre afinidades de interesse, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (LÉVY, 1999, p. 27, 127).

Para o autor citado, há um movimento entre os seres que habitam a rede virtual, assim como o há entre os seres que ocupam os espaços geográficos, denominado por ele de ciberespaço, por se tratar tanto virtualmente quanto presencialmente, das mesmas pessoas que por afinidade, interesses e conhecimentos estão juntas e se comunicam pela Internet. Esta interação provoca o desenvolvimento e o crescimento do ciberespaço, mediado pela tecnologia e que estão associados à arte do fazer como habilidade inata do homem. Neste sentido, a tecnologia não deve ser considerada criadora autônoma das redes sociais virtuais.

[...] tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos

capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista (LÉVY, 1999 p. 12).

Lévy (1999) defende, assim, a necessidade de entendermos a tecnologia como mediadora das novas relações sociais, ampliando a construção de novos conhecimentos e que não nos afastam do movimento social face a face, já que as redes são compostas por pessoas que pensam e agem sobre o mundo, na trama do jogo pelo poder como constituidor da sociedade.

[...] Quanto mais os processos de inteligência coletiva se desenvolvem – o que pressupõe, obviamente, o questionamento de diversos poderes –, melhor é a apropriação, por indivíduos e por grupos, das alterações técnicas, e menores são os efeitos de exclusão ou de destruição humana resultantes da aceleração do movimento tecno-social. O ciberespaço, dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva (LÉVY, 1999, p. 29).

Para ele, a tecnologia auxilia-nos no processo de desenvolvimento coletivo no qual os indivíduos e grupos se apropriam das alterações técnicas. Todavia, se por um lado ela não é vazia de poder, por outro, ela é acessível e ameniza os efeitos da exclusão e destruição humanas.

A ideia que parece plausível é que as redes sociais caracterizam-se, na atualidade, como constituídas e constituidoras de novas formas de interações sociais estabelecidas pelas pessoas, em especial, adolescentes e jovens, em seu cotidiano, em seus espaços sociais. Tais relações articulam-se entre os sistemas de ação e trajetória vividas, levando à construção de identidades reais ou virtuais, dependendo das relações estabelecidas pelos agentes em seus contextos de interação, e que são resultados das diversas condições acumuladas na trajetória de vida de cada agente, mediados pelas composições dos capitais em seu sentido global.

Os agentes sociais, com destaque para as novas gerações, constroem suas relações em diferentes espaços e entre eles. Na atualidade, o espaço virtual torna-se, cada vez mais, o local e preferido para socializar-se, acabando por expor os grupos e suas representações sobre as práticas sociais cotidianas. O espaço virtual tem, como referencial, características comuns e diferenças sociais, que acabam por unir diferentes agentes como pertencentes da mesma cultura.

Os agentes das redes não desenvolvem papéis estanques, mas de relações interdependentes em relação a outros agentes. As redes sociais, em função da comunicação digital, há muito já superaram a comunicação de massa, em função dos avanços tecnológicos comunicacionais de nosso tempo. A participação nas redes sociais é motivada pelos interesses e necessidades de cada agente, porém, os conteúdos específicos de cada rede são, também, fator de adesão ou não. Para tal, os agentes precisam sentir que pertencem e são acolhidos por seu grupo.

A participação juvenil nas redes sociais, provavelmente, é motivada pela vontade que os jovens têm de representatividade e do conhecimento da função de cada um no grupo. Além disso, a participação juvenil nas redes sociais, provavelmente, pode estar também ligada ao fato de o jovem estar participando por ter o mesmo capital cultural, o que, por sua vez, leva à constituição de um todo coeso e, simultaneamente, à representação dos agrupamentos juvenis. A comunicação via internet tem se expandido cada vez mais e constituído uma atividade importante na vida de todos, mas, principalmente, no cotidiano das gerações mais novas. Estar conectado a uma rede social tem se tornado uma das atividades preferidas dessas gerações.

O universo que surgiu, neste século, com as evoluções socioculturais e tecnológicas levou a mudanças nas organizações e no pensamento humano. Ele exige que tenhamos autonomia, criatividade e autocrítica na obtenção e seleção das informações que nos chegam, a fim de que possamos construir conhecimentos diversos.

CAPÍTULO II – CULTURA, JUVENTUDES E CULTURA JUVENIS

Vários autores, como Geertz, Veiga-Neto, Williams, entre outros, têm apresentado a categoria cultura com significados distintos, tendo em vista a complexidade dos estudos relacionados às sociedades, nos diversos tempos históricos. Tais sociedades se caracterizam por apresentar diferentes formas de convívio, de organizações de vida e do próprio espaço social constituído historicamente. Nas pesquisas empreendidas neste campo, percebe-se que os pesquisadores buscam a compreensão da relação entre os fatores históricos, sociais, psicológicos, culturais e biológicos da vida do homem.

Este capítulo tem por objetivo compreender algumas abordagens que são base para o entendimento da construção histórico social das culturas juvenis. Pretendemos estabelecer algumas relações entre cultura, juventude e culturas juvenis, tendo como ponto de partida as relações sociais dos jovens a partir de seu espaço social. Esta não é tarefa simples, dada a complexidade que envolve as categorias apresentadas (cultura, juventudes e culturas juvenis) em função da condição humana, que no decorrer da história do homem foi sendo construída de significados importantes, aumentando a complexidade e a diversidade de conceituação de cada uma delas.

Partimos do princípio de que as culturas não podem ser confundidas com ação padronizada de comportamento ou respostas psicológicas imediatas, mas que devemos entender qual a importância dos acontecimentos em cada sociedade, o que de fato está sendo transmitido, com que frequência é transmitido, quem a transmite, a fim de que ela não seja obscurecida pela reificação da cultura, ou reduzida a um padrão bruto de acontecimentos comportamentais padronizados e identificáveis em outras sociedades.

A cultura não é entendida, neste estudo, como resultado de ações isoladas, mas de ações coletivas da sociedade, intrinsecamente relacionada ao seu próprio tempo, em uma relação dialética, de assimilação ou negação por parte dos diferentes agentes e segmentos sociais.

Nesse sentido, os próprios jovens e as culturas juvenis se encontram inseridas em um espaço social específico, embora esses agentes, por muito tempo, tenham sido vistos apenas pelo prisma etário, de desenvolvimento biológico ou

psicológico. Neste estudo, buscamos compreender as culturas juvenis inseridas em um complexo processo produção/reprodução de significados, em suas relações geracionais e de classe.

[...] as diferentes culturas se constituem em um complexo processo de afirmação e negação dos sujeitos entre as diferentes gerações e classes. A partir dessa noção de cultura busca-se compreender o termo culturas juvenis como fenômeno que caracteriza a história contemporânea em relação à presença dos jovens nos diversos espaços sociais. Compreende-se, no entanto, que esta categoria é complexa, pois tanto a noção de cultura como a de jovens são constituídas a partir de contextos históricos e sociais distintos (GUIMARÃES; DUARTE, 2009, p. 4).

As palavras juventude e cultura juvenil, por sua vez, apresentam uma polissemia conceitual que irá variar conforme o campo de conhecimento, o contexto pesquisado, e o interesse específico de quem a pesquisa. Nesse sentido, a categoria “juventude” constitui-se em objeto de análise nos diferentes campos científicos, tais como: demografia, medicina, psicologia, sociologia, história, biologia, entre outras. Nesse trabalho, dedicamo-nos à análise dessa categoria a partir da conceituação sociológica, pois ela está voltada para o entendimento dos jovens como categoria que atua dinamicamente nas diversas esferas do cotidiano social. Para Velho (2006, p. 194), “[...] há várias maneiras de “ser jovem”, como também de “ser velho”, sem esquecer que essas próprias classificações não são dadas, e sim fenômenos socioculturais...”.

Assim, para que possamos compreender a concepção das culturas juvenis, é necessário que a compreendamos para além de sentido lato e não como valores e significados que são atribuídos aos jovens, a partir de significados simplistas de ordem do senso comum.

2.1 As Culturas como Constituidoras e Constituídas pelo homem em suas Práticas de Sociabilidade

Assim, como a gênese das redes sociais, a cultura e/ou culturas têm uma longa história que surge com o aparecimento da civilização humana, quando o próprio homem percebe seu poder de criação, de pensamento e de ações. A partir daí, vem construindo sua história, a história cultural de cada povo, pois como mencionado no capítulo anterior, o homem difere dos demais animais, em especial,

pela capacidade adquirida de dar sentido às coisas, de produzir símbolos e de conferir significados às coisas do mundo. É fato que somos diferentes quando tomamos como princípio as etnias e as raças, porém, somos todos seres sociais, comungamos da mesma capacidade de pensamento, reflexão de ação como seres humanos.

É justamente a capacidade de pensamento e de reflexão sobre ações como seres sociais que darão aos homens suporte à criação de culturas variadas, mas não deixando de lado a base em que se assenta a cultura humana. Ao longo da história, e nos diversificados espaços geográficos, fomos construindo formas de viver e de ser a partir dos grupos sociais aos quais pertencemos. No entanto, compreendemos que as culturas não são determinadas pela herança genética ou pelo ambiente físico e, nem mesmo, pelo determinismo geográfico, até porque em um mesmo ambiente geograficamente demarcado, encontramos uma diversidade cultural muito grande.

Para Geertz (1978), não há natureza humana independente da cultura, pois, ao contrário, o homem voltaria ao seu estágio natural de animal, a barbárie, com poucos instintos úteis e sem criatividade. Nessa perspectiva, o homem interage com a cultura, e nessa relação, organiza as experiências mediadas por sistemas de significados, e passam a depender das fontes culturais, dando direção ao comportamento humano. Assim,

[...] temos que descer aos detalhes, além das etiquetas enganadoras, além dos tipos metafísicos, além das similaridades vazias, para apreender corretamente o caráter essencial não apenas das várias culturas, mas também dos vários tipos de indivíduos dentro de cada cultura, se é que desejamos encontrar a humanidade face a face. Nessa área o caminho para o geral, para as simplicidades reveladoras da ciência, segue através de uma preocupação com o particular, o circunstancial, o concreto, mas uma preocupação organizada e dirigida em termos da espécie de análises teóricas..., as análises da evolução física, do funcionamento do sistema nervoso, da organização social, do processo psicológico, da padronização cultural e assim por diante - e, muito especialmente, em termos de influência mútua entre eles... (GEERTZ, 2008, p. 65).

Os padrões de cultura estabelecidos não são gerais, mas são bem específicos e, em decorrência dessa especificidade, pode-se afirmar que o homem, ao desenvolver-se, gera potencialidades em suas ações. Nesse aspecto, a cultura estabelece tanto a natureza do homem como a sua forma, que pode ser definida pelas habilidades que o une a seus comportamentos reais, e na forma pela qual as

habilidades inatas transformam-se em comportamentos, gerando potencialidades que são reveladas em suas ações específicas. Assim, a cultura é que pode estabelecer a natureza do homem e é ela que dá forma ao homem como espécie única, seja em grupos ou individualmente, e é ela que continua a desenvolver esse papel por meio da própria história sócio-cultural do homem

Neste processo de construção sócio-histórica da cultura é necessário compreender que os homens participam diferentemente de sua cultura e que cada uma delas tem uma lógica própria. Laraia (2009, p. 87) diz: “[...] todo sistema cultural tem a sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para outro”. Quando participamos de outra cultura temos a tendência de sentirmo-nos como estrangeiros em terras estranhas e consideramos a cultura do grupo ao qual pertencemos como a única cultura lógica e posta no mundo.

É a partir das relações sociais estabelecidas, que se vai constituindo uma relação cultural entre os pares nas relações que se têm com o mundo, em um processo dinâmico de aprendizagens no qual adquirimos nossa cultura, que se iniciou com o processo de hominização do homem, que é bem explicitado por Engels (1876) em seu manuscrito *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*⁸. Tudo que foi construído por nossos ancestrais advém do (2009, p. 87) biológico, psicológico e físico do homem, mediado pela ação transformadora do homem sobre a natureza e, por conseguinte, sobre si mesmo. Em meio a este processo de desenvolvimento aparecem as primeiras manifestações culturais que fazem parte de nossas vidas e que foram deixando suas marcas simbólicas nos homens.

O processo de evolução do homem, e seu conseqüente agrupamento, data do aparecimento do homem no mundo. Desde sua origem, o homem é um ser social que descobriu o domínio sobre a natureza, tendo o trabalho como atividade fundamental para sua sobrevivência. Neste processo de descoberta, o homem (bio-físio-psíquico) encontra no outro a complementação de sua força de trabalho, bem como a conseqüente produção de objetos por meio da transformação da natureza a

⁸ ENGELS, Friederich. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. Escrito em 1876. 1. ed. Edição. Neue Zeit, 1896. Origem da presente transcrição: edição soviética de 1952, de acordo com o manuscrito, em alemão. Traduzido do espanhol. Transcrição cedida por "O Vermelho" para Marxists Internet Archive, 2004, HTML, por José Braz.

partir de suas necessidades e da ampliação de seu horizonte, descobrindo propriedades até então desconhecidas.

Por meio do trabalho multiplicou-se a ajuda mútua na execução das atividades conjuntas e contribuição nos afazeres do grupo. Foi no processo de realização das atividades de trabalho que se deu o processo de inter-relação entre os homens, culminando na sociedade e estabelecendo-se, simultaneamente, uma relação nos espaços de atividades cotidianas.

[...] O desenvolvimento do cérebro e dos sentidos a seu serviço, a crescente clareza de consciência, a capacidade de abstração e de discernimento cada vez maiores, reagiram por sua vez sobre o trabalho e a palavra, estimulando mais e mais o seu desenvolvimento. Quando o homem se separa definitivamente do macaco esse desenvolvimento não cessa de modo algum, mas continua, em grau diverso e em diferentes sentidos entre os diferentes povos e as diferentes épocas, interrompido [...] às vezes por retrocessos de caráter local ou temporário, mas avançando em seu conjunto a grandes passos, consideravelmente impulsionado e, por sua vez, orientado em um determinado sentido por um novo elemento que surge com o aparecimento do homem acabado: a sociedade (ENGELS, 2004, p. 17).

A partir do trabalho e pelo trabalho, surge a necessidade de andar ereto, de utilizar a mão para desenvolver as atividades de transformação dos objetos, a necessidade de ajuda mútua e o desenvolvimento da linguagem. Portanto, primeiro veio o trabalho, depois a palavra e a evolução cognitiva, primordiais para a evolução e constituição da sociedade, diferenciando o homem dos demais animais. O desenvolvimento do homem levou também à dominação de uns pelos outros a partir da complexidade das operações executadas pelos homens e dos objetivos a serem alcançados, que se tornaram cada vez mais elevados com o trabalho sendo aperfeiçoado a cada geração. Neste processo, o trabalho, que teve início com o desenvolvimento da mão foi relegado a segundo plano, surgindo a dominação de alguns homens sobre os demais, visando a execução do trabalho.

Para Severino (2001), dado o desenvolvimento do homem e de sua prática produtiva, necessários a sua sobrevivência, ele se tornou um sujeito coletivo, pois, fora do contrato social o homem não é humano; é no contexto social, berço de todas as relações dos homens como elementos interventores na sociedade impregnada por um coeficiente de poder, é que os sujeitos colocam-se hierarquicamente como dominantes e dominados.

O Existir humano é intrinsecamente tecido na trama das relações sociais. O social não é só um entorno a pressionar a vida de um sujeito autônomo. A autonomia é sustentada pela inserção no fluxo da vida social. Há um vínculo íntimo entre a sociabilidade e as demais dimensões fundamentais de nossa existência. Afirmar o caráter social do ser humano implica reconhecer sua radical historicidade. A existência é intrinsecamente histórico-social (SEVERINO, 2001, p. 52).

Severino (2001) afirma que a existência só se torna humana a partir da coletividade. Por sua vez, o estar no mundo e para o mundo, coletivamente, é uma característica intrínseca do homem, é um todo amarrado em tramas que compõem a rede das relações sociais. Portanto a sociabilidade é, intrinsecamente, constitutiva. E é a historicidade do homem que situa toda a existência e essência humana em um processo constante de construção da dimensão social. Todas as práticas são intrinsecamente histórico-sociais, delineadas pela determinação interior dos homens nas suas relações uns com os outros. Portanto, História e determinação não são externas e dependentes do mundo físico ou biológico.

Somos seres humanos individuais, coletivos e histórico-sociais. E é na complexidade desse ser que somos que construímos nossa humanidade, deixando-a marcada na história. Para White (1970), a transformação do estado animal para o estado humano se processou quando o homem desenvolveu sua capacidade de pensar, abstrair e gerar símbolos.

Todo comportamento humano se origina no uso de símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de símbolos [...]. Toda cultura depende de símbolos. É o exercício da faculdade de simbolização que cria a cultura e é o uso de símbolos que torna possível sua perpetuação. Sem o símbolo não haveria cultura, e o homem seria apenas animal, não um ser humano... O comportamento humano é comportamento simbólico (WHITE, 1955, p. 180).

Se pensarmos na origem da cultura a partir da construção de símbolos representativos do homem, veremos que um dos primeiros símbolos que ele utilizou foi a oralidade primária⁹. É por meio da oralidade que se propagam as representações de mundo que dão forma e significado aos acontecimentos de uma sociedade. A capacidade dos indivíduos de se reinventarem chama-se simbologia. Cada símbolo tem seu significado e expõe seus significantes, nos quais o homem,

⁹ “A oralidade *primária* remete ao papel da palavra antes que uma sociedade tenha adotado a escrita; a oralidade *secundária* está relacionada a um estatuto da palavra que é complementar ao da escrita, tal como o conhecemos hoje” (LEVY, 1993, p. 77).

nas condições de sua sobrevivência e existência, apreende o sentido e o significado dos símbolos (das coisas: fogo, água, enxada, cadeira, flores etc.).

Em seu processo de desenvolvimento, o homem construiu sua moradia como refúgio das intempéries temporais, localizou e aperfeiçoou a produção de alimentos, passou a viver em grupos sociais etc., tudo sob a direção de códigos que se estabeleceram no decorrer do processo referido. No bojo desse movimento emerge a cultura, que vai dando significado às ações humanas. Assim, é possível dizer que não há homem sem cultura e nem cultura sem homem, bem como não há homem isolado em si mesmo, pois toda a sua construção se deu e se dá em sociedade.

Portanto, representamos a cultura em que fomos socializados, herdada de um processo cumulativo de conhecimentos e experiências vividas pelas gerações anteriores que deram base ao que somos hoje, em termos políticos, econômicos, sociais e culturais. O que nos dá identidade cultural ou não é o modo como lidamos com todo esse conhecimento, a forma como o utilizamos para inovar todo o processo de construção sócio-cultural produzido e reproduzido coletivamente.

Para Geertz (1989), a cultura precisa ser analisada a partir dos sistemas simbólicos com suas redes sociais, econômicas e históricas, não devendo ser vista de forma generalizada, mas apreendida e compreendida a partir do sentido social, que tem relação histórica, universal e singular com o homem, e que é carregado de significados que delineiam as ações sociais.

[...] a instrução, a diversão, o conselho prático, o avanço moral e a descoberta da ordem natural no comportamento humano (...) é um objetivo ao qual o conceito de cultura semiótica se adapta especialmente bem. Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (...), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídas casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é descritos com densidade (GEERTZ, 1989, p 24).

Neste sentido, podemos entender que o homem está amarrado pela teia de significados construída por ele mesmo, teia tecida em fios que se entrelaçam. Portanto, não há cultura que não possa ser apreendida, analisada e compreendida.

O conceito de cultura que eu defendo, [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca

de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1989, p. 04).

Para Geertz (1989), a teia e sua análise são denominadas de cultura, pois, os significados dela apreendidos vão desvelando as relações que há entre os entrelaçamentos, ou seja, o que liga uma cultura a outra e o homem a elas, a partir de uma interpretação semiótica, mas em conjunto e não isoladamente, pois a cultura é pública.

Assim, a cultura não tem um criador, um mentor exclusivo, uma vez que nasce, propaga-se e desenvolve-se a partir das relações dos membros de cada grupo como sistema de signos interpretáveis. Geertz argumenta que a cultura não é um poder onde os fatos sociais ocorrem casualmente, mas um contexto que pode ser compreendido, um fenômeno social transmitido pelos grupos sociais.

Para entender a cultura, torna-se preciso encontrar as relações internas existentes entre seus elementos, presos no entrelaçar de sua constituição pelos homens, atentando-se para as ações sociais que atuam como veículos articuladores do comportamento dos indivíduos, e que se encontram presentes também em artefatos e vários estados da consciência humana, emergindo assim do papel que representam para a sociedade e no padrão de vida que os homens tem.

É a partir da perspectiva da complexidade da análise da cultura, em sua construção histórica e social, que se faz necessário compreender o homem em suas relações sociais mediadas em seu cotidiano real, em sua totalidade e singularidade. Isto porque, de acordo com Geertz (1989), para se encontrar com essa concepção de homem e de cultura é necessário que todas as categorias que revestem todos os níveis desta concepção sejam analisadas camada por camada em que cada uma vai se mostrando e apresentando as diversas formas de cultura de uma sociedade.

O que importa é verificar, analisar e avaliar cada fato cultural a partir de estruturas de significados socialmente estabelecidos, tendo como base não só o a análise do discurso humano, mas aquilo que faz parte da vida das pessoas, indo da diversão, passando pela descoberta da ordem dos comportamentos humanos até chegar às relações que as pessoas estabelecem com suas tecnologias, produzidas também historicamente.

A cultura, para Geertz (1989), é construída a partir do que a sociedade pensa de cada fato, cada ação, que vai sendo significada e atribuindo a cada objeto sentido

particular. Tudo isso remete ao sentido particular de cada coisa, porém, não é o particular de forma individualizada, mas sim um particular semiótico com significado social. É no emaranhado desses significados que os homens se prendem no momento em que se constroem e constroem a própria cultura como social e pública.

A cultura, segundo Geertz (1989, p. 48), é “[...] a unidade básica da humanidade” e também condição essencial de sua existência. E assim, para o autor, o pensamento advém da movimentação dos símbolos e seus significantes (palavras, desenhos, sons, poesias, etc.) afastados da realidade e impondo aos homens significados empíricos.

Enquanto vivem, os homens usam estes símbolos significantes, de forma deliberada e com cuidado, e em grande parte espontaneamente, porém, com o mesmo objetivo de interferir nos acontecimentos vivenciados para se auto-orientar, a partir do que é e experienciado por eles. A maioria dos símbolos é adquirida quando o homem nasce, permanecendo até a sua morte, podendo ser alterada parcialmente, descartada ou reinventada. Nesse aspecto, “A cultura é a totalidade acumulada de tais padrões, e não é apenas um ornamento da existência humana, mas, uma condição essencial para ela - a principal base de sua especificidade” (GEERTZ, 2008, p. 58).

Dessa forma, os símbolos e seus significados têm como objetivo construir os acontecimentos vividos pelos homens. É nesta relação que adquirem plasticidade humana, que tem a ver com corpo, elemento, instrumento e com o símbolo, que é a cultura. O que o homem produz é sua historicidade e também sua capacidade de plasticidade, isto é, sua capacidade de se adaptar, não uma adaptação mecânica, mas uma adaptação que carrega sentido os significados das culturas.

Ao buscar o significado da palavra cultura em dicionários, vimos que a definição mais recorrente vincula-se ao ato ou efeito de cultivar algo e que ela permaneceu por muito tempo restrita ao mundo agrícola e agropecuário. A definição da cultura do espírito humano refere-se aos hábitos, modos de vida, gosto pelas coisas. A análise empírica da cultura evidencia que esta noção expandiu-se com o tempo para o campo do conhecimento, da educação, vinculando-se também ao mundo das artes, processo que levou a palavra cultura a um significado de hábitos cultivados definindo o que se considera o homem civilizado, fino, cortês. Neste sentido, cultura toma um significado mais voltado para o contexto artístico e

intelectual de uma elite que tinha acesso a esta cultura, imprimindo à palavra cultura um sentido mais voltado para o senso comum e unilinear.

O termo cultura ganha expressividade a partir do desenvolvimento histórico, principalmente da França, da Alemanha e da Inglaterra. A Inglaterra, por exemplo, concentrava uma série de movimentos sociais que se opunha à sociedade industrial, que emergia naquele período e, ao mesmo tempo, entrava em sintonia com o avanço do imperialismo, provocando um confronto entre primitivos e civilizados.

Para Veiga Neto (2003), cultura e civilização são concepções diferentes, e o entendimento dessa diferença é fundamental para a compreensão do conceito de cultura em comparação ao que os alemães inventaram para o sentido da palavra *Kultur* como marca de distinção do povo alemão.

No século XVIII, os pensadores alemães usaram o termo *Kultur* para se referir à maneira de estar no mundo, a partir das apreciações das “obras de arte, literatura, formas de pensar e organizar sistemas religiosos e filosóficos” estabelecendo um conjunto de coisas consideradas como superiores e que os levavam a sentirem-se diferentes do resto do mundo. Logo,

[...] a Cultura passou a ser escrita com letra maiúscula e no singular. Maiúscula porque era vista ocupando um *status* muito elevado; no singular porque era entendida como única. E se era elevada e única, foi logo tomada como modelo a ser atingido pelas outras sociedades. Veio daí, por exemplo, a diferenciação entre *alta cultura* e *baixa cultura*. Simplificando, a alta cultura passou a funcionar como um modelo – como a cultura daqueles homens cultivados que ‘já tinham chegado lá’, ao contrário da ‘baixa cultura’ – a cultura daqueles menos cultivados e que, por isso, ‘ainda não tinham chegado lá’ (VEIGA-NETO, 2003, p. 07).

O que é evidenciado na diferença entre o que se considerava como “alta cultura” ou “baixa cultura”, para o autor, era a centralidade de um conceito que imprimia diferenciação desigual e justificação de dominação e exploração de uma classe sobre a outra. Neste sentido, o termo *Kultur* simbolizava o aspecto da sociedade alemã, enquanto que, civilidade para eles representava as atitudes e ações dos homens, como comportamento.

[...] A civilidade foi a denominação que há muito já vinha sendo dada à disposição geral em que os comportamentos individuais eram cada vez mais auto-regulados; uma disposição que se dava como uma contraposição ao – e em substituição ao – enfraquecimento das coações externas e dos códigos hierárquicos nobiliários. Ela representava a substituição da espontaneidade pela contenção dos afetos. Por outro lado, a Cultura era entendida como um conjunto de produções e representações que eram da ordem dos saberes, da sensibilidade e do espírito (VEIGA-NETO, 2003, p. 09).

O termo civilização, por sua vez, era preferido pelos franceses por fazer referência às realizações materiais de uma sociedade ligada ao desenvolvimento econômico e que evoluiu, no século XIX, com dimensão coletiva, deixando de referir-se unicamente ao desenvolvimento intelectual, e referindo-se, também, às características próprias de uma comunidade inclinada aos valores nacionais da civilização científica e racional. No século XIX, o termo cultura é associado ao desenvolvimento interior em oposição ao externo, ligando a cultura às artes, religiões, instituições, valores diferentes e, muitas vezes, contrários à civilização e a sociedade.

No entanto, quando se tratava da cultura posta no mundo, Raymond Williams (1992) explicita a complexidade deste termo. De acordo com esse autor, até no século XVIII o termo cultura era empregado para fazer referência ao cultivo de alguma coisa. Porém, em fins do século XVIII e início do século XIX, o termo passa a ser empregado para referir-se ao modo de vida das pessoas, ao modo de vida da civilização.

[...] Começando como nome de um *processo* – cultura (cultivo) de vegetais ou (criação e reprodução) de animais e, por extensão, cultura (cultivo ativo) da mente humana – ele se tornou, em fins do século XVIII, particularmente no alemão e no inglês, um nome para *configuração ou generalização* do ‘espírito’ que informava o “modo de vida global” de determinado povo... (WILLIAMS, 1992, p. 10).

Para o autor citado, no final do século XVIII, o termo cultura passa a configurar-se como generalização de questões básicas com elementos formativos ou determinantes que vão produzir as características das diferentes culturas e, entre tantas alternativas, foi produzido um leque de significados convincentes, indo da ênfase do “espírito formador” às ênfases mais modernas, tais como “cultura vivida”,

determinada por outros processos sociais como, por exemplo, os de ordem econômica ou política, e o modo global de vida de um povo.

Segundo Williams (1992), em meados do século XX, houve maior representação do espírito formador e da ordem social global, convergindo-se nos interesses exemplificados pela cultura com ênfase em fatores relacionais. Tal representação evidenciou a convergência entre as diferentes ênfases conferidas ao termo cultura, diferenciando-a da ordem social global ao insistir que a prática cultural e a produção cultural são elementos importantes de constituição da ordem social, embora o espírito formador veja a cultura como sistema de significações, onde a ordem social é colocada, reproduzida, vivenciada e estudada dentro de um sistema de significações gerais. Este é, no entanto, definido de maneira mais ampla por incluir as artes, as formas de produção intelectual e as práticas significativas constituidoras de um campo complexo e extenso, não só para as artes, mas também para todas as atividades de apreensão da realidade, supondo que todas dependam da cultura.

Para Williams (1992), quando a perspectiva do marxismo ortodoxo coloca a cultura no campo secundário, numa dicotomia entre infraestrutura e superestrutura, submetendo-a puramente às determinações econômicas, perde-se a visão da totalidade real do campo social, obscurecendo a visão dos homens ao não lhes permitir ver com clareza que é o modo geral de vida que nos leva a atribuir sentidos às relações, às práticas, às instituições, à economia e à sociedade em que estamos inseridos. Contrário a essa perspectiva ortodoxa, mas, fundamentando-se em Marx, o autor considera que a palavra cultura precisa ser vista como termo amplo e de entendimento muitas vezes complexo.

Assim, há certa convergência prática entre (i) os sentidos antropológico e sociológico de cultura como “modo de vida global” distinto, dentro do qual percebe-se, hoje, um “sistema de significações” bem definido não como essencial, mas como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social e (ii) o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura como “atividades artísticas e intelectuais”, embora estas, devido à ênfase em um sistema de significações geral, sejam agora definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as “práticas significativas” – desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade – que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso (WILLIAMS, 1992, p. 13).

Para Williams (1969), no discurso inglês, o termo cultura toma forma ao ser associado às palavras *industrial*, *democracia*, *classe* e *arte*, a partir da relação que estabelecem entre si e com o industrialismo que tomava conta da Inglaterra no século XIX, culminando na Revolução Industrial que transforma a França e a Inglaterra, fazendo-as olhar de um novo modo para a cultura, associado à democracia que se instaura pela Europa, apresentando novas características e ideias diferentes do *Kultur* alemão.

A evolução de *cultura* é, talvez, a mais impressionante em relação a todas as outras palavras referidas. Cabe em verdade dizer que as questões ora implicadas nos significados da palavra *cultura* são questões diretamente surgidas das grandes transformações históricas que, à sua maneira, se traduzem nas alterações sofridas pelas palavras *indústria*, *democracia* e *classe* e são de perto acompanhadas pelas modificações experimentadas pela palavra *arte*. A evolução da palavra *cultura* dá testemunho de numerosas reações, importantes e continuadas, a essas alterações de vida social, econômica e política e pode ser encarada, em si mesma, como um especial tipo de roteiro, que permite explorar a natureza dessas mesmas alterações (WILLIAMS, 1969, p. 18).

Esse autor propôs uma análise mais detalhada da cultura para compreendê-la e dar-lhe forma em um momento histórico do capitalismo pós-guerra, onde avanços industriais tomam forma e levam ao avanço de outros campos voltados inclusive para a relação de mercado que atingiam todas as esferas culturais e sociais. Cultura para o autor não é uma instância autônoma a parte dos acontecimentos sociais, da construção da realidade, pois, a cultura é determinante e determinada pela ordem social vigente.

[...] A ideia de *cultura* seria mais simples se fosse resposta ao industrialismo apenas; foi, porém, resposta a novos desenvolvimentos políticos e sociais, isto é, à *Democracia*. [...] ao mesmo tempo em que essas respostas definem consequências e comportamentos na área exterior sob exame, há, ainda, na formação dos significados de *cultura*, referência evidente a um âmbito de experiência pessoal e, aparentemente, privada, que iria afetar profundamente o sentido e a prática da arte. [...] Em verdade, ao reconhecimento de que existe um corpo individualizado de atividades morais e intelectuais que se constituem como um tribunal de apelação humana, ideias presentes nos significados iniciais da palavra cultura vem associar-se e, deste modo, mudá-las a afirmação crescente de um novo modo de vida; todo um modo de vida que não é apenas maneira de encarar a totalidade, mas ainda maneira de interpretar toda a experiência comum e, à luz dessa interpretação, mudá-la. *Cultura* significava um estado ou um hábito mental ou, ainda, um corpo de atividades intelectuais e morais; agora, significa também todo um modo de vida. Essa evolução, como a dos significados originais e a de suas relações, não é acidental, mas geral e profundamente importante (WILLIAMS, 1969, p. 20).

Williams (1992) apresenta uma resistência à visão da história cultural como sendo produzida pela arte dos que “detém” criatividade “superior”, elevando a cultura ao patamar dos poucos que se encontravam nas condições socioeconômicas de tê-la ou criá-la, colocando a criatividade como atributo exclusivo da arte e produtora de cultura de toda sociedade.

Para ele, tanto a cultura como o modo de vida ou a produção artística imprimem significado coletivo e não são excludentes, enquanto a arte é um processo social contida na sociedade, como o são todas as outras práticas humanas. A cultura é produtora da realidade, ela constitui o mundo real a partir da interação com ele, fazendo uso da linguagem, da escrita, dos mecanismos de comunicação etc., sejam eles visuais, artísticos, escritos ou não.

Neste processo de construção social há, em toda a vivência, a possibilidade de reformular e de formular os valores culturais que são transmitidos a novos grupos, na medida em que são colocados. A reformulação ou formulação dos valores culturais podem levar à perda da autoidentidade e ao estabelecimento de novas identidades, em função da complexidade das relações existentes entre os valores culturais transmitidos e os grupos que as recebem em decorrência da própria circulação da cultura, resultando em outra organização social como produto das diferentes significações e valores que os homens como sujeitos históricos fazem do todo que lhes é apresentado.

Williams (1992) observa que, do ponto de vista sociológico, a produção cultural pode ser descrita de forma detalhada tanto interna quanto externamente, identificando e apresentando as evidências existentes entre as relações existentes do produto cultural com seu produtor e destes com as “estruturas de sentimentos”, ou seja, com suas forças sociais, instituições e tradições.

A estrutura de sentimentos, para Williams, é que articula as alterações entre a produção cultural e a organização social, no sentido de apresentar as alterações e as mudanças ocorridas em todos os campos, sejam de estilo, tendências, correntes ou outras. No entanto, elas serão sempre sociais em resposta às mudanças objetivas, sendo também uma forma de reação ao modo de vida em cada contexto social e histórico.

Portanto, ao analisar a cultura é preciso fazê-lo colocando-a em analogia com a totalidade das interações sociais, pois, conforme já disse Williams, cultura é um

“modo geral de vida”. Assim, é preciso descrevê-la a partir das inter-relações das práticas de significações que ligam e formam a vida em sociedade. O autor une ao estudo da cultura, a análise das diferentes instituições e das formas pelas quais elas se produzem, distribuem e divulgam, argumentando que esse modo de proceder possibilita ao pesquisador fazer as ligações entre processos materiais de produção e suas significações.

Ao analisar os estudos culturais de Williams, encontramos semelhanças entre o que ele denominou de *estrutura de sentimento* e o conceito de *habitus* em Bourdieu. Ambos procuram analisar a consciência prática que os agentes sociais adquirem no processo de socialização, identificada nos campos político, religioso, econômico e social, pois, para Williams, a consciência de cada pessoa se forma no interior dos grupos culturais, e, para Bourdieu, o *habitus* internaliza-se a partir das experiências vivenciadas em campos específicos. Desta forma, a consciência prática de cada agente poderia ser traduzida a partir das práticas particulares de socialização do sujeito.

Por trás dos acontecimentos sociais, haveria uma estrutura de sentimentos que articula experiências e práticas concretas que não podem reduzir-se a sentimentos do passado como produtos acabados ou até mesmo fixos, mas entendidos como instituições atuantes, carregadas de sentimentos e em constantes transformações nos âmbitos da sociedade e da cultura.

Para Bourdieu (1996), as transformações da sociedade e da cultura se dão no espaço social, em suas variadas dimensões, construído a partir da base de princípios que lhe imprime *distinção*. Logo, cada agente ou grupos de agentes são definidos pelo grau de seu capital social, econômico, simbólico e cultural a partir das posições relativas ocupadas mediante os capitais.

O capital cultural é definido por Bourdieu (2007) como o conjunto de apropriação dos bens simbólicos que constituem nossa história e nosso modo de viver, formando o patrimônio cultural. Surge da necessidade de entender as desigualdades, principalmente do desempenho apresentado pelos discentes, advindas de diferentes grupos sociais. Na sociologia da educação desse autor, há a caracterização principal da diminuição do peso do fator econômico, peso esse que deve ser comparado com o peso do fator cultural, quando se busca explicar as desigualdades escolares. Para Bourdieu (2007), a educação escolar representa uma

das formas de capital cultural tão útil quanto o capital econômico, por ser fator de determinação e reprodução social.

O capital cultural pode existir sob três formas: *no estado incorporado*, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; *no estado objetivado*, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, *no estado institucionalizado*, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao *certificado escolar*, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais (BOURDIEU, 2007, p. 74).

Para o autor, o capital cultural tem início pelos membros das famílias que são dotadas deste capital, a partir do ponto de vista do consumo cultural de cada família, e da forma como cada agente se apropria dos bens culturais, valendo-se tanto de sua educação, em geral, como de seu condicionamento para apreciação de qualquer modalidade de cultura.

O Capital cultural acumulado exige uma incorporação que pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação demandando tempo a ser investido pelo agente social. Este se torna um processo de assimilação durável, no qual o ter torna-se ser fazendo-se corpo, sendo o *habitus* integrante de cada pessoa. “[...] capital ‘pessoal’ que não pode ser transmitido *instantaneamente* (diferentemente do dinheiro, do título de propriedade ou mesmo do título de nobreza) por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca...” (BOURDIEU, 2007, p. 75). O estado incorporado não é acumulado além das capacidades de apropriação de seu agente e este estado morre quando o agente morre.

Mas é, sem dúvida, na própria lógica da transmissão do capital cultural que reside o princípio mais poderoso da eficácia ideológica dessa espécie de capital. Sabe-se, por um lado, que a apropriação do capital cultural objetivado – portanto, o tempo necessário para realizá-la – depende, principalmente, do capital cultural incorporado pelo conjunto da família por intermédio, entre outras coisas, do efeito Arrow¹⁰ generalizado e de todas as

¹⁰ O que designa por efeito “Arrow” generalizado, ou seja, o fato de que o conjunto de bens culturais, quadro, monumentos, máquinas, objetos trabalhados e, em particular, todos aqueles que fazem parte do meio ambiente natal, exercem um efeito educativo por sua simples existência, é sem dúvida, um dos fatores estruturais da explosão escolar, no sentido em que o crescimento da quantidade de capital cultural acumulado no estado objetivado aumenta a ação educativa automaticamente exercida pelo meio ambiente. Se se acrescentar a isto o fato de que o capital cultural incorporado cresce constantemente, vê-se que em cada geração, cresce o que o sistema escolar pode considerar como aquisição. O fato de que o mesmo investimento educativo terá um rendimento crescente é um dos

formas de transmissão implícita. Sabe-se, por outro lado, que a acumulação inicial do capital cultural – condição da acumulação rápida e fácil de toda espécie de capital cultural útil – só começa *desde a origem*, sem atraso, sem perda de tempo, pelos membros das famílias dotadas de um forte capital cultural; nesse caso, o tempo de acumulação engloba a *totalidade* do tempo de socialização. Segue-se que a transmissão do capital cultural é, sem dúvida, a forma mais dissimulada da transmissão hereditária do capital; por isso, no sistema das estratégias de reprodução, recebe um peso tanto maior quanto mais as formas diretas e visíveis de transmissão tendem a ser mais fortemente censuradas e controladas (BOURDIEU, 2007, p. 76).

O estado incorporado é a base constituidora da herança familiar atuando, marcadamente, na definição do futuro escolar dos agentes, pois, as referências culturais são legitimadas pela língua culta que se traz de casa, da herança familiar, facilitando, inclusive, o aprendizado de conteúdos escolares. Todos os bens incorporados são considerados patrimônio herdado, passado em longo processo de convívio e não de um dia para o outro, nem tampouco comprado, sendo específico, isto é, próprio do agente que o possui.

No estado objetivado, o capital cultural existe na forma dos bens culturais, totalmente ligados ao capital econômico, já que para possuí-los é necessário que se tenha capital econômico que, por sua vez, será evidenciado na aquisição, na compra dos bens materiais e culturais. Todavia, a apropriação simbólica dos bens referidos exige que se possua o capital cultural no estado incorporado.

O capital cultural no estado objetivado apresenta-se com todas as aparências de um universo autônomo e coerente que, apesar de ser o produto da ação histórica, tem suas próprias leis, transcendententes às vontades individuais, e que – como bem mostra o exemplo da língua – permanece irreduzível, por isso mesmo, àquilo que cada agente ou mesmo o conjunto dos agentes pode se apropriar (ou seja, ao capital cultural incorporado) (BOURDIEU, 2007, p. 77-78).

Apesar de apresentar-se como um universo autônomo, o capital cultural é produto da história da humanidade, embora tenha leis próprias que vai além das vontades individuais. Só pode existir na forma material e simbólica como objeto de lutas travadas nos campos da produção cultural das classes sociais. O Estado institucionalizado aparece na forma do diploma com investimento escolar que só terá sentido se for revertido da conversão de capital econômico em capital cultural que estão presentes na escola.

fatores estruturais de inflação de diplomas (ao lado dos fatores conjunturais que estão ligados a efeitos de reconversão do capital).

[...] Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico... (BOURDIEU, 2007, p. 78).

O diploma configura-se como uma certidão de competência cultural que confere ao agente um valor convencional juridicamente garantido com relação à cultura como forma de capital cultural autônomo em relação ao seu portador e ao que ele efetivamente possui em determinado momento histórico. No estado institucionalizado, o capital cultural se realiza por meio do capital econômico no formato de diplomas escolares.

Para Bourdieu (2007), a sociedade vive em conflitos de classe entre dominados e dominadores. No entanto, a origem não está exclusivamente na economia, mas também no capital simbólico, que por sua vez está ligado a outros tipos de capitais. Para o autor, o Estado detém o privilégio do senso comum, levando à monopolização da violência simbólica, constituindo-se por meio dos diversos capitais na construção da disputa de campo de poder no espaço social.

A construção de uma teoria do espaço social implica uma série de rupturas [...] Ruptura com a tendência para privilegiar as substâncias – neste caso, os grupos reais, cujo número, cujos limites, cujos membros, etc. se pretende definir – em detrimento das *relações* e com a ilusão intelectualista que leva a considerar a classe teórica, construída pelo cientista, como uma classe real, um grupo efetivamente mobilizado; ruptura com o economicismo que leva a reduzir o campo social, espaço multidimensional, unicamente ao campo econômico, às relações de produção econômica constituídas assim em coordenadas da posição social; ruptura, por fim, com o objetivismo, que caminha lado a lado com o intelectualismo e que leva a ignorar as lutas simbólicas desenvolvidas nos diferentes campos e nas quais está em jogo a própria representação do mundo social e, sobretudo, a hierarquia no seio de cada um dos campos e entre os diferentes campos (BOURDIEU, 1989, p. 133).

Para o autor, a posição social que o agente ocupa pode ser de privilégio ou não, sendo definida de acordo com a composição dos capitais que o agente possui. O conjunto destes capitais (cultural, social, econômico e simbólico), que ao serem dispostos em uma cultura é denominado por ele de *habitus*, implica no modo de sentir, pensar e agir dos agentes sociais. Relacionado ao capital cultural que é incorporado pelos agentes sociais, o *habitus* se apresenta como resultado das

condições de existência de cada um seja ele resultado de condições objetivas e/ou simbólicas.

Os agentes ocupam suas posições, seus espaços no meio social, a partir do *habitus* que lhes são dados pelas instituições a que pertencem desde o nascimento, mesmo se diferenciando de um grupo para outro, levando à distinção, pois, a gama de capital cultural que lhes é transmitido (os valores, a linguagem, a maneira de ser, pensar, agir e ver o mundo), com certeza, imprime-lhes o gosto e a autorrepresentação do meio que os cerca.

O gosto e as práticas culturais dos agentes são, portanto, o resultado das condições específicas de socialização de cada um; são produtos educativos que vão se constituindo a partir dos grupos em que os agentes se encontram inseridos. Portanto, a posição do agente nos espaços sociais é definida pela sua posição nos diferentes campos de que participa, bem como da distinção de poder e atuação de que desfruta em cada um deles. Enquanto o *habitus* é apreendido a partir da experiência vivida em um determinado grupo social, a estrutura de sentimento se dá no interior dos grupos culturais.

[...] *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. Assim como as posições das quais são o produto, os *habitus* são diferenciados; mas são também diferenciadores. Distintos, distinguidos, eles são também operadores de distinções... (BOURDIEU, 1996, p. 21-22).

Portanto, Bourdieu (1996) afirma ser o *habitus*, princípio que gera as práticas distintas e distintivas, pode funcionar como mediador entre as estruturas sociais postas no mundo em que as atitudes, o estilo de comportamento de cada agente perante seu grupo ou perante a sociedade pode ser compreendido a partir da formação de *habitus* desse agente, imprimindo-lhe identidade pessoal e/ou coletiva. Por um lado, o *habitus* está ligado aos modos de dominação por meio das diferenças simbólicas, redefinindo as categorias de distinção, mistificando as relações de poder e, pelo senso prático, o agente social joga o jogo social produzindo distinção e inovando na recriação de *habitus* em construção de novos sistemas simbólicos.

Por outro, o *habitus*, que os agentes sociais incorporam em seus campos, durante sua socialização, torna-o apto a realizar mudanças em seu campo e não

apenas em reproduzir e seguir normas incorporados, pois neste processo há uma aceitação e/ou negação dessas normas. Assim, *habitus* apresenta capacidade criadora, possibilitando aos agentes dar respostas a situações inusitadas.

[...] o que comumente chamamos de distinção, uma certa qualidade, mais frequentemente considerada como inata (fala-se de "distinção natural"), de porte e de maneiras, é de fato *diferença* separação, traço distintivo, resumindo, propriedade *relacional* que existe em relação a outras propriedades (BOURDIEU, 1996, p. 18).

No campo social pode-se pensar, a partir de construção de modelo simples deste campo, a posição que cada agente ocupa em todo o espaço, jogando o jogo possível. Assim, percebe-se que há uma lógica própria para cada campo, com hierarquia própria estabelecida entre os diferentes capitais e as ligações estatísticas existentes entre eles, imprimindo ao campo econômico posição privilegiada para impor sua estrutura aos demais campos.

O que dará ao agente ou a um grupo de agentes maior ou menor prestígio é definido a partir do volume, e estrutura de um ou mais capitais que possui, compreendido tendo como base o sistema de disposição cultural, o *habitus*. Para Bourdieu (2004), a sociedade se estrutura hierarquicamente a partir do poder e privilégios determinados tanto pelas relações econômicas e materiais quanto pelas relações simbólicas e culturais de cada agente. Neste sentido, os grupos localizam-se em diferentes campos em função das desigualdades, do grau de distribuição de recursos e de poderes de cada agente, ou seja, pelo capital econômico que detém.

Para Bourdieu (2004), o desenvolvimento da realidade social busca dissimular a estrutura dessa realidade a partir das práticas simbólicas. Ele afirma ser necessária a existência de um universo simbólico e não apenas econômico para representar a classe, bem como a afirmação de que os intelectuais deveriam promover a práxis de transformação social, apontando os mecanismos de reprodução e dominação simbólica.

[...] As interações, que proporcionam uma satisfação imediata às disposições empiristas – podemos observá-las, filmá-las, registrá-las, em suma, tocá-las com a mão –, escondem as estruturas que se concretizam nelas. Esse é um daqueles casos em que o visível, o que é dado imediatamente, esconde o invisível que o determina. Assim, esquece-se de que a verdade da interação nunca está inteira na interação tal como está se oferece à observação... (BOURDIEU, 2004, p. 153-154).

Tudo depende de se jogar o jogo a partir das estruturas do campo social, que é apresentado ao agente muitas vezes como real e classificado por Bourdieu como *Illusio*, causando encantamento e produzindo relação de cumplicidade entre as estruturas subjetivas e as objetivas no espaço social. Desta forma, os conflitos, as injustiças e as desigualdades sociais adquirem sua estrutura justificada pela mediação do *Illusio* quando obscurecido pelas origens da produção e reprodução dos conflitos sociais.

Assim sendo, é preciso que se tenha o olhar voltado para as reais construções sócio-históricas da cultura e das quais os homens participam, nos diferentes campos, que apresentam sua lógica própria, construída coletivamente, com sentido social também próprio e que imprime sentido às ações sociais. Desta forma, é possível analisar o processo de sociabilidade adquirido por cada agente social do grupo, tendo como princípio a consciência prática de cada um, a partir dos campos político, religioso, econômico e social de cada um, mediante as posições que cada agente social ocupa em seus campos, a partir da formação de *habitus* desse agente

2.2 Juventudes e Cultura Juvenis

Estudar as juventudes significa abordar contextos mais amplos, pois é preciso relacioná-las ao complexo estudo do conjunto sociocultural que compõe o campo temático das pesquisas em ciências sociais que abordam essa temática. Há ainda que se levar em conta a crescente transformação da sociedade globalizada e do intenso e contínuo desenvolvimento das tecnologias que provocam mudanças culturais em seu sentido amplo.

No entanto, faz-se necessário buscar compreender as especificidades que compõem esse universo geracional, partindo do princípio da complexidade de tal universo. Se há um consenso entre os cientistas sociais que pesquisam juventude é que esta se constitui em uma categoria de complexa definição, e que a categoria juventude tal como a conhecemos hoje, é um produto da modernidade, tratando-se de uma categoria histórica e socialmente localizada. A partir da discussão da cultura, buscamos a compreensão das culturas juvenis e do universo simbólico dos jovens no mundo contemporâneo.

2.2.1 Juventudes: dimensões identitárias e existenciais

Ao buscar uma conceituação da palavra juventude nos dicionários de língua portuguesa, perceberemos que há uma convergência em classificá-la como passagem da vida infantil para a vida juvenil ou da vida juvenil para vida adulta.¹¹ Entretanto, são muitos os caminhos trilhados na literatura das ciências sociais para definir, conceituar, diferenciar ou marcar o começo e o final dos períodos caracterizados como juventude. Podemos afirmar que esta não é uma terminologia nova, pois remonta à Grécia antiga.

Quadro 1: Momentos históricos.

Grécia antiga até século V	No governo de Augusto, os meninos de 16 anos eram inseridos em uma classe denominada “príncipes da juventude”
Por volta do século VI e VII	Juventude (de 22 a 30 nos) apenas aos 40 anos, os homens podiam participar dos cargos políticos, porque esta idade representava o fim da idade dos perigos.
A partir do século XVIII	Com Rousseau começa a surgir uma visão mais sociológica da juventude

Fonte: (GUIMARÃES; GRINSPUN, 2008, p. 1-2).

E mesmo recorrendo à conceituação contemporânea, Sandoval coloca que ela é bem variável.

Por exemplo, entre 7 e 8 anos em El Salvador; entre 12 e 26 anos na Colômbia; entre 12 e 35 na Costa Rica; entre 12 e 29 no México; entre 14 e 30 na Argentina; entre 15 e 24 na Bolívia, Equador, Peru, República Dominicana; entre 15 e 25 na Guatemala e Portugal; entre 15 e 29 no Chile, Cuba, Espanha, Panamá e Paraguai; entre 18 e 30 na Nicarágua; em Honduras, a população jovem corresponde aos menores de 25 anos (CEPAL/OIJ, 2004, p. 290-291). No Brasil se utiliza a faixa entre 15 e 24 anos de idade, por instituições como o IPEA e o Instituto Cidadania (SANDOVAL, 2005, p. 53).

Há muito tempo o conceito de juventude vem sendo discutido na tentativa de se encontrar um conceito que não reproduza a hegemonia cartesiana. Porém, com

¹¹ Segundo Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa (2009, p. 478), “Juventude (*ju-ven-tu-de*) *sf.* **1** Qualidade ou condição de jovem: o *vigor da juventude*. **2** Fase da vida que começa na adolescência e termina na idade adulta; mocidade; juventude. [Ant.: *velhice*]. **3** Os jovens como um todo; mocidade: *a juventude dos anos 70*”. Nas definições em dicionários de português há uma ambiguidade de conceitos por não levarem em consideração a complexidade conceitual que a palavra juventude encerra.

surgimento das classes burguesas, no século XIX, é que se deu o início da caracterização da juventude.

Somente ao fim do século XIX, surge, nas classes burguesas o termo adolescência, como o resultado de uma sociedade capitalista e industrializada, com a intenção de demarcar o início da segunda infância, definindo a idade para além dos 13 anos. Esta sociedade caracterizou uma juventude que almeja a maturidade precoce, chegando a envergonhar-se de sua condição juvenil (GUIMARÃES; GRINSPUN, 2008, p. 2).

Há uma tendência em conceituar a categoria juventude como transição para a fase adulta, ou etapa de preparação dos sujeitos para a vida adulta, com a predominância de um modelo universalista de vida adulta, não havendo o reconhecimento das condições diferentes de vida da juventude como categoria atuante no espaço social e sua capacidade de participação nos diversos contextos sociais.

A faixa etária é uma maneira corriqueira de classificar, de conceituar os jovens, muito utilizada em vários países e organizações governamentais como parâmetros cronológicos, muitas vezes associados aos psicológicos, buscando compreender o que é ser jovem. Para a Organização Pan-Americana da Saúde e, também, para a Organização Mundial da Saúde (OPS/ OMS), a juventude apresenta-se como categoria sociológica por meio da qual os jovens são preparados para assumir seus papéis de adulto. Para esse período preparatório, essas organizações consideram a faixa etária de 15 aos 24 anos de idade.

Já a Organização Internacional do Trabalho (OIT) considera a faixa de 16 a 29 anos, considerando, inclusive, os jovens que nela se encontram como aptos para o mercado de trabalho. No Brasil, a Política Nacional de Juventude (PNJ) considera como jovens aqueles sujeitos que estão entre 15 e 29 anos de idade, subdivididos em três grupos. No primeiro deles encontram-se os jovens adolescentes que estão entre 15 a 17 anos; no segundo, os jovens de 18 a 24 anos; e no terceiro, os jovens adultos de 25 a 29 anos.

Outro fato muito comum é classificar a adolescência e a juventude a partir do conceito biológico. Essa confusão é bem comum quando não se demarca o campo conceitual da pesquisa, o que, geralmente, leva à configuração de uma coisa e de outra, como sinônimos. Porém, ao pesquisá-los é preciso compreender a partir de que campo ele está sendo pesquisado, já que na biologia evolutiva ele é

conceituado como estando em uma transição de crescimento cronológico, de amadurecimento do aparelho reprodutor e cognitivo, fase na qual tem início todo o processo de identidade individual e grupal.

Nas ciências sociais diversos autores buscaram compreender a juventude a partir de questões culturais, considerando-a, inclusive, em sua diversidade de pensamentos, sentimentos, expressões e práticas, saindo da condição heterônoma para a autônoma como categoria de análise. Logo, falar

[...] em juventude no singular não abrange a diversidade e a complexidade do fenômeno nas sociedades contemporâneas. A juventude, consensualmente entendida na sua pluralidade por diferentes autores, constitui uma categoria cujos sentidos divergem conforme as condições de classes sociais, culturais, de gênero, territoriais, dentre outras. Utilizar o termo juventudes supõe considerar dimensões formativas do sujeito na sua singularidade de ser jovem e não apenas uma passagem ou transição de vida e nesse sentido, a juventude assume importância em si mesma... (CAVALCANTE, 2010, p. 50).

Ao compreender a complexidade da palavra juventude no plural, estamos considerando os diferentes significados que ela assume a partir do contexto histórico, social, econômico e cultural vigentes, tanto que, mesmo sendo incluído em faixas etárias, cada agrupamento juvenil possui características próprias de acordo com os contextos em que vivem e com os sentimentos de pertença dos agentes aos grupos por meio dos quais se distinguem e se identificam, seja pela determinação de gênero, etnia, classe, entre outros determinantes, configurando uma identidade que não se reduz a um único modo de ser jovem.

Para Bourdieu (2003), a idade não passa de uma forma discriminatória socialmente aplicada à competição entre jovens e velhos, marcando simbolicamente a distinção presente ou futura em um jogo cronológico de classificação. Ou seja, para esse autor, a juventude é apenas uma palavra e as

[...] divisões entre a idade é arbitrária. É o paradoxo [...] não se sabe em que idade começa a velhice... De fato, a fronteira entre juventude e velhice é em todas as sociedades uma parada em jogo de luta... Percebe-se a específica distinção, feita pelo autor, entre jovem e adulto, sendo esta uma seleção que pode ser manipulada tendo como variantes dois fatores importantes: [...] É-se sempre velho ou jovem para alguém [...] e [...] Juventude e velhice não são dados, mas construídos socialmente... (BOURDIEU, 2003, p. 152)

Dependendo da idade de duas ou mais pessoas em relação comparativa, pode-se afirmar que ser jovem ou velho é característica, categoria aplicável a uma mesma pessoa. Por exemplo, podemos dizer que um jovem na faixa etária de 21 anos tem atitudes e ações como um adulto de 40 anos e vice-versa. Para o autor, a complexidade existente na relação entre as idades social e biológica desaparecem, por exemplo, com a proximidade dos jovens ao pólo de poder.

Para Leontiev (1978, *apud* GUIMARÃES; GRINSPUN, 2008, p. 6), “[...] o jovem adquire uma identidade social por ser capaz de assumir representações, significados e interpretações diferenciadas pelos homens inseridos na sociedade contemporânea.” Neste sentido, os jovens apresentam maior domínio de pensamento, reflexão e ação sobre si mesmos no mundo em que estão inseridos, conhecendo criticamente a realidade social que os cerca.

Dessa discussão, entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Assim, os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares. [...] É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem, existentes (DAYRELL, 2003, p. 42).

Na Sociologia, por um lado, o conceito de juventudes é abordado a partir da compreensão deste como abordagem classista e geracional, pois as juventudes apresentam uma fase de evolução biológica, cronológica e de valores geracionais que podem ser desconstruídos, reconstruídos ou criados, na medida em que esses agentes não ficam alheios à sua realidade, inserindo-se nela como construtores de seu próprio mundo. Por outro lado, na abordagem classista encontramos os problemas advindos da divisão de classes e de suas desigualdades sociais, sendo, os jovens, produtos dessa desigualdade.

Por mais que haja desigualdades sociais não se pode negar que os jovens são seres sociais que estão em constante relação dialógica com o mundo que o cerca, construindo sua própria história a partir de sua interpretação do mundo, dando-lhe sentido concreto, produzindo e sendo produzido pelas relações sociais que estabelecem com o outro.

Dada essa configuração da juventude no mundo contemporâneo, e tendo-se como referência as mudanças que ocorrem nas várias dimensões da vida cotidiana, em sociedade, exige-se que haja redobrada atenção teórico-metodológica para se conceituar o que é ser jovem, hoje. Para Duarte,

[...] é nesse cenário que os estudos recentes relativos aos jovens em seus diferentes espaços expressam a preocupação de apreender quem são esses agentes, quais seus modos de pensar e agir, suas necessidades e perspectivas e suas relações com as agências socializadoras (DUARTE, 2012, p. 71).

A juventude, na contemporaneidade, é um segmento importante da sociedade. Tem forma própria de pensar, de agir, de estar no mundo, que é construído a partir de sua vivência na sociedade e das condições que estas lhes dão e, até mesmo, da dinâmica do espaço geográfico a que pertence, pois são estes espaços sociais e geográficos que se alteram, historicamente, a partir das transformações da sociedade que acabam por imprimir aos jovens as diferentes formas de viver o tempo presente.

2.2.2 Culturas juvenis marcadas pelos estilos de vida

Para entender porque falamos na modernidade de culturas juvenis precisamos fazer um rápido percurso pela história da juventude para encontrar o fio condutor desta história. Segundo Duarte (2012), como princípio de categoria e sujeitos de direitos encontraremos históricos que datam da década de 1950. Neles, principalmente a juventude dos Estados Unidos, inspirada na cultura do *rock and roll*, foi se constituindo em função de fatores econômicos e culturais após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Este foi um momento de expressiva ascensão da juventude, principalmente da classe média e alta, que aos poucos foi dominando todos os meios publicitários e econômicos como consumidores, e se propagando por todo o Ocidente. O comportamento que teve início nesta década causou preocupação a diversos setores da sociedade, pois os jovens vestiam-se, falavam e se divertiam de modo diferente dos adultos ou do que poderia ser considerado pela sociedade vigente, na ocasião, como formas aceitas de lazer, vestimenta e linguagem.

Para Duarte (2012), o movimento de representação juvenil iniciado nos Estados Unidos chega ao Brasil carregado de rótulos, por meio dos quais os jovens passaram a ser retratados como agentes que em boa parte do tempo se divertiam, não trabalhavam, só estudavam, ficando totalmente livres para fazer o que bem entendessem. Assim como os jovens dos Estados Unidos, os jovens brasileiros também foram vistos como juventude problemática, violenta, vândala, usuária de droga, principalmente os filhos da classe média e alta, que acabava por envolver-se em atos ilícitos.

Por volta de 1956, os jornais começaram a publicar notícias sobre as atitudes de uma certa 'juventude transviada' que estava escandalizando a sociedade do Rio de Janeiro e de São Paulo. [...] Até que em 06 de março de 1957, estampou na primeira página do jornal, em letras gigantes, a seguinte manchete: "Seu filho já chegou às fronteiras do crime!" A matéria fazia parte de uma série jornalística intitulada "Um repórter mergulha no mundo sombrio da juventude transviada' (MACHADO, 2006, p. 73).

Duarte (2012) observa que até os anos 1950 parecia que a juventude sabia apenas copiar os adultos em todas as formas de comportamento, pois estes eram considerados o modelo que tinham. Contudo, o conflito geracional se torna agudo, provocando o espanto e a indignação das instituições socializadoras, obrigando-as a pensarem a juventude como categoria social.

De acordo com Duarte (2012), a juventude brasileira saiu da invisibilidade somente na década de 1950. Há fatos históricos que apresentam dados anteriores a esse período, mostrando que os movimentos estudantis, por exemplo, são bem anteriores e ainda estão presentes na contemporaneidade. Porém, tem caráter descontextualizado e generalista da realidade juvenil, não reunindo em suas concepções todos os segmentos juvenis, e nem levando em consideração o contexto histórico da juventude como categoria social.

No entanto, não se pode negar que os movimentos estudantis já tiveram papel importante na história da juventude brasileira, tanto que a criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1937, teve papel importante na organização do movimento estudantil em consequência do processo de urbanização do país. No caminho desta, outros segmentos surgiram, destacando-se entre eles, aqueles movimentos que se vincularam à Igreja Católica e ao Partido Comunista Brasileiro, e que se mantiveram atuantes no debate político. Além destes, surgem os artistas e

intelectuais que criaram outros movimentos que levaram à discussão da realidade brasileira a partir do campo cultural.

O que se pode observar é que as décadas de 1960, 1970 e início de 1980 se caracterizaram pela radicalização dos jovens na ação política, em contraposição ao modelo vigente àquela época, ou seja, contra a ditadura civil e militar impetrada no Brasil a partir de 1964. O movimento estudantil se constituiu numa importante organização que agregou os jovens brasileiros no processo de resistência à ditadura militar, produzindo, assim, um movimento de contracultura aliado a outros da época, como o movimento tropicalista, os movimentos camponeses e feministas (DUARTE, 2012, p. 58-59).

Para Duarte (2012), esses movimentos eram basicamente compostos pelos jovens da classe média e alta e não representavam as perspectivas dos jovens pobres da periferia. Os jovens que compunham os movimentos estudantis tinham acesso à educação em todos os níveis e, principalmente, os que mais tinham acesso ao ensino superior promoviam o movimento de contracultura. Mesmo sendo um movimento juvenil, ele utilizava-se de categorias simbólicas na condução e discussão dos problemas da juventude e dos problemas sociais típicos do mundo adulto. A consequência foi a vulnerabilidade desses movimentos que se tornaram reféns dos tecnocratas que dirigiam o mundo adulto, impondo aos movimentos juvenis singularidade e limitações.

Entender as culturas juvenis é perceber que ela é constituída e inscrita em diferentes locais pelos quais os jovens circulam, sejam espaços na rua, no bairro, na favela, em casa, na escola, nos lugares de lazer, etc., todos são espaços de construção de culturas juvenis. Cada jovem em seu campo e com seu grupo vivem experiências em conjunto produzindo modos de ser jovens a partir dos diversos universos juvenis no mundo contemporâneo. Para Dayrrel (2004, *apud* CAVALCANTE, 2010, p. 64), “[...] o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil...”.

Hoje, os jovens representam uma multiplicidade de vozes que se manifestam por diversos cantos, tendo como base as vivências cotidianas existentes em seus campos, muitas vezes potencializados, ou não, pela qualidade das relações existentes entre seus agentes, por meio das dimensões culturais, políticas, éticas, estéticas etc. Daí a importância de considerar a juventude a partir de seu contexto

social, possibilitando-lhes as condições de viver e interferir no espaço social como sujeitos ativos e produtores de cultura.

Se as culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de compartilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser *próprios* ou *inerentes* à fase de vida a que se associa uma das noções de «juventude», como podem, também, ser *derivados* ou *assimilados*, quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente *geracional* da sociologia da juventude), quer, por exemplo, das trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente *classista*)... (PAIS, 1990, p. 140-141).

Os espaços ocupados pelos jovens no mundo urbano têm como característica revelar a posição que os jovens ocupam neste espaço. E para Bourdieu (1985), segundo Cavalcante (2010, p. 76-77), “[...] a sociedade é como uma representação de um espaço de várias dimensões, construído com base nos princípios de diferenciação ou distribuição e constituído por uma série de propriedades ativas de um universo social em questão”.

Do ponto de vista sociológico, a juventude cria seus territórios exclusivos de interação e representação de identidade específica, com consumos distintos e de estabelecimento de sociabilidade, elevando a juventude à categoria sociocultural e não mais uma fase da vida exclusivamente fisiológica ou psicológica. Segundo Bourdieu (2003), há leis específicas de campo, jogo de lutas que determinam o ser jovem no mundo contemporâneo e a “[...] idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável” (p. 153). Os jovens negam sua condição atribuída de passividade de expectador e colocam-se no mundo moderno como agentes da construção de sua historicidade como categoria ativa e lutam para ser reconhecidos como sujeitos de direito.

Os jovens enquanto agentes sociais vivenciam práticas constituídas em múltiplos e diversificados espaços socioculturais de formação e, neles, produzem elaborações simbólicas orientadas pelo tempo presente. As práticas sociais no espaço urbano fundamentam-se em um universo de códigos, normas e regras instituídas pela sociedade e redefinidas por eles mediante a vivência de práticas singulares, típicas da existência do tempo juvenil... (DUARTE, 2012, p. 71).

As práticas cotidianas que apresentam estilos de vida reproduzidos por meio de heranças deixadas por cada juventude no processo histórico demarcam as

fronteiras identitárias dos jovens. Nesse sentido, as juventudes são compreendidas para além dos marcadores etários. Tal compreensão considera os processos subjetivos e os contextos sócio-históricos de desenvolvimento dos jovens como sujeitos ativos capazes de transformar os campos a que pertencem, e como agentes de direitos capazes de intervir no espaço coletivo, revelando as contradições do mundo que se constrói historicamente.

Para Feixa (2008), há dois sentidos de culturas juvenis: um amplo e outro mais restrito. No primeiro, evidenciam-se as experiências sociais coletivas dos jovens na construção de estilos diferentes de vida, que estão presentes no tempo de vida livre ou em espaços intersociais da vida institucional. O outro proporciona a compreensão das culturas juvenis como “microsociedade de jovens”, com diferenças de autonomia em relação às “instituições adultas” em espaços e tempos específicos, encontra-se relacionado com os processos de mudança social, econômico, educacional, trabalhista e ideológico nas sociedades ocidentais.

O autor utiliza o termo culturas, no plural, por enfatizar a heterogeneidade existente entre os jovens e seus grupos, evitando as generalidades. Outro ponto abordado por Feixa (2008), quanto às culturas juvenis, está voltado para a constituição singular das relações estabelecidas com a cultura hegemônica dos adultos, a partir de três cenários: o da cultura hegemônica, o da cultura parental e o da cultura geracional.

A cultura hegemônica expressa a distribuição de poder cultural em escala mais ampla da sociedade. A relação dos jovens com esta cultura é mediatizada por diversas instâncias sociais (escola, sistema produtivo, meios de comunicação etc.), nas quais os jovens desenvolvem relações contraditórias de integração e conflito que mudam ao longo do tempo.

A cultura parental vista como redes culturais, definidas por identidades étnicas e de classe, mostra que as culturas juvenis desenvolvem normas de conduta e valores vigentes em seu meio social, não se limitando, porém, à relação entre pais e filhos, mas, a um conjunto mais amplo de interações diárias entre membros de diferentes gerações da família, da escola local, das redes de amizade, bem como dos grupos associativos.

A cultura geracional refere-se às experiências específicas dos jovens nos espaços institucionais estabelecidos (escola, trabalho, meios de comunicação), espaços parentais (família) e nos espaços de lazer (as ruas, o baile, as festas, etc.).

Nestas áreas, os jovens se encontram com seus pares, com os quais identificam certos comportamentos e valores diferentes dos existentes no mundo adulto.

As culturas juvenis, segundo Feixa (2008), não são homogêneas nem estáticas. As fronteiras são inexatas e o intercâmbio entre os diversos estilos é numeroso. Mesmo recebendo as influências de diversos estilos os jovens, tendem a construir um estilo próprio, voltado às suas identidades, próprias do modo de ser jovem. Neste sentido, segundo o autor, as culturas juvenis podem ser analisadas a partir de duas perspectivas. A primeira é a perspectiva das condições sociais, entendida como o conjunto de direitos e obrigações que definem a identidade do jovem dentro de uma estrutura social determinada, de acesso aos materiais construídos a partir das identidades geracionais, de gênero, de classe, etnia e território.

A segunda é a perspectiva das imagens culturais, entendidas como o conjunto de atributos ideológicos e simbólicos atribuídos ou apropriados pelos jovens. As culturas juvenis traduzem um estilo mais ou menos visível, integrando elementos materiais e imateriais advindos da moda, da música, da linguagem, das práticas culturais e atividades locais. Estes elementos apresentam uma existência histórica, concreta. Logo, é preciso olhar a juventude para além dos marcadores etários, considerando os processos subjetivos e os contextos sócio-históricos de desenvolvimento objetivo das juventudes como agentes ativos capazes de transformar os campos a que pertencem, com direito de intervir no espaço coletivo, revelando as contradições e paradoxos que perpassam suas relações com seus pares e demais agentes, advindos do processo sócio-econômico que amplia os abismos entre as classes que se fragmentam no espaço cultural.

A experiência do tempo se constitui na relação entre o *habitus* que o agente tem incorporado e o mundo social, entre as disposições de ser e de fazer e as condições regulares do cosmo social em que está inserido. O *habitus* relaciona-se com a matriz determinada pela posição social do agente que lhe permite pensar, ver e agir nas mais variadas situações. O *habitus* traduz, dessa forma, estilos de vida, julgamentos políticos, morais, estéticos etc. (GUIMARÃES; DUARTE, p. 6, 2009).

O *habitus* dos jovens como seres sociais são construídos em diversos espaços socioculturais de desigualdades, e as práticas simbólicas que os jovens vivenciam são por eles redefinidas a partir dos capitais sociais, culturais e econômicos, levando-os a diferentes estilos de vida, a partir das oportunidades

objetivas, concretas, em espaço social definido. Todavia, mesmo com condições objetivas de vida, os jovens depositam suas esperanças subjetivas em futuro melhor e entram no jogo social como dinâmica interna de probabilidades objetivas de sobrevivência em um campo que aprenderam e desenvolveram habilidades para jogar. Assim,

[...] os jovens agentes vivem esta fase da vida fazendo percursos diversos. Orientam-se por elementos materiais e imateriais, códigos, símbolos, sistemas de representações sociais, expressando estilos de viver, expressões culturais de agrupamentos juvenis diversos. Produzem e expressam culturas perpassadas pela forma de acesso aos bens sociais, por *habitus* e estilos de vida, vivências individuais e grupais. Os jovens se constituem em vários espaços sociais e culturais, dentre eles a rua, a escola, a família, a religião, o trabalho e outras redes de sociabilidade (DUARTE, 2012, p. 18).

A mobilidade que os jovens têm no espaço social para desenvolver suas trajetórias sociais apresenta uma relação de entrelaçamento muito forte com o grupo familiar, comunidades religiosas, grupo de trabalho e de vizinhança são cruciais no processo da construção de *habitus* dos agentes.

Tudo isso nos faz perceber que abordar as culturas juvenis na contemporaneidade, com especificidades diferentes da juventude da década de 1980, e no mundo de hoje supostamente voltado para o individualismo, o sentimento de pertença ao grupo familiar parece ser ainda uma característica identitária de pertença juvenil ao seu campo social e aos modos de ser jovem, tanto que as

[...] redes de parentesco, avós, tios, primos, cunhados, etc., ocupam parte considerável do universo de relações sociais de indivíduos dos mais variados meios, classes, estratos e segmentos sociais. Assim, a elaboração de projetos individuais e as trajetórias, propriamente ditas, se dão num mundo complexo, tanto em termos de pertencimentos e papéis sociais como, sobretudo, de crenças, valores e referências simbólicas (VELHO, 2006, p. 196).

Mesmo com a mudança cotidiana que encontramos no espaço simbólico vivido pelas juventudes contemporâneas, advinda de sua heterogeneidade e dinamismo, ajuda-nos a pensar o ser jovem a partir da concretude da vida social em meio aos conflitos geracionais, parentais de classe, imprime ao jovem o sentimento de pertença a seu grupo. Para Leon (*apud* Duarte, 2012) há dois aspetos que contribuem com a análise do ser jovem: o da condição juvenil e o da situação juvenil.

Quanto à “condição juvenil”, trata-se de categoria sociológica e antropológica referida tanto à estrutura social quanto aos valores e à cultura particular dos sujeitos jovens nos processos de transformações sociais contemporâneas (formativas, trabalhistas, econômicas, culturais).

E a ‘situação dos jovens’ nos remete à análise territorial e temporal concreta, ou seja, a como os diversos jovens vivem e experimentam sua condição de jovens em um espaço em determinado tempo. Daí se conjugam processos que vinculam a noção de juventude a certos elementos que se visualizam com certa estabilidade: o alongamento ou prolongamento da juventude como uma fase da vida resultante de uma maior permanência no sistema educativo; o atraso em sua inserção sociotrabalhistas e de conformação de família própria; uma maior dependência com respeito a seus lares de origem e uma menor autonomia ou emancipação residencial (LÉON, 2009, p. 73).

A partir destes processos de situação e condição juvenil, é possível identificar toda uma trajetória de vida construída em meio ao paradoxo das relações de poder não só advindas da alta e média burguesia, mas também com seus pares e com demais agentes, oriundas de processos sócio-econômicos e históricos que ampliam os abismos entre as classes e os estilos de vida, levando a juventude a uma visibilidade antes inexistente.

Para Guimarães e Duarte (2009, p. 3), “[...] há diferentes modos de ser jovem que estão perpassados pela forma de acesso aos bens culturais, pelo recorte de classe social, *habitus* e estilo de vida, de gênero, etnia, religião, vivência individual e grupal...”. A transição da infância para juventude e dela para a vida adulta não é demarcada apenas por uma condição biológica, mas por uma transição de construção histórica, cultural, e social como sujeito dessa história que é variável em seu contexto. As juventudes são vozes ativas que ecoam por todos os cantos geograficamente demarcados e falam de suas necessidades, de seus desejos de suas expectativas de futuro em um mundo marcado pelo descompasso das desigualdades sociais.

Compreendemos que ser jovem é produzir e também ser produzido nas interações sociais, nas quais todos os jovens carregam consigo as marcas das experiências vividas nas redes de interação, compondo toda a sua trajetória pessoal, produzindo, simultaneamente, marcas no outro. Portando, compreender o que é ser jovem no mundo contemporâneo passa pela compreensão das diferenças encontradas nas juventudes que ocupam diferentes espaços marcados pelos contextos sócio-históricos e culturais, e não pela tentativa de legitimar uma homogeneidade baseada em um único modelo cultural, social e econômico causador da segregação das classes.

Pela socialização, o indivíduo se integra ao grupo em que nasceu, assimilando o conjunto de *habitus* e costumes institucionalizados e característicos de cada grupo. Posteriormente, ele passa a pertencer a outros grupos, mas estabelece as relações com esses grupos, mediado pelas premissas de seus *habitus*, os quais condicionarão o seu convívio social, unindo num mesmo espaço diferentes grupos sociais ou diferenciando-os. Tais premissas condicionam as diferentes formas de sociabilidades para cada grupo, definido por sua classe ou categoria a partir da vinculação do agente ao grupo social a que pertence, permitindo-lhe a aquisição de capital social

Nesse sentido, o *habitus* é um componente fundamental da constituição da cultura. É o princípio gerador das diferentes práticas sociais objetivamente classificáveis inerentes aos campos. Por meio dele, todo agente social aprende também a diferenciar e a apreciar o mundo sociocultural. O conjunto de *habitus* expressa um estilo de vida unívoco, isto é, um conjunto de escolhas de pessoas, de bens e de práticas relacionadas a grupos e classes distintas (DUARTE, 2012, p. 75).

Nesse processo de construção social há em toda vivência a possibilidade de reformular e formular os valores culturais que são transmitidos na medida em que são colocados a novos grupos. A reformulação ou formulação podem levar à perda da autoidentidade e ao estabelecimento de novas identidades em função da complexidade nas relações existentes entre os valores culturais transmitidos e os grupos que as recepcionam, em decorrência da própria circulação da cultura, devido à organização social como produto das diferentes significações e valores que fazemos do todo que nos é apresentado.

Neste processo contemporâneo, portanto, os valores culturais dos homens são marcados por um contexto tecnológico com predominância da veiculação de informação e comunicação em um mundo virtual no qual as redes sociais virtuais e a sociabilidade juvenil desenvolve papel significativo na construção sócio histórica da humanidade, com participação significativa das juventudes.

Sendo assim, no mundo contemporâneo, é preciso entender os jovens para que se compreenda como as relações de sociabilidade se dão a partir das redes sociais virtuais, bem como o sentido que eles atribuem às mediações feitas pelas escolas. É partir deste princípio que, no próximo capítulo, realizaremos a seguinte discussão: as redes sociais, a sociabilidade juvenil e as mediações escolares a partir

dos sentidos a elas atribuídos por um grupo de jovens do ensino médio da rede pública de educação de Porangatu.

CAPÍTULO III - JOVENS E OS ESPAÇOS SOCIAIS

Neste capítulo, são apresentados os resultados da pesquisa realizada junto a um grupo de jovens do Ensino Médio de uma escola de Porangatu, referenciando seus modos de vida, sua condição de vivência juvenil, de pertencimento à cidade, ao seu bairro, pois para entender a sociabilidade juvenil é preciso que se conheça seu campo, sua história e como as influências do mundo exterior são incorporadas por esses jovens.

A partir dos questionários e entrevistas utilizados foi possível extrair um bom volume de informações sobre esses aspectos. Os jovens da pesquisa expressaram suas relações com a família, os amigos, a religião, a escola e com as redes sociais virtuais. Faremos a apresentação dos jovens pesquisados com base nos questionários aplicados e também nas entrevistas realizadas. As entrevistas permitiram complementar os dados encontrados nos questionários, de modo a oferecer uma visão mais ampliada da vida desses jovens.

Estas características, entre outras, foram levadas em consideração por imprimir aos jovens da pesquisa uma identidade a partir do seu campo social dando-nos parâmetros para refletir sobre o cotidiano desses jovens e em suas relações de sociabilidade a partir de seu espaço social.

Assim, buscamos apreender a realidade de um grupo de jovens do Ensino Médio, a partir das ações, ideias e visão social como fatores subjetivos construídos, apreendidos por suas experiências como categoria juvenil e de seu campo socioeconômico como fatores objetivos constituintes e constituídos por eles

3.1 Características Identitárias e Socioeconômicas dos Jovens da Pesquisa

A fim de compreender a presença das TICs e a formação das redes sociais em sociedades juvenis, o presente estudo procurou focar sua atenção nas práticas de uso das redes sociais virtuais pelos alunos do Ensino Médio, 2º ano, de um Colégio Estadual na cidade de Porangatu e quais os sentidos estes jovens atribuem a estas redes. A escolha desse público justifica-se pelo fato de os jovens, em geral, possuírem certa familiaridade com as tecnologias digitais, e também por se tratar de

alunos de classes sociais entre média e baixa renda, e que, em tese, tem maior dificuldade em ser e permanecer incluídos digitalmente.

O contexto em que nascemos, o lugar de onde viemos, imprime em cada pessoa a identidade que aos poucos se vai constituindo, tendo como base seu *habitus*, que se dá a partir de sua convivência com o seu grupo em um determinado espaço social. Este princípio identitário pode ser observado a partir dos dados discutidos na pesquisa.

Do universo de 34 dos jovens pesquisados, 76% são do sexo feminino e 24% do sexo masculino. A idade varia de 15 a 18 anos, sendo que 79% apresentaram idade entre 15 e 16 anos e 21% apresentaram idade entre 17e 18 anos.

Quanto à cor, 48% dos jovens se declararam como pardos; 26% como negros; 23% como brancos; e 3% como índios. Dos respondentes da pesquisa, 73% dos Jovens declararam que nasceram em Porangatu; 12% em cidades circunvizinhas de Porangatu; 9% como nascidos em cidades do estado do Tocantins; e 6%, como naturais de Goiânia.

Quando perguntados aos que não são naturais de Porangatu porque vieram para a cidade, 89% declararam que vieram por motivos familiares e 11% responderam ter vindo para o município para estudar. Destes, 22% vieram de São Miguel do Araguaia, 11%, de Goiânia, outros 11% de Anápolis, e outros 11% ainda, de Brasília. Para Léon (2010), a biografia de vida de cada agente tem início com a identificação de seu local e data de nascimento, bem como de sua trajetória familiar por ser esta última um fator também definidor dessa biografia, na medida em que a condiciona por meio da estrutura de capitais, desde o nascimento dos indivíduos. Esses fatores são determinantes descendentes ou ascendentes de sua trajetória de vida, ajustando-se ou não às classes sociais. “[...] Cabe dizer que aqui as trajetórias individuais se conectam com a história da família, pois dela herdaram os diferentes tipos de capital, seu patrimônio, e através dela a trajetória histórica da classe” (LÉON, 2010, p. 24).

Em relação ao estado civil e à condição familiar, a partir dos dados coletados, percebemos que 97% dos jovens são solteiros, enquanto apenas 3% vivem com um companheiro. Destes, apenas 3% têm filhos, e apenas um. Em se tratando da situação de moradia, 62% declararam morar com o pai e 32% com a mãe, enquanto apenas 3% moram com um companheiro, e outros 3% moram com outra família. Os agentes pesquisados declararam ainda que, além deles, outras pessoas moravam

na mesma casa em que eles próprios moravam, referindo-se, no caso, a avós, tias, irmãos, irmãs, primos, entre outros. Pelos dados coletados, percebemos que, diferentemente do que indicam os dados coletados em anos anteriores, a mãe perde um pouco da centralidade de que dispunha como chefe do núcleo familiar. Esse fato pode ser comprovado pelos dados obtidos nesta investigação. Uma quantidade expressiva dos pesquisados (62%) declarou residir com o pai.

Mesmo considerando que 62% dos pesquisados tenham declarado residir apenas com o pai, um ponto que chama a atenção nesta pesquisa diz respeito a uma pequena alteração na centralidade da importância do pai como chefe de família, diferente do quadro que vinha se apresentando para a centralidade do papel familiar da mãe, desde a emancipação da mulher no Brasil.

Hoje o Brasil possui várias formas de família, além da tradicional composta por pai e mãe vivendo juntos e criando os filhos. Segundo a Agência USP de Notícias (2014), foi divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que “[...] 1,8%, pouco mais de 881 mil unidades domésticas [...] é protagonizada pelo pai que, depois da separação, resolve ‘criar sozinho os filhos’” (AGÊNCIA USP DE NOTÍCIAS, 2014). Quanto ao número de pessoas que residem na casa, 41% dos indagados afirmaram que residem com mais de 3 pessoas; 20% com 5 pessoas; apenas 21% com mais de 5 pessoas; e 12% declararam residir em casas que apresentam uma variação em relação ao número de moradores, isto é, esse número varia entre duas a três pessoas na casa.

3.2 Os Jovens da Pesquisa e o Mundo do Trabalho

Quando indagados quanto ao sustento da família, 88% dos agentes pesquisados declararam ser sustentados pela família e apenas 3% afirmaram viver com recursos próprios. Explicitando este último aspecto, apenas uma das jovens pesquisadas declarou sobreviver do que recebe com seu trabalho; e 3% dos demais declararam ser sustentados por parentes. Dos 34 pesquisados, 11 deles declararam trabalhar; 23, só estudar; 4, já ter trabalhado. Destes 34, 67% iniciaram as atividades laborais entre 14 e 18 anos de idade; 27%, dos 10 aos 14 anos; e 7%, antes dos 10 anos.

Dos 34 pesquisados, 11 deles trabalham, desempenhando funções que não exigem nível elevado de escolaridade. As funções indicadas vão de babá a

assistente odontológico; 28% trabalham com vendas, 18% como secretárias. Os demais, num total de 54%, atuam em funções que vão de recepcionista em associação de aposentados a auxiliar de professor na rede privada de ensino.

Talvez o fato de o pai representar perante a sociedade o papel de provedor maior da família justifique o fato de a maioria dos jovens pesquisados ter declarado ser sustentada pela família. Apenas 3% disseram viver de recursos próprios. Uma única jovem da pesquisa declarou sobreviver exclusivamente do recurso financeiro que vem do trabalho dela, conforme já foi mencionado.

Apesar de não estar incluído no objeto desta pesquisa o estudo das condições de trabalho dos agentes da pesquisa, constatamos que os dados obtidos deles e apresentados no capítulo II, assentados na análise do conceito de juventudes e nas reflexões sobre as culturas juvenis a partir do universo simbólico do mundo contemporâneo, que o percentual alto de 67% dos jovens terem iniciado suas atividades laborais entre 14 e 18 anos mostra que ser jovem não é exclusivamente uma transição da vida juvenil para a vida adulta. Afirmar isso significa esclarecer que os jovens são atuantes em seus espaços e diversos contextos sociais, esclarecendo, simultaneamente, que ser jovem não está exclusivamente ligado a questões geracionais.

Esse esclarecimento nos remete a Bourdieu (2003, p. 151), para quem “[...] as divisões entre as idades são arbitrárias. [...] a fronteira entre juventude e velhice é em todas as sociedades uma parada em jogo de luta...”. Portanto, a idade é uma forma de discriminação social, um jogo de classificação, é um paradoxo.

Assim, na medida em que o tempo passa os jovens das camadas populares, principalmente, vão ingressando mais cedo no mercado de trabalho e vão assumindo paulatinamente funções que supostamente seriam dos adultos, cabendo acrescentar que, apesar disso, essas funções vão sendo, ao mesmo tempo, pelas especificidades vividas por cada jovem e que marcam suas vidas de forma diferente, dadas as condições de vivência em seus campos. A tabela um evidencia que 55% dos jovens agentes investigados trabalham em média 4 horas por dia; 46% tem trabalho fixo e 45%, trabalho temporário. No entanto, 73% não tem carteira de trabalho assinada.

Tabela 1: Condições de trabalho.

Horas Trabalhadas por Dia		Tipo de Trabalho			Carteira assinada		
4 horas	6 horas	Fixo	Temporário	Não respondeu	Sim	Não	Não respondeu
55%	45%	46%	45%	9%	18%	73%	9%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Quanto às condições socioeconômicas dos respondentes, entre os que trabalham 91% tem um salário que varia de R\$ 200,00 a um salário mínimo. Os demais, 9%, afirmam que os recursos de que dispõem variam entre um valor que vai de um salário mínimo a um salário mínimo e meio.

Apesar de 11 dos 34 entrevistados trabalharem, foi possível perceber que o tempo juvenil e a moratória da juventude existem muito mais simbolicamente para a maioria dos jovens da classe média, pois, no plano real, objetivo, suas condições de existência acabam por frustrar as expectativas dos jovens de viverem sua juventude e é “[...] neste jogo entre presente e futuro, entre sonhos e decisões, entre o ideal e o possível que os jovens vão se tornando adultos e ocupando o [seu] lugar na sociedade...” (LÉON, 2010, p 20).

Portanto, o que se verifica é que as condições de trabalho dos jovens no mundo do trabalho são de precariedade ou de desemprego (tabela um). Em matéria publicada no site da Empresa Brasileira de Comunicações (EBC), em janeiro de 2014, o relatório apresentado, por exemplo, pela OIT mostra que o desemprego no meio juvenil continua aumentando mais que o dobro da taxa geral.

Em 2013, 74,5 milhões de pessoas entre 15 e 24 anos estavam sem trabalho – quase 1 milhão a mais do que no ano anterior. Isso representa uma taxa de desemprego juvenil de 13,1% mais do que o dobro da taxa de desemprego geral de 6%. No Brasil, 18,4% das pessoas até 29 anos não trabalham ou estudam, segundo a OIT (EBC, 2004).

Outro dado interessante desta pesquisa é que 61% declararam nunca ter trabalhado e que 30% declararam já ter trabalhado (Tabela 2, abaixo). As funções ocupadas pelos que já trabalharam vão de babá a garçons. Nove (9) dos 34 jovens investigados declaram que estão a mais de 2 anos sem trabalho.

Tabela 2: Atual situação de emprego.

Se já trabalhou			
Sim	Não	Não respondeu	
30%	61%	9%	
Tipo de Trabalho que fazia			
Babá	Caixa	Vendas	
22%	11%	11%	
Lanterneiro	Serviços gerais	Garçom	Não respondeu
11%	11%	11%	23%
Tempo sem trabalho			
Até 6 meses	De 6 meses a um ano	De um a dois anos	Mais de dois anos
33%	22%	11%	34%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

A partir da análise da tabela dois, é possível perceber que as condições de trabalho dos jovens da pesquisa não exigem qualificação, podendo ser caracterizadas pela precariedade e pela temporalidade. Este é um fator que define o fato de alguns jovens abandonarem a escola para trabalhar e, depois, deixarem o trabalho e voltarem a estudar, realizando uma *trajetória ioiô*¹². Para alguns dos agentes pesquisados, talvez este fato se aplique. Mas, as condições sociais de oferta de campo de trabalho com maior qualificação para o mercado contemporâneo delineiam um índice de afastamento do trabalho de seis meses a dois anos. Além disso, muitos trabalham em condições de subemprego ou mesmo em empregos temporários, conforme já foi visto.

Com frequência, uma parcela significativa [...] [de] jovens que aceitam trabalhar sujeitando-se a tais condições, o faz comprometendo sua escolarização ou mesmo já estando fora da escola, sem que neste caso tivesse sequer completado os ciclos educacionais compatíveis com a sua idade (BRANCO, 2005, p. 130).

Os jovens da pesquisa, entre tantos outros jovens, produzem e são produzidos nas interações que mantêm com seu campo, tendo como base o capital social. Neste ponto é preciso compreender o papel das redes sociais presenciais e virtuais, e o que oferecem aos jovens que entram muito cedo no mercado de

¹² Este é um termo utilizado por Machado Pais (*apud* LÉON, 2010, p. 1).

trabalho. É preciso compreender quais são as experiências que estabelecem com o mundo do trabalho e como este irá compor o seu futuro a partir da identidade social adquirida, das representações, significações e interpretações do mundo vivido, a partir da realidade social que o cerca. São em processos como este que se constroem os modos de ser jovens, com especificidades diferenciadas, mesmo quando são das mesmas camadas sociais.

É, no entanto, nas últimas décadas do século XX e início do XXI que os problemas e as preocupações crescentes enfrentados pelas sociedades têm refletido uma preocupação com o tempo da juventude, especialmente em relação ao desemprego e ao conseqüente sentimento de inutilidade da vida. Surge a concepção da juventude como metáfora do social, que traz o simbólico das angústias vividas pela sociedade atual – o desemprego, a fragilidade, o desvio. Mas é o prolongamento da escola e a formação para um mercado de trabalho crescentemente incerto que vão formando as bases de uma cultura juvenil que sustenta essa simbologia (ZUCCHETTI; BERGAMASCHI, 2007, p. 227).

Por um lado, pensa Spósito (1993), a diminuição da oferta de trabalho e a baixa remuneração acabam por afetar a expectativa de muitos jovens. Por outro, o índice de escolaridade desses jovens poderá ser mais alto que o de seus pais, o que pode ou não, no futuro, dar-lhes, quem sabe, um melhor posto de trabalho. Assim, evidencia-se que os processos de interação juvenis são contraditórios quando se cria a imagem de que as juventudes, como fase geracional, sejam homogêneas e igualitárias. Portanto, para Zaluar (1992), segundo Spósito, esses

[...] processos se exprimem nas lógicas que decorrem da inserção juvenil no mundo do consumo, da produção de imagens, símbolos e da mídia. Essas situações podem funcionar como apelos para o consumo que se realiza apenas parcialmente, muitas vezes pelo trabalho precoce ou pelo exercício de atividades ilícitas no mundo da delinquência e da droga (*apud* SPOSITO, 1993, p. 164).

Nesse processo, as agências socializadoras, principalmente a família, a escola e a religião, são encarregadas de preparar os jovens para o pleno exercício da vida adulta. Todavia, é na família que os laços sociais e afetivos se tornam mais difusos, devido ao fato de os jovens que dela fazem parte terem contato com outras instituições, cabendo à escola prepará-los para a divisão social do trabalho. O trabalho pode chegar precocemente, como já mencionado, influenciando o jovem em sua condição juvenil e interferindo na dinâmica familiar.

Tabela 3: Pessoas que trabalham e colaboram com a despesa na casa.

Número de Pessoas	Pessoas trabalham na casa	Pessoas colaboram com a despesa da casa
Uma pessoa	18%	18%
Duas pessoas	56%	65%
Três pessoas	9%	9%
Quatro pessoas	9%	6%
Mais de quatro pessoas		2%
Não respondeu	8%	

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Ao tratar na pesquisa da renda mensal das famílias e de quem contribui com as despesas domésticas (saúde, moradia, alimentação e educação), constatamos que 56% dos respondentes declararam que pelo menos duas das pessoas da casa trabalham; e 65% afirmaram ser os únicos responsáveis por toda a despesa. Neste contexto do mundo do trabalho, os dados apresentados na Tabela 3, acima, podem evidenciar que mesmo em condições socioeconômicas baixas apenas duas pessoas em média são os maiores provedores da casa, supostamente pai e mãe.

Dos jovens da pesquisa, 15% declararam que ajudam no sustento da família e 85% afirmaram ser sustentados pela família. Dos cinco jovens que ajudam no sustento da família, 60% declararam que dão todo o salário que recebem para ajudar em casa, e 40% ajudam com metade dele. Dos 29 pesquisados que declararam não ajudar financeiramente a família, 14% afirmaram que só ajuda de vez em quando. Outra fonte de recursos que 35% das famílias recebem tem sua origem no “Bolsa Família”, segundo os pesquisados. A renda bruta familiar destes jovens tem uma variação total de 57%, girando em torno de um valor que vai de R\$ 200,00 a dois salários mínimos por mês. Pouco mais de 30% dos investigados recebem três ou mais salários por mês.

Apesar do número relativamente pequeno de jovens da pesquisa ser trabalhadores, é possível perceber que esses jovens se preocupam com seu trabalho, pois têm como prioridade o emprego, na medida em que é ele que lhes garante o salário para sobreviver e ajudar nas despesas da família. Este é o resultado da divisão de classes que gera as desigualdades sociais e as consequências delas decorrentes e que são vivenciadas pelos jovens pesquisados. No entanto, por mais que haja desigualdade social, os jovens produzem e são

produzidos por suas relações sociais, seja com os participantes do mundo do trabalho, seja com outros homens, o que deixa evidenciada a constituição de todo o seu capital simbólico, marcado pela divisão de classes.

Os jovens trabalhadores dividem seu tempo entre trabalho e estudo para ajudar a família, pois, por pertencer a famílias de classe popular, tem clareza das limitações de uma vida que lhes encaminham muito rapidamente para o chamado mundo adulto, cujo tempo é determinado pelo ritmo do trabalho. Segundo Branco, “[...] o acesso dos jovens, promovem a reprodução, nas famílias de menor renda, dos ciclos de pobreza que, frequentemente, também representam um forte impulso que termina empurrando precocemente os mais jovens para o mercado de trabalho” (BRANCO, 2005, p. 94).

Ao serem indagados quanto ao grau de escolaridade dos pais e mães, constata-se que 6% dos pais e 18% das mães têm ensino superior completo. Verificamos também que todas as mães têm algum nível de escolarização, enquanto 9% dos pais não tem nenhum nível de escolaridade. Enquanto 53% dos pais tem Ensino Fundamental incompleto, entre as mães esse percentual é um pouco menor, isto é, de 41%. Enquanto os pais com Ensino Médio atingem apenas 26%, as mães chegam aos 32%. Portanto, quando se refere ao nível de escolaridade, as mães se destacam em relação aos pais no que diz respeito ao nível escolar.

Os dados coletados evidenciam o que Bourdieu (2007) coloca em relação à herança cultural, responsável pela diferença inicial que as crianças apresentam diante das experiências escolares e, conseqüentemente, pela taxa de êxito conseguida por elas. Para o autor, a escola quando é desenhada como “escola libertadora” não pode ser, necessariamente, compreendida como fator de mobilidade. Pelo contrário, ela é eficaz na conservação social, legitima as desigualdades sociais e coloca a herança cultural e o dom social como natural.

O fato da maioria dos pais terem escolaridade de ensino fundamental incompleta evidencia as desigualdades sobre os agentes das diferentes classes sociais, advindas das oportunidades de acesso ao ensino superior, legitimadas na e pela escola. Mas, para Bourdieu, esta legitimação das desigualdades não é suficientemente enunciada, fazendo-se necessária a descrição de elementos objetivos que levam à eliminação dos estudantes oriundos de classes populares e desfavorecidas. Sociologicamente, este problema não deve ser classificado como oriundo de diferença de dons, mas sim de êxito cultural, que pode ser percebida de

duas formas, isto é, como "[...] recomendações ou relações, ajuda no trabalho escolar ou ensino suplementar, informação sobre o sistema de ensino e as perspectivas profissionais..." (BOURDIEU, 2007, p. 41). Nesse sentido, o capital cultural é transmitido mais por meio indireto do que por meio direto, sendo interiorizado contribuindo para a definição entre coisas, atitudes diante do capital cultural e a escola.

Outro fator socioeconômico apresentado é relativo à ocupação dos pais e das mães. Tanto os pais quanto as mães apresentam uma diversidade em suas ocupações de trabalho, tanto que 32% declararam não saber qual é a profissão do pai, enquanto que a da mãe apenas 15% declararam não saber qual era. Entre as profissões mais citadas estão a de pedreiro para o pai (12%) e a de doméstica para a mãe (15%). Pai empresário e pai lavrador aparecem com percentual de 9% cada. Aparecem 6% de pais trabalhando com fundação de pontes. Um total de 18% aparece com outras profissões: corretor, vaqueiro, músico, vendedor e operador de máquina. Em relação às mães, 15% delas cuidam apenas do lar; 13% são professoras; 9% são vendedoras; 6% são costureiras e 6%, cozinheiras. Um percentual de 9% é declarado como sendo composto de servidoras públicas. Do total, outros 12% de mães foram identificadas como administradora, controladora de qualidade e diaristas.

Tabela 4: Profissão do pai e da mãe.

Pai		Mãe	
Pedreiro	12%	Do Lar	15%
Empresário	9%	Doméstica	15%
Lavrador	9%	Professora	13%
Fundação de ponte	6%	Vendedora	9%
Corretor	3%	Cozinheira	6%
Músico	3%	Costureira	6%
Representante comercial	3%	Porteira Servente escola pública	3%
Operador de máquina	3%	Merendeira escola pública	3%
Vendedor	3%	Funcionária Pública	3%
Vaqueiro	3%	Administradora	3%
Gerente administrativo	3%	Controle de Qualidade	3%
Câmera mem.	3%	Diarista	3%
Técnico em refrigeração	3%		
Não sabe a profissão do pai	32%	Não sabe a profissão da mãe	15%
Não respondeu	5%	Não respondeu	3%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Quando indagados se os pais trabalhavam, 85% declararam que sim para os pais e 74% para as mães. Declararam ainda que 15% dos pais não trabalhavam, bem como 26% das mães também não. Neste processo é possível perceber, apoiando-nos em Bourdieu (1996), que os agentes sociais apresentam pontos em comum a partir da proximidade que estabelecem em seu campo, enquanto que as proximidades ou distâncias assemelham-se às proximidades e distâncias sociais. Assim, “[...] os agentes são distribuídos [...] de acordo com o volume de capital que possuem [...] de acordo com o peso relativo dos diferentes capitais, econômico e cultural, no volume global de seu capital (BOURDIEU, 1996, p. 18).

Ao analisar o capital global dos jovens, pelos gráficos e tabelas apresentados até o momento, e a partir de análises realizadas por Bourdieu (1996, p. 20), no diagrama dos espaços das posições sociais e espaços de estilos de vida¹³, as diferentes posições sociais encontradas em cada campo, a maneira de seu funcionamento em cada sociedade e as diferenças simbólicas constituem signos distintos, demonstrados até a chegada neste ponto da pesquisa. O estilo de vida que incidirá no cotidiano dos pesquisados, a partir do que herdarão de seus pais tanto no campo profissional quanto no educacional, é incorporado ao *habitus* de sua classe.

3.3 Territorialidade: Relações com o Bairro que Habitam

Ao pensar no lugar que os jovens da pesquisa se encontram, pensamos no espaço geográfico ocupado por eles, considerando a inexistência de um espaço amorfo, estático, mas a de um espaço como local concreto, que produz os jovens e é por eles produzido e condicionado pelo contexto histórico em que se encontra inserido. Assim, “[...] a territorialidade humana não é apenas constituída por relações com os territórios, mas também através de relações concretas com áreas abstratas, tais como línguas, religiões, tecnologias” (RAFFESTIN, 1987, p. 267, *apud* FERNANDES, 2009, p. 64).

O espaço ocupado pelos jovens é um espaço dinâmico, heterogêneo, de relações concretas, dado à expansão dos espaços urbanos no decorrer da história e, principalmente, em cidades com maior densidade demográfica e em que as

¹³ Espaço das posições sociais e espaços dos estilos de vida - (Diagrama das páginas 140 e 141 de *La distinction*, simplificado e reduzido a alguns indicadores significativos em termos de bebidas, esportes, instrumentos musicais ou jogos sociais.) A linha pontilhada indica o limite entre a orientação provável para a direita ou para a esquerda,

relações sociais se tornam mais complexas e múltiplas. Com isso, os agrupamentos acabam por produzir lugares específicos para sua convivência. No entanto, os agrupamentos podem manter ligações e laços com outros territórios, articulando-se em uma rede presa pelos nós sociais.

O espaço é uma criação humana e sua produção coincide com o próprio modo pelo qual o homem produz sua existência e a si mesmo. O espaço é humano porque é produzido pelo homem e não simplesmente porque ele o habita. Por sua vez a cidade é produto, da divisão social do trabalho humano em uma dada sociedade (CAVALCANTE, 2010, p. 75).

Pensar sobre o espaço urbano e sobre a cidade torna-nos possível fazer relações da dinâmica dos bairros que compõem a cidade. Eles são formados a partir dos agrupamentos humanos e, tal como a sociedade, os bairros se organizam por critérios de classes, condicionando as classes populares a buscarem suas moradias em bairros periféricos, sem infraestrutura ou, no mínimo, com infraestrutura precária, na maioria dos casos. Isto porque as moradias nesses bairros são mais baratas e também porque em sociedades classistas como a brasileira, as camadas populares são, quase sempre, empurradas para as periferias devido ao baixo capital econômico de que dispõem. Em contra-partida, a população com melhor capital econômico se estabelece em regiões centrais no espaço urbano. Para Cavalcante as famílias das camadas populares se agrupam em bairros periféricos porque

[...] os terrenos são mais baratos, e, embora falte infra-estrutura, existe a possibilidade de autoconstrução. O uso do solo não é harmonioso, é pleno de conflitos, pois a apropriação dá-se em função do capital econômico, social e cultural do sujeito. Assim, o espaço urbano reflete a própria sociedade de classes determinando o espaço urbano. (CAVALCANTE, 2010, p. 76).

Por mais que existam, também, em um mesmo bairro as divisões de classe, os conflitos, a ocupação desarmônica do solo, o bairro é construído a partir das características daqueles que o habitam e que se tornam sinônimo de suas identidades, pois, ao construírem os bairros o fazem a partir de seu capital global. No entanto, à medida que o número de moradores aumenta, e com o passar do tempo, algumas daquelas características vão mudando em decorrência da própria constituição de cada agente social. Daí a necessidade de perceber o espaço social como constituidor e constituído pelos agentes sociais.

Uma afirmação que nos parece inicialmente pertinente é que, se os jovens, enquanto categoria, não podem ser compreendidos como a-históricos e a-sociais, a sua relação com a cidade muito menos. [...] não há a cidade em abstrato e os jovens não vivem esse espaço abstratamente. Essas relações são construídas de acordo com o *lugar* social que os agentes ocupam... (DUARTE, 2012, p. 97).

No município de Porangatu, as coisas não se passam de modo diferente do de outras cidades, embora Porangatu mantenha mais características de um povoado do que de uma cidade interiorana. Mas isso vem mudando aos poucos, alterando sua história. Nela, as relações que se estabelecem entre o setor central e os bairros, no que concerne às características identitárias de seus habitantes, não diferem muito das de populações periféricas dos grandes centros urbanos, pois, da mesma forma, as camadas populares habitam as periferias da cidade.

Porangatu era um vilarejo que teve sua emancipação política em 1948, pela lei nº 122, data em que passa a denominar-se Porangatu (Poran = bela, Gatu = paisagem). Foi instalada em 1º de janeiro de 1949, sendo elevada a Comarca em 14 de novembro de 1952, pela Lei nº 704. Foi alavancada pela construção da Rodovia Belém-Brasília. Segundo Pereira (2004, p. 41), sua “[...] construção alterou profundamente a estrutura sócioeconômico do norte de Goiás e reestruturou o espaço econômico regional, tanto urbano como rural, antes prejudicado pela falta de meios de transporte, o que isolava o norte do restante de Goiás”.

Porangatu originou-se do antigo povoado do Descoberto da Piedade, antes era uma região ocupada pelos índios Avá Canoeiros que viram suas terras serem tomadas para colonização nos primórdios da mineração do ouro. Para Pereira (2004), com a construção da Rodovia Belém-Brasília, outros núcleos populacionais surgiram dando à cidade características urbanas, passando assim a ter acesso às invenções modernas do mundo capitalista, tais como energia, telefone e telégrafo, entre outras. Esta modernização contribuiu com a expansão da vida social, política e cultural da cidade e do Estado.

[...] várias são as hipóteses sobre o surgimento da cidade de Porangatu. Históricas, lendárias ou não, a mais aceita pela historiografia goiana é a de que o surgimento e o processo de ocupação deram-se a partir da descoberta de garimpos de ouro na região, no século XVIII, que acabaram atraindo pessoas para a região.

Outro fator que também influenciou o processo de ocupação e formação da memória de Porangatu foi a Guerra do Paraguai (1865-1870) ... (PEREIRA, 2004, p. 69).

Em dados recentes (CENSO de 2010), o município tinha 42.355 mil habitantes. Sua economia tem como base a criação extensiva de gado de corte e leiteiro, embora tenha também conhecido períodos de grande produção agrícola que declinou com a queda da agricultura no País na década de 1980. Como ponto turístico, destaca-se a Lagoa Alexandrino Cândido Gomes, local de grande concentração de jovens que se reúnem no fim de semana, e bastante usada pela população para caminhadas diárias. Além deste ponto turístico, na parte histórica, encontra-se o centro de tradições, o museu, o Poço dos Milagres e a Igreja Matriz com seu coreto.

Neste tópico trataremos, portanto, das relações estabelecidas pelos jovens da pesquisa em Porangatu a partir de seus territórios, buscando compreender o que sentido eles atribuem aos bairros em que residem, como são suas vivências, seu contexto histórico, como veem o mundo, as contradições de desigualdades sociais e que estratégias os levam a acumular ou manter seus capitais cultural e social.

Por meio dos dados coletados na pesquisa identificamos que dos 34 jovens da pesquisa, 94% são naturais de Porangatu e 6% nasceram em cidades do Estado de Tocantins. Dos pesquisados, 24% residem no Bairro Nossa Senhora da Piedade, um dos setores mais antigo de Porangatu, conhecido como Cidade Velha. Nele se localizam pontos turísticos como o Poço dos Milagres, a Igreja Matriz e o Centro de Tradições. A maioria dos moradores residentes nesse local está ali desde a chegada de seus ancestrais. É um setor considerado perto do centro da cidade. Neste local ocorre todo ano uma festa tradicional de quadrilha conhecida como Arraial do Descoberto.

Dos entrevistados, 36% residem em setores periféricos. Entre estes, 9% residem no setor Morada Nova, 6% no Setor Flamboyant, setores com casas populares construídas em parceria com os governos Federal, Estadual e Municipal pelo Programa Cheque Moradia. Esses setores do Município apresentam índices altos de criminalidade. Aparecem ainda como periféricos os setores Grupiara, Jardim Brasília, Sol Nascente e Santa Izabel.

Dos pesquisados, 18% declararam residir em setores que geograficamente são considerados pouco distantes do Centro da cidade. Entre eles estão os Setores

Santa Rita, Santana, Bom Jesus, Nova Jerusalém e Setor Sul. Já outros 15% declararam morar na região mais central da cidade, isto é, nos setores Leste e Oeste.

Pudemos constatar que 53% dos pesquisados residem no mesmo local há mais de cinco anos. Mesmo considerando que 74% tenham declarado residir em Porangatu desde o nascimento, quase todos declararam ter mudado, de cinco anos para cá, dentro do próprio Município. Levando-se em consideração a idade dos entrevistados, conclui-se que eles residem pouco tempo em cada lugar. Conferir tabelas cinco e seis abaixo.

Tabela 5: Cidades que residiram.

Sempre residiu em Porangatu	74%
São Miguel do Araguaia	22%
Goiânia	11%
Anápolis	11%
Brasília	11%
Não respondeu	44%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Tabela 6: Setores que residiram.

Sempre residiu no mesmo setor	56%
Jardim Brasília	9%
Fazenda	9%
Nossa Senhora da Piedade	6%
Praça Velha	3%
Grupiara	3%
Setor Sul	3%
Setor Aeroporto	3%
Nova Jerusalém	3%
Setor Oeste	3%
São Francisco	3%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Quando indagados sobre o que mais gostavam no lugar em que moravam, em ordem de importância, soma-se um total de 44% que declararam gostar da calma e do silêncio como principal característica do setor em que residiam. Já 12%, declararam gostar das pessoas do lugar, enquanto apenas 3% afirmaram gostar do próprio lugar. Outros 12% disseram gostar do lugar em que moravam porque ele era bem localizado, perto de tudo, enquanto outros 18% declararam gostar das praças e da igreja.

É no espaço de vivências dos jovens que eles produzem suas relações de vizinhança, que nascem seus grupos por terem possivelmente capital cultural semelhante, por compartilharem o mesmo gosto, que definem seus *habitus*. Assim o espaço social passa a ser o espaço das relações, pois as diferentes posições, os diferentes grupos de posições adquirem significado na relação com outros grupos, com outras posições. Para Duarte,

[...] o bairro é o lugar de construção de identidades dos jovens, é o espaço – com todas as suas vicissitudes – de construção de identidades, de relações históricas e sociais construídas. Trata-se, portanto, de um espaço de sociabilidade. A periferia, além de se caracterizar pela carência e pelas dificuldades. É também o espaço de reconhecimento, da exibição de laços de quem é desta ou daquela localidade (DUARTE, 2012, p. 102).

Percebe-se por meio dos relatos dos jovens investigados que eles priorizam suas relações interpessoais em seus campos, possivelmente porque esses campos sejam, pelo menos para a maioria, lugar de convívio harmônico. Essa compreensão encontra apoio nas reflexões de Bourdieu, para quem

[...] todas as pessoas que estão num campo têm em comum um certo número de interesses fundamentais, a saber, tudo que está ligado à própria existência do campo: daí uma cumplicidade objetiva que está subjacente a todos os antagonismos (BOURDIEU, 2003, p. 121).

Bourdieu (2004) entende que o mundo não se apresenta totalmente estruturado, impondo a todos os princípios de sua construção. Ele pode ser construído de diferentes formas, apoiado em diferentes princípios, visão e divisão, podendo tais diferenças ser de ordem econômica, étnica ou religiosa, por exemplo. O fato de a maioria dos pesquisados considerar a tranquilidade como a característica de que mais gosta em seu bairro se deve, portanto, ao *habitus* que a

constitui, a partir da percepção e apreciação de sua prática, expondo e explicitando a posição social em que foi construído.

Quando indagados sobre os aspectos de que menos gostam no bairro em que residem, foi possível identificar desigualdades em vários pontos das respostas dadas. Um total 45% declarou não gostar da falta de infraestrutura. Neste ponto, as desigualdades sociais são visíveis se comparadas às respostas dos que residem nos bairros periféricos com as respostas dadas pelos que moravam nos setores centrais da cidade, ou seja, 21% reclamaram da falta de segurança pública, 12% consideram o trânsito sem segurança, 24% declararam não gostar dos vizinhos em função das fofocas, 39% enumeram outros fatores. Estes últimos fatores vão desde a distância existente entre residência e escola, passando pela desorganização dos bairros, até chegar às queixas em relação aos poucos locais de referências para a localização de endereços.

Podemos afirmar que de modo semelhante ao que ocorre nos grandes centros urbanos, os bairros periféricos das cidades do interior, bem como as próprias cidades, são espaços de segregação social, de desigualdades, de negligência dos poderes públicos, pois, além de indicar a falta de infraestrutura organizacional das cidades interioranas, um total de 21% dos indagados declaram não gostar da falta de segurança, dos altos índices de criminalidade e de usuários de drogas visivelmente presentes.

Esses problemas apontados pelos pesquisados agravam a precarização das condições de vida das camadas populares, na medida em que acabam por lhes negar vários direitos, entre os quais se encontra a oferta de serviços públicos que apresentem um mínimo necessário de qualidade. Sobre essa questão, Castel citado por Duarte, afirma:

[...] as periferias, tipificadas pelos bairros populares e pelas vilas e áreas de posse, são espaço do mal-viver das populações, principalmente em relação à má qualidade e/ou insuficiência dos serviços públicos que lhe são prestados. As próprias políticas públicas contribuem para a visão estereotipada da periferia enquanto espaço e dos sujeitos que ocupam esse território. Se, por um lado, é inegável que o poder público está nas periferias, também é preciso localizar as insuficiências e disfunções do serviço disponibilizado para a maioria da população por meio dos serviços de saúde, educação, assistência social, segurança pública etc. (CASTEL, 2008, *apud* DUARTE, 2012, p. 98).

Continuando suas reflexões, Duarte (2012) acrescenta que os bairros são espaços de realização social, pois, são nos bairros onde residem que os jovens se reconhecem, identitariamente vivem, constroem sua própria história e contribuem para construir a história de sua sociedade, sendo por ela constituído e constituindo-a, concretizando-se no e pelo tempo. Quando o sujeito não sente pertencer ao seu território, ele vive a presença do não lugar, do passageiro, sem uma identidade singular, acabando por não se reconhecer em si mesmo.

Quando indagados se costumavam frequentar outros espaços que não fossem os dos bairros em que residiam, 97% afirmaram frequentar outros locais, enquanto apenas 3% declararam não fazer tais visitas. Do total de investigados, 74% informaram visitar outros locais, de vez em quando; 15% o fazem uma vez por semana, enquanto outros 3% tem o costume de visitar outros lugares todos os dias.

Quanto às visitas a outras cidades, 29% declaram que vão a Goiânia; 12% declaram que costumam ir a Brasília; 3% visitam Anápolis e outros 3%, Itumbiara; 6% visitam Gurupi, no Tocantins. Um total de 23% declarou frequentar os municípios circunvizinhos de Porangatu. No que se refere a frequentar outros lugares dentro de Porangatu, um total de 12% informou visitar outros bairros e 9% afirmaram ter o hábito de frequentar praças. Entre os indagados, encontramos ainda 3% que afirmaram frequentar bares e outros 3% declararam gostar ir a fazendas. Segundo Bourdieu (2004, p. 158),

[...] as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses associados a ela) e segundo seu *habitus* como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social.

Os dados recolhidos pelos questionários aplicados evidenciam os motivos das visitas que os pesquisados realizam. Elas ocorrem por lazer, comércio, saúde, visita a familiares ou a amigos. No entanto, a cidade de Porangatu não tem espaços de lazer destinados aos jovens. As poucas praças que a cidade tem são localizadas nos setores centrais. Não existem quadras públicas, a não ser as que fazem parte das escolas públicas, razão porque, provavelmente, nos finais de semana, os jovens da cidade se concentrem na Praça Ângelo Rosa, ponto central da cidade e localizado às margens da Lagoa Grande.

Outro ponto que merece reflexão diz respeito ao alto índice (29%) de pesquisados que visitam Goiânia. Pela média de salários de suas famílias podemos arriscar inferir que, talvez, a maioria deles visite Goiânia por razões mais ligadas à saúde do que ao lazer. Essa inferência levou em consideração o fato de o município de Porangatu ser deficitário na área da saúde, tanto pública quanto privada.

Quando analisamos as respostas dadas no questionário percebemos que o modo de vida dos pesquisados apresenta aspectos de mais homogeneidade apenas no que toca ao fato de frequentar outros espaços sociais. No entanto, o mesmo não se dá quando afirmam certos padrões e valores sociais, que serão discutidos mais a frente, até porque, argumenta Bourdieu (2004, p 160) que o “[...] espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida”. O lugar, o espaço social, pode se mover desembaraçadamente em sua relação com o mundo, mesmo diante de contextos desarmônicos ou não, constituidores e constituídos nas dimensões da existência humana.

3.4 A Relação Familiar como Constituidora do Capital Social e Cultural

Estar vinculado a um grupo, pertencer a uma sociedade, dá a cada agente social a capacidade de perceber-se no mundo e de se sentir pertencente a um grupo a partir das propriedades comuns que os fazem se identificar uns com os outros por meio, também, das relações permanentes e úteis que os unem. Estas relações se constroem, como já foi dito, por meio das trocas materiais e simbólicas e quando instauradas e propagadas podem ser percebidas por todo o grupo, mantendo-o próximo. Para Bourdieu (2007, p. 67), o

[...] capital social de cada agente dependerá da extensão da rede de seus capitais, econômico, cultural, social ou simbólico.

[...] embora seja relativamente irreduzível ao capital econômico e cultural possuído por um agente [...] o capital social não é jamais completamente independente deles pelo fato de que as trocas que instituem o inter-reconhecimento supõem o reconhecimento de um mínimo de homogeneidade 'objetiva' e de que ele exerce um efeito multiplicador sobre o capital possuído com exclusividade.

Para o autor, as redes que ligam os agentes é resultado das estratégias de investimento social usadas de modo consciente ou não e que instituem ou reproduzem as relações sociais que são usadas a curto ou longo prazo,

transformando as relações sociais que os agentes têm com seus grupos, sejam eles familiares, de trabalho, de amigos entre outros, implicando relações duráveis e subjetivas que dão aos agentes o sentimento de pertença, de respeito, de amizade e de reconhecimento pelos grupos, ou pode também ser institucionalmente, garantido como direito social.

A partir das trocas, do reconhecimento do agente no grupo e de seu sentimento de pertença, o capital social vai se reproduzindo de forma tributária e legítima, excluindo tudo que entra no rol da ilegitimidade posta pelo capital social e pelas relações dele advindas. Diz Bourdieu:

[...] o capital social [...] funda a existência do grupo. [...] cada agente deve participar do capital coletivo, simbolizado pelo nome da família ou da linhagem, mas na proporção direta de sua contribuição, isto é, na medida em que suas ações, suas palavras e sua pessoa honrarem o grupo (BOUDIEU, 2007, p. 69).

A partir do momento em que um agente não atenda mais às demandas de um grupo ou vá contra ao que foi institucionalizado pelo grupo, ele acaba sendo marginalizado pelo grupo. No entanto, é necessário que se entenda neste processo que os trocas materiais e simbólicas não são iguais entre os grupos, pois cada qual cria suas estratégias de campo para inclusão ou exclusão dos agentes sociais. Bourdieu afirma ser

[...] através dos mecanismos de delegação e de representação [...] que se impõem – sem dúvida, tanto mais rigorosamente quanto mais numeroso for o grupo – como uma das condições da concentração do capital social (entre outras razões porque permitem a numerosos agentes diversos e dispersos agir “como um único homem” e ultrapassar os efeitos da finitude que os liga, através do seu corpo, a um lugar e a um tempo) contêm assim, o princípio de um desvio do capital que eles fazem existir (BOUDIEU, 2007, p. 69).

Assim, no processo de construção e de representação social encontramos na família a primeira instituição clássica que se construiu ao longo da história para a aquisição do capital social dos agentes em diferentes sociedades, tendo como papel fundamental a educação das gerações jovens para a instauração de valores e sentimentos que integrem agentes jovens aos grupos a que pertencem.

Os sentimentos familiares dos jovens e os valores que os mantêm coesos são claramente perceptíveis em seus depoimentos quando falam do relacionamento com suas famílias, quando as definem:

[Fale do seu relacionamento com sua família, com os pais, irmãos, ou outras pessoas que fazem parte de sua vida]¹⁴. Minha família sou só eu, meu irmão e minha mãe. [Seus pais são separados?] Sim, são separados. [Como você define a sua família?] A família é tudo, minha mãe é tudo pra mim (Entrevista 10).

Eu moro só com minha mãe e com a minha avó. Meu pai mora em Goiânia. Eu vou direto para vê-lo. [Seus pais são separados?] São separados. [Como você define a sua família?] Unida. Mesmo separados eles estão sempre tão juntos, mesmo estando cada um numa cidade, tudo que é relacionado a mim e meu irmão eles estão juntos para resolverem (Entrevista 3).

Meu relacionamento é bom; eu moro com meus tios de criação. Minha mãe morreu quando eu tinha 7 anos e meu pai eu nunca conheci. [Você é filha única?] Eu tenho um irmão de criação que é filho da minha tia. E de sangue tenho dois. [Moram também com sua tia?] Não. Um mora com a outra tia minha e outra não conheço, mora com o pai dela. [Como você definiria sua família?] É uma família muito importante pra mim, que ajudou muito, que é necessário pra mim (Entrevista 5).

Bom, meu relacionamento com a família. É legal, não tem conflitos, não tem briga, é harmoniosa, a gente não briga. Eu também sou muito obediente a eles (Entrevista 1).

De forma geral, os entrevistados definem suas famílias como unidas, harmônicas, mesmo não sendo a família nuclear tradicional (pai, mães e filhos, todos juntos na mesma casa), pois ela é, no mundo contemporâneo, uma instituição tradicional que ainda ocupa um espaço muito importante na vida dos jovens, não sendo diferente para os jovens entrevistados. Eles acham que a família ensina valores fundamentais para suas vidas, demonstrando, inclusive, aceitação de valores postos por ela. Porém, não ficou aparente a existência de conflitos no sentido de se buscar a construção de um espaço próprio, deles, um espaço de autonomia.

[Sua família é importante em sua vida?] Bastante. [Por quê?] Porque ela me deu educação, e também preparo pra vida. [A família de certo modo influencia nas suas escolhas?] Sim, influencia. Porque às vezes eles orientam muito sobre certas coisas (Entrevista 2).

Demais. [Sua família tem influência nas suas escolhas?] Demais. Eu pretendo ser professor de Educação Física. Eu perguntei pra minha mãe e ela falou: você gosta, opção é sua fazer o que gosta (Entrevista 4).

Assim, a família dos entrevistados representa o primeiro território de significação do mundo social para eles, sendo ela a primeira referência que eles

¹⁴ Os textos entre colchetes referem-se às perguntas feitas pela pesquisadora durante as entrevistas.

tem. Assim, podemos afirmar que a família é um espaço importante na formação e construção das identidades juvenis e na constituição do capital social dos jovens investigados.

Os jovens participantes da pesquisa também usam o tempo livre para estar com a família e/ou com amigos. Vejamos o que disseram quando foram interrogados a respeito.

[Como é a diversão de vocês?] É boa. [O que fazem para se divertirem?] Nós viajamos para o Tocantins. Para fazenda [E vai a família toda?] (E a resposta?) (Entrevista 7).

Saímos, assistimos filme [vocês saem aqui em Porangatu?] É, às vezes viajamos para Goiânia, nós somos de lá. [Quando saem aqui na cidade, onde gostam de ir?] Não tem lugar preferido (Entrevista 8).

Nós saímos, às vezes viajamos, pra lugares novos. [Vocês gostam de viajar pra onde?] Para praia, para muitos lugares. (Entrevista 6)
Eu é quem saio mais. Minha mãe não sai muito, nem meu pai. De vez em quando eles sai para algum lugar, para um programa de família, mas minha mãe não gosta muito de sair não. Eu que saio mais com minhas amigas (Entrevista 5).

Quando eu estou aqui com minha mãe, nós vamos a igreja, a na igreja tem várias coisas para nos divertir eu gosto. Tem o grupo de jovens, reunião familiar, essas coisas assim, e quando eu estou com meu pai nós vamos ao cinema, shopping essas coisas (Entrevista 3).

A família proporciona para esses jovens a construção de uma visão de si, de sua condição social, de seu primeiro espaço de formação, uma referência básica na construção de seu universo simbólico. Os jovens da pesquisados além de estarem com a família nos momentos livres, fazem outra atividades. Ao serem perguntados sobre o que gostavam de fazer foi solicitado que enumerassem, no questionário, em ordem de importância, cinco opções. Um total de 77% declarou gostar de assistir televisão; 59% gostavam de dormir; 57%, de acessar as redes sociais virtuais; 42%, de acessar a internet; 39%, de passear com os amigos; 36% de ler um livro; 30%, de praticar esportes; 27%, de pescar; dois grupos de 9% de questionados responderam que gostavam de conversar com familiares e de jogar videogames; e outros dois grupos de 6%, cada um, de ir ao bar e de tomar banho de rio.

Podemos inferir da leitura desse último conjunto de dados expostos que os jovens respondentes da pesquisa ainda preferem mais assistir TV do que navegar nas redes sociais virtuais ou na internet, diferindo-se do que vem se desenhando para a maioria dos jovens, atualmente. Talvez este fato se dê pelo acesso fácil ou

não a internet, já que a maioria é oriunda das classes populares e tem acesso a internet móvel ou em *lan house*, o que, por sua vez, gera custos que, possivelmente, precisam ser comedidos.

Entre os estilos de programas de TV preferidos pelos respondentes encontram-se as novelas com índice de 18%. A maior parte destes (15%) ressaltou que, dentre os programas de que mais gostam, as novelas são as preferidas. Em segundo lugar, com um total de 9% cada, aparecem o Jornal Nacional e Malhação. Os motivos que explicam essa preferência são os mais corriqueiros, pois os que gostam de novela, por exemplo, gostam porque com elas “se diverte, é boa” ou porque “ocupa o tempo”. Quanto ao Jornal Nacional, “é pra ficar por dentro de tudo que acontece no mundo”. As demais preferências vão de filmes, séries de TV, programas de desenhos, de clips de música, programas esportivos, etc.

É também no tempo livre de lazer que os jovens vão construindo sua cultura, diferenciando-se do mundo adulto, na medida em que realizam outras atividades, tais como: ler, ir ao shopping, teatro e cinema, conforme aparecem nas preferências dos pesquisados, apresentadas na Tabela 7, abaixo.

Tabela 7: Atividades que desenvolvem no tempo livre.

	Lembra qual foi o último livro de literatura que leu	Já foi ao cinema	Já foi ao teatro	Já foi ao shopping
Sim	62%	47%	59%	82%
Não	38%	53%	35%	15%
Não Respondeu			6%	3%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

No município de Porangatu, não há cinema e nem *shopping*. Os mais próximos ficam em Gurupi, TO, localizado a 200 km de distância. Dos pesquisados, 53% declararam nunca ter ido ao cinema e 15% nunca ter ido ao shopping. Estes percentuais podem ser evidenciados pela ausência de cinema e shopping na cidade. 35% declararam nunca ter ido ao teatro e, neste caso, podemos concluir que este índice se configurou em função do capital cultural destes agentes.

Em Porangatu há uma oferta de peças teatrais modesta se comparada aos grandes centros urbanos. Isso não se deve à causas vinculadas aos atores e atrizes nacionalmente conhecidos, mas ao grupo de teatro local. Além disso, anualmente,

acontece a mostra de Teatro Nacional de Porangatu (TENPO) que está em sua 15ª edição, sendo aberta ao público em geral. Em diversos pontos da cidade são montadas tendas com peças teatrais, oficina de teatro, debates, palestras entre outras atividades oferecidas. A abertura sempre acontece com atores nacionalmente conhecidos. Supomos que, em função da disponibilização da variedade de atividades mencionadas e facilidade existente ao acesso a elas, o índice dos que nunca foram ao teatro poderia ter sido menor. Mas, se considerarmos o capital social e cultural de alguns agentes, perceberemos que a baixa frequência ao teatro, registrada pelos investigados, deve-se ao gosto e ao estilo de vida deles, permeados por outra representatividade.

Ouro ponto que deixa claro o *habitus* dos pesquisados diz respeito ao gosto musical. Em uma ordem de importância que variou de um a cinco, o estilo musical mais escolhido foi o sertanejo, sertanejo universitário e a música de raiz que aparecem com os maiores índices, possivelmente por serem os estilos musicais mais ouvidos, no momento, nesta região, bem como pelo estilo de vida e *habitus* destes jovens, adquiridos a partir da atuação social deles em seu campo de vivência e atuação. Conferir Tabela 8 abaixo.

Tabela 8: Estilos de músicas preferidos.

Estilos de música	%
Sertanejo universitário	78%
Sertaneja	54%
Gospel	35%
Romântica internacional	33%
Funk	30%
Rock and roll	24%
Romântica nacional	24%
Música popular Brasileira	21%
Rap	21%
Aché	15%
Música raiz	15%
Pagode	12%
Instrumental	3%
Pop	2%
Eletro Funk	3%
Eletro Funk	3%

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Consideramos que os estilos musicais consumidos pelos jovens, ao se constituírem como “gosto”, sejam eles constituídos e constituidores de e por concepções de mundo específicos, estão diretamente relacionados ao seu espaço social. Duarte 2012, p. 121) afirma que [...] o *habitus* “relaciona-se com a matriz determinada pela posição social do agente que lhe permite pensar, ver e agir nas mais variadas situações. O *habitus* traduz, dessa forma, estilos de vida, julgamentos políticos, morais, estéticos, etc.

No entanto, o *habitus* pode mudar a partir das atitudes e comportamentos das pessoas, tanto que encontramos conflitos, inclusive geracionais, presentes nas sociedades como a brasileira, que tem estrutura organizacional hierarquizada por meio de diversas classes sociais. Portanto, os jovens da pesquisa apresentam suas diferentes representações a partir do volume de seus capitais (econômico, social e cultural), incorporados em suas trajetórias de vida no interior de seu campo, tendo como ponto de partida seu convívio familiar. Bourdieu (2007) enfatizou as relações sociais como constituidoras das redes de relações sociais duráveis e, neste processo, gerando o acúmulo dos capitais historicamente construídos a partir do sentido de pertença aos grupos sociais de cada agente.

CAPÍTULO IV - REDES SOCIAIS VIRTUAIS E SOCIABILIDADE JUVENIL

Até aqui foi discutido o conceito de juventude, de cultura juvenil e de redes sociais presenciais e virtuais, para que pudéssemos chegar o mais próximo possível do que vem a ser as culturas juvenis em uma sociedade, cujos processos formativos são mediados por redes sociais. No entanto, esta não é uma categoria fácil de ser conceituada, pois as juventudes se constroem a partir das variações das condições sociais, econômicas, culturais, geográficas e geracionais, entre outras vivenciadas pelos agentes em seu tempo.

Juventude é uma categoria dinâmica, marcada pela diversidade, que tem se modificado ao longo do tempo, no entanto a partir da comunicação mediada pela tecnologia é necessário que compreendamos como as TICs marcam as relações dos jovens, suas interações e experiências juvenis.

Este capítulo tem por objetivo analisar e discutir as relações sociais construídas pelos jovens a partir das redes sociais virtuais como meios de comunicação e como construtoras de sociabilidade, no sentido de compreender como os agentes desta pesquisa representam seus modos de vida, os sentidos que atribuem à família e aos amigos diante das novas configurações das TICs e dos aspectos que compõem as culturas juvenis.

4.1 Os Jovens e o Mundo Virtual

Hoje, há uma grande diversidade de *sites* e de redes sociais virtuais que surgem, a cada dia, em função da rápida evolução tecnológica que oferece uma gama enorme de opções na rede para serem acessadas por seus usuários. Cada site, cada rede social ou cada comunidade virtual tem um propósito diferente, seja ele cultural, político, social ou, até mesmo, econômico. No entanto, todos terão sempre pontos semelhantes, já que tanto as redes, os *sites* e as comunidades podem ser constituídos como espaços virtuais sociais.

Com o passar do tempo, as redes sociais virtuais se multiplicaram e diversificaram, tendo como característica a coadunação de pessoas, grupos, instituições que constituem, por sua vez, a rede de contatos de cada um, expandindo-se a partir do momento em que o usuário opta por utilizá-la. Logo, nas

redes virtuais a interação é diferenciada prescindindo da presença física. Segundo Rosa e Santos,

[...] nas redes sociais tem-se uma interação peculiar devido a quatro características que consideramos essenciais: dá-se por meio de perfis elaborados pelos usuários que se representam nas redes; independente de critérios de tempo e de espaço; pode advir em diferentes modalidades (um-para-um, um-para-muitos e muitos-para-muitos); permite o acesso e interferência de diferentes usuários conectados pela rede (2003, p. 20-21).

Entre os usuários que estão conectados às redes sociais virtuais estão os jovens, pois as TICs estão constantemente presentes em suas vidas e cada vez mais acessíveis. No entanto, por “[...] ser um objeto técnico repleto de valores, e de intencionalidade, a sua difusão nos mais diversos espaços urbanos não aparenta uma acessibilidade igual, e tampouco as formas de apropriação são similares... (CAVALCANTE, 2010, p. 42).

Atualmente, o movimento cultural e de sociabilidade experimentam um crescimento planetário advindo da própria evolução tecnológica, levando “[...] a consequente reconfiguração sociocultural a partir de novas práticas produtivas e recambiáveis” (LEMOS, 2007, p. 39). Neste processo, há por parte da sociedade uma apropriação social e coletiva das diversas mídias que tiveram seu ápice a partir dos anos 1990. No entanto, para Lemos (2009), a microinformática proporcionou a partir da Cibercultura a retirada do poder da informação que ficou nas mãos da elite ao longo dos anos. Esse poder se transformou paulatinamente. Tanto que, com

[...] os microcomputadores a internet vai começar a se disseminar a partir de instrumentos de socialização, como as listas de discussão, primeiras BBS, as primeiras comunidades já territorializadas, que visam ajudar pessoas a resolverem diversos problemas, como Aspen, Santa Monica ou São Francisco. Foram as primeiras comunidades virtuais, que hoje a gente chama de rede social (LEMOS, 2009, p. 137).

Para Lemos (2009), há uma apropriação do computador como objeto técnico. Sua consequente transformação em um instrumento mais social de produção de informação e não só de produção e de consumo, revela-se também e, simultaneamente, como instrumento social de produção coletiva de colaboração e distribuição de informação. Logo, a tecnologia é muito mais social que técnica.

Então você tem em cada movimento, em cada instrumento que aparece, uma função social de que rapidamente se apropria para fazer as coisas. Não estou dizendo com isso que nós estamos vivendo uma panaceia participativa. [...] Mas nós temos uma grande potência nas mãos, que está

sendo atualizada cotidianamente... Mas, não podemos pensar que isso vai resolver tudo, que mera participação e colaboração vão resolver todos os problemas. Mas, a partir do momento em que nós podemos emitir livremente, nos conectar aos outros, nós conseguimos reconfigurar a cultura, a sociedade, a política. [...] Essa produção só faz sentido se um tiver conectado a outro, porque não é produzir para mim mesmo, e sempre que uma sociedade dá vez às pessoas, as pessoas podem falar, as pessoas podem se agregar para fazer coisas, isso tem uma potência gigantesca de transformação social, política e cultural. (LEMOS, 2009, p. 142).

Neste sentido, as juventudes conseguiram apropriar-se das tecnologias usando os *blogs*, as redes sociais virtuais para fazerem-se ouvidos no mundo todo, ganharam no espaço virtual mais voz na luta para a transformação social e seu reconhecimento enquanto categoria.

[...] o Brasil possui hoje 110 milhões de usuários ativos de internet, o que corresponde a 54% da população (204 milhões). O crescimento chegou a 10% em um ano. Entre os países com maior índice de uso de internet no mundo, o Brasil é o 3º colocado, atrás apenas das Filipinas e da Tailândia. O tempo gasto em média por dia pelo internauta brasileiro é de 5.4 horas em desktop ou laptop. Se considerarmos o uso via dispositivos móveis, esse número chega a 3.8 horas diárias (MOBIFEED, 2015).

A apropriação da internet feita pelos jovens da pesquisa é bastante forte, pois, dos 34 alunos pesquisados, 33 tem acesso à internet. Destes, sete acessam as redes sociais virtuais pelo computador e 26 acessam pelo celular, cabendo destacar que um dos entrevistados não respondeu. Quanto aos locais que eles preferem acessar a rede, vejam suas respostas no quadro um a seguir:

Quadro 1: Locais preferidos de acesso à internet.

Em casa	23
Qualquer lugar (internet móvel)	8
<i>Lan house</i>	3
Na escola	2
No trabalho	2
Em casa de parentes e amigos	2

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Os jovens utilizam muito a internet móvel, no entanto, para os pesquisados, o local predileto de uso da internet, possivelmente pelo fato de terem internet com *wiffi* com mais comodidade, é em casa. Eles a utilizam com uma frequência média fora da residência, fazendo uso da internet móvel, no mundo todo.

[...] tráfego na web a partir de dispositivos móveis ainda é bem menor se comparado ao online tradicional (23%, sendo 20% por smartphone e 3% via tablet). O que surpreende é o crescimento registrado nos últimos 12 meses: 109% relacionado aos smartphones e 1% em relação aos tablets... (MOBIFEED, 2015).

Dos 34 pesquisados, 33 possuem celular com acesso à internet, a redes sociais virtuais, vídeos, música e jogos. Quando indagados sobre o uso do celular, percebemos que o usuário faz a utilização do aparelho móvel para ligações e para acesso a jogos.

Quadro 2: Usos do celular.

Conectar-se às redes sociais	26
Ouvir música	25
Fazer ligações	23
Comunicar-se via SMS	18
Fazer fotos e vídeos	17
Buscar informações na internet	14
Jogar	14

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Os dados apresentados no quadro 2 não são diferentes das estatísticas que mostram o crescimento do uso de celulares com internet móvel no mundo todo. O Brasil ocupa lugar privilegiado neste ranking, isto é, aparelhos como os smartphones, iPhone e MID¹⁵ potencializam o consumo desses equipamentos, tornando a comunicação via internet ubíqua. Como os respondentes da pesquisa não são diferentes dos demais jovens usuários das TICs, no que diz respeito ao uso de celulares com internet móvel ou não, estão o tempo todo conectados às redes sociais virtuais. O uso do telefone móvel com acesso a internet não é hoje uma questão única de lugar ou de espaço, mas também de tempo de conexão, articulando, permanentemente, os usuários que estão ou desejam estar inseridos.

As atividades móveis dos usuários brasileiros se baseiam em acesso a aplicativos de mídia social e vídeos (23%)...

O Brasil possui 96 milhões de contas ativas de redes sociais. Em dispositivos móveis, esse número chega a 78 milhões, registrando crescimento de 15% em relação a 2014. Das 5 plataformas mais usadas, 3 delas são de mensagens instantâneas: Facebook (25%), Whatsapp (24%),

¹⁵ MID: *Mobile Internet Device*. São computadores pessoais com o tamanho aproximado de um *palmtop*

Facebook Messenger 22%, Skype (14%) e Google+ (13%). (MOBIFEED, 2015).

Nestes contextos, os jovens criam suas estratégias de comunicação mediadas pela tecnologia, com uma gama vasta de possibilidades interativas no espaço social, a partir das dimensões social, econômica, cultural e política, utilizando-se delas para manutenção e construção de vínculos sociais.

O que teve início com a cultura hacker¹⁶ apresenta-se hoje como cultura recorrente, principalmente entre os jovens, isto porque eles reinventam maneiras de se comunicar com as pessoas por meio das tecnologias, buscando constante interação de liberdade, de expressão, sentido, fala, assentadas na criatividade e na construção social a partir da cooperação, da reciprocidade e da informação de que dispõem. Castells (2003, p. 43) diz haver “[...] uma cultura hacker, um sentido comunitário baseado na integração ativa a uma comunidade, que [se] estrutura em torno de costumes e princípios de organização informal [que] [...] não é imposta pelas instituições à sociedade.

Mesmo considerando que no Brasil a conectividade à internet não tenha sido devidamente universalizada em função da forma como foi distribuída, mostra-nos que também gera seletividade tanto social quanto funcional, percebemos que há um fato paradoxal quanto ao acesso das camadas populares à internet. Ou seja, há uma gama maior dessas camadas incluídas nas redes sociais virtuais que, por sua vez, vem se constituindo em cultura dessas camadas, dando-lhes sentido comunitário, cooperativo e informativo. Certamente tais camadas encontraram na tecnologia digital um mecanismo de mediação para a sociabilidade.

O estar conectado à rede, ao mundo, foi incorporado pela maioria da população mundial, não se constituindo em algo característico das juventudes ou das classes econômicas altas e médias. Tanto é verdade que 10 de 12 jovens entrevistados têm acesso fácil à internet. Quando foram indagados sobre o tempo que permanecem conectados à rede, responderam:

Faço uso da internet todos os dias. Mais ou menos umas três horas por dia; para mexer no *WhatsApp* (Entrevista 1).

¹⁶ Cultura Hacker. Entendida “[...] em sentido restrito, a cultura hacker, [...] diz respeito ao conjunto de valores e crenças que emergiu das redes de programadores de computador que interagem on line em torno de sua colaboração em projetos automaticamente definidos de programação criativa” (LEVY *apud* CASTELLS, 2003, p. 38).

Uso muito pouco a internet. Alguns dias da semana quando eu tenho trabalho para fazer, quando me dá vontade de assistir um filme (Entrevista 9).

Uso a internet todos os dias, da hora que saio da escola até às vinte e três horas, meia noite. Eu uso para acessar as redes sociais, jogar, ver vídeos no *Youtube* (Entrevista 6).

Faço uso quase o dia todo para me comunicar com os amigos. (Entrevista 4).

Todo o desenvolvimento tecnológico comunicacional experimentado nos últimos anos tem reflexo direto em nossas práticas sociais. O esforço contínuo para estar conectado na Internet o tempo todo altera os hábitos e o conceito que temos do ciberespaço, por exemplo, como desvinculado do mundo real. Na verdade, espaços como esse, da forma como são usados pelos usuários, principalmente pelos jovens, transformam-se em locais de tele presença ao estarem continuamente conectados à internet, mesmo considerando que estejam em lugares geográficos diferentes.

Na condição de seres humanos, desejamos estar ligados durante todo o tempo aos outros seres sociais, seja virtual ou fisicamente. Com os respondentes da pesquisa não é diferente. Eles estão abertos e conectados pelo desejo a diversas atividades, inclusive para interagir com o outro, tanto que apenas dois dos entrevistados afirmaram não fazer uso da internet, não por impossibilidade de acesso, mas por opção. Ao serem indagados a respeito, responderam:

Eu não mexo nessas coisas não. Tenho celular, mas não mexo na internet (Entrevista 7).

Não, não gosto. Tenho *smartphone*, só que eu fiz o favor de quebrar ele. [Mas quando estava com celular você acessava a internet?] Não, nem ia em *lan house* para usar a internet. Não gosto (Entrevista 10).

Por meio destas respostas, podemos inferir que as escolhas dos dois participantes citados fazem parte da adaptação social deles às tecnologias, devendo ser respeitada pelo outro, pois esta é uma questão de uso ou possivelmente por não saber manusear ou ter condições sócio econômica de ter um celular com internet e seus respectivos aplicativos para redes sociais, bem como de ponto de vista e da necessidade sentida ou não de inclusão desta ou daquela tecnologia em suas vidas.

Logo, a partir das redes sociais virtuais pode-se estabelecer não só interação entre as pessoas, entre comunidades e entre os próprios sistemas, como também e apenas entre pessoas. O fato de não se conectarem à internet, e de não sentirem a necessidade de acessar as redes sociais virtuais, não exclui estes jovens do processo de sociabilidade. Eles apenas optaram por constituírem sua sociabilidade fisicamente, predominantemente,

[...] Se mecanismos sociais como a criação de amizades, compromisso, apoio, suporte social emocional, troca de informações e opiniões são algumas das valências que este tipo de comunidade oferece aos seus membros, podemos como hipótese de base assumir que as formas de descrever uma comunidade serão exatamente as mesmas, quer estejamos a lidar com uma comunidade virtual ou com uma comunidade de face-a-face. (DAMÁSIO; HENRIQUES, 2012, p. 335).

Partindo deste princípio é que podemos afirmar que não há diferença entre as interações presenciais e virtuais, mas apenas que as interações ocorrem em espaços diferentes. Assim, o que move os agentes sociais a interagirem virtualmente ou face a face é a necessidade de estar em interação permanente com o outro. De forma geral, os pesquisados, com exceção de dois, acessam diariamente as redes sociais virtuais, estando conectados em média entre uma e nove horas diárias. Retomando os dados da pesquisa, informamos que oito dos entrevistados declararam ficar por 24 horas, por dia, conectados à internet, não desligando sequer o celular, na hora de dormir, para manterem-se conectados às redes sociais.

Independentemente do tipo de redes de sociabilidade que os jovens estabelecem hoje, o mais importante é analisar se ela corresponde ao que os jovens buscam para a constituição da sociabilidade, considerando as relações estabelecidas como seres humanos que vivem em grupamentos.

4.2 Mundo Virtual e as Relações Familiares

O avanço tecnológico não causou somente mudanças econômicas, culturais e políticas, mas atingiu também todas as instituições sociais em seus processos evolutivos tecnológicos. Com a expansão da internet nos anos de 1990, a família passou a viver sua intervenção em hábitos, costumes, estilo de vida etc.

Para Valencia e Gómez (2014), a gênese da internet levou não só à novas formas de estabelecer relações sociais, mas também atingiu a dinâmica relacional da família, na medida em que foi passando a ser objeto de desejo, valorizado por uns e rejeitado por outros. Porém, para García Marín (*apud* VALENCIA; GÓMEZ, 2014, p. 32), “[...] a relação entre a família e os meios de comunicação é complexo, principalmente devido à diversidade das realidades que existem nela”.

A partir das relações de sociabilidade estabelecidas por meio das redes sociais virtuais, foi possível perceber, por um lado, a importância da família como instituição constituidora de território seguro para mediar as relações que os jovens estabelecem nas redes sociais. Esse aspecto é perceptível nos relatos dos jovens entrevistados.

[Vocês conversam sobre o uso da internet, sobre sua participação nas redes sociais?] Sim. [Sobre o que vocês conversam?] Para ter muito cuidado com quem conversar. Como eu uso bastante o *whatsapp*, eles reclamam pra eu diminuir o uso [Esse diálogo é importante para você? Por que?] Porque eles se preocupam, né! Eles acham que pode viciar, essas coisas (Entrevista 2).

Com meu pai eu converso mais [...] sobre algumas coisas que eu posto. É que ele também tem perfil nas redes sociais. [Esse diálogo é importante para você? Por que?] Sim tem coisas que eu vou postar e ele fala que não vai ser bom, porque tem pessoas que não me conhece, né? Como está publicado, eles podem pensar outras coisas de mim (Entrevista 3).

Sim, a minha mãe fala muito que é perigoso por causa desse negócio de pedofilia, de estupro, de conhecer pessoas pela internet, essas coisas. [Esse diálogo é importante para você? Por que?] Porque faz a gente ficar mais atenta, né? Às vezes a gente fica na internet e os pais não sabem de nada, mas vai conversando e vamos ficando mais atentos (Entrevista 5).

Por outro lado, não menos importante, foi o relato de outros entrevistados que declararam não conversar com os pais a respeito do uso da internet e, conseqüentemente, das redes sociais. Todavia, mesmo não havendo esse diálogo, um dos investigados ponderou que se ele existisse seria importante “[...] para eles saberem o que eu estou fazendo nas redes sociais virtuais” (entrevista um). Em outra família, todos têm perfil nas redes sociais, tanto o padrasto como a mãe e os irmãos de 5 a 7 anos. O entrevistado relatou que a família não dialoga sobre uso das redes sociais virtuais. “[Vocês conversam sobre as redes sociais?] Não. [Você acha que esse diálogo é importante?] É porque as vezes a gente não tem crédito no celular, alguma coisa assim, aí mandamos tudo pela internet” (Entrevista 11).

Por meio dos relatos percebemos que os diálogos na família acontecem muito mais no sentido de orientar e proteger os filhos de usuários considerados como mal

intencionados, e que estão conectados por meio das redes sociais virtuais. Ou seja, identificamos uma mediação simbólica dos pais quanto ao uso do que se veicula na internet e nas redes sociais.

A preocupação maior que eles têm está relacionada com a pedofilia, à exposição do menor na rede virtual, sem levar em consideração que há nas redes sociais virtuais outros tipos de crimes que podem atingir seus usuários independentemente de sua etnia, idade, sexo, condição sócio-econômica, entre outras. Além de não discutirem com seus filhos sobre o perigo dos fatores criminais presentes na internet, os pais também não discutem como utilizar e aproveitar bem os recursos que ela pode oferecer.

Percebemos, também, que uma parte dos pais dos 12 entrevistados não tem perfil nas redes sociais virtuais. Talvez esse fato possa ser uma das causas pela qual eles não levarem em consideração todos os aportes positivos e negativos do uso das redes sociais virtuais, ou seja, eles ainda não se apropriaram do mundo virtual incorporando-o em seu cotidiano, mesmo que as tecnologias e a internet estejam presentes na dinâmica de suas famílias.

Para Galleno (*apud* VALENCIA; GOMÉS, 2014), cada indivíduo da família tem sua dinâmica familiar afetada por fatores externos, bem como de fatores internos oriundos de experiências e características familiares que têm como base o passado e o presente como constituidores de seu conhecimento e experiência cultural global e local. Há, neste sentido, uma mudança constante nas relações familiares e o uso da internet pode gerar mudanças positivas ou negativas na dinâmica familiar.

4.3 Jovens e Redes sociais virtuais

O movimento constante de desenvolvimento social se dá a partir das relações do homem com a natureza. Nesse processo, não há hoje uma forma de separar as relações constituídas no mundo virtual das constituídas no mundo físico, classificando-as como real ou fictícia.

A apropriação da capacidade de interconexão por redes sociais de todos os tipos levou à formação de comunidades *on line* que reinventaram a sociedade e, nesse processo expandiram espetacularmente a interconexão de computadores, em seu alcance e em seus usos. Elas adotaram os

valores tecnológicos da meritocracia, e esposaram a crença dos hackers no valor da liberdade, da comunicação horizontal e da interconexão interativa, mas usaram-na para sua vida social, em vez de praticar a tecnologia pela tecnologia (CASTELLS, 2003, p. 53).

Para Castells (2003), a Internet pode proporcionar aos seus usuários um número mais elevado de constituição de laços sociais, de relações de conhecimento dentro do setor de residência, e fora dele, mais do que os de não usuários aumentando a sociabilidade tanto dentro quanto fora de sua comunidade local. Para os pesquisados, a diferença conceitual entre redes sociais virtuais e comunidades virtuais não estão bem definidas.

Ao serem indagados sobre participação em comunidades virtuais, 15 jovens declararam participar delas, mas não souberam nomear as comunidades identificando-as como redes sociais. Apenas um dos pesquisados declarou ser membro das comunidades *Panelinha do Bananal* e *Anão é Irmão*. Dezoito (18) declaram não participar de nenhuma comunidade e um (1) não respondeu. Os dados do Quadro 3 a seguir mostram que os jovens acessam muito o *facebook*.

Quadro 3: Redes sociais mais acessadas, por ordem de importância.

Redes sociais	Primeira mais acessada	Segunda mais acessada
WhatsApp	14	3
Facebook	9	12
Instagram	7	3
Twitter	4	1

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

Além destas redes sociais virtuais, foram dadas outras opções, porém estas são as mais conhecidas e utilizadas pelos jovens da pesquisa. Apenas um dos pesquisados declarou não acessar qualquer rede social, confirmando seu posicionamento na entrevista. Quatorze (14) dos pesquisados deixaram de marcar a segunda opção sobre as redes mais acessadas. Porém, o *whatsapp* é hoje a rede social virtual mais acessada pelos pesquisados, como primeira opção, porém ao somarmos a primeira e segunda opção, perceberemos que rede virtual mais acessada, ainda é o *facebook*. Pimentel afirma:

Hoje, quase todos os internautas estão conectados a alguma rede social. Engana-se quem pensa que elas se limitam ao Facebook e ao Instagram. As redes sociais virtuais surgiram **junto** com a internet. Desde os antigos fóruns, os sites de compartilhamento de músicas, o ICQ, o MSN, o Orkut e até o Whatsapp de hoje, tudo isso é rede social. Elas possibilitam a conexão de várias pessoas. [...] duas redes sociais respondem por 91% dos acessos dos internautas brasileiros. As redes sociais mais acessadas são, em

primeiro lugar (nada surpreendente), o Facebook, com 64,82% das visitas. Em segundo lugar está o Youtube: 26,04% (Disponível em Olhar Digital, 2014).

Para Rosa e Santos (2013), o *Facebook* expressa as características de identidade de seus usuários. Nesse processo, eles experimentam formas de ser, sendo tal experiência um exercício de si mesmo, não podendo essa rede social virtual ser considerada como uma rede na qual seu usuário fica no anonimato. De 12 dos agentes entrevistados, 10 têm perfis nas redes sociais virtuais e, ao serem indagados sobre a importância de terem um perfil na rede, responderam:

Eu acho normal, minhas amigas todas têm, todo mundo tem, é só não ficar falando, aceitando gente estranha ficar expondo muito sua vida pessoal. Só o necessário. [Qual a importância de participar de mais de uma rede social] Estar sempre conectada ali naquela rede social, estar com os amigos, assim estar por dentro da vida (Entrevista 5).

Antes era melhor ter um perfil na rede social. Eu achava mais, muito mais legal, sei lá [...]. Colocar uma coisa pública, colocar fotos pra todo mundo ver, só que agora não é tão legal, pra mim já não é mais interessante. Eu uso hoje o whatsapp, mais que o facebook. No whatsapp tem vários grupos com que eu comunico, o da família e amigos, aí eu converso com os grupos e acho mais prático. Tem mais popularidade (Entrevista 3).

Bom que você pode compartilhar coisas sobre sua vida, pode ver atualizações sobre seus amigos, pessoas que estão ao seu redor, e no whatsapp a gente pode conversar com os amigos, ali na hora (Entrevista 2).

Tenho perfil no facebook e whatsapp, mas o whatsapp eu excluí ontem mesmo. [Por que?] Porque trava o celular, tem gente que manda muita coisa imoral, coloca nos grupos. [É importante pra você ser membro nas redes sociais?] sim, a gente conversa com as pessoas, parente que estão distantes, para saber como estão (Entrevista 12).

Eu acho legal, pelas redes sociais você conhece pessoas, você conversa. Eu uso o facebook para conhecer novas pessoas (Entrevista 1).

Levando em consideração os motivos apresentados pelos entrevistados, dos porquês de ter um perfil nas redes sociais virtuais, podemos dizer que os respondentes têm perfil nas redes sociais virtuais tendo como objetivo maior a sociabilidade, pois, por mais que seus contatos façam parte do ciclo de amigos físicos e da família, eles demonstram interesse em manterem-se inseridos em seus grupos virtuais. Assim, ter perfil nas redes sociais virtuais deixa de ser algo que se configura como modismo, apresentando-se muito mais como um estilo que o jovem tem, podendo expressar um conjunto de atitudes similares perante os grupos aos quais ele pertence.

As redes sociais virtuais podem ser um espaço de sociabilidade, de convivência, que expressa o modo de vida transportado do físico para o virtual, sendo ambos significativos para os jovens e expressão do seu cotidiano. “[...] ao ingressar na rede, o usuário elabora seu perfil e interage com base em uma adequação ao como pretende ser visto pelos demais na rede de acordo com seus próprios interesses [...]” (ROSA; SANTOS, 2013, p. 28).

Considerando as teorias de Rosa e Santos (2013) no que concerne às relações sociais, podemos afirmar que ao estabelecerem suas relações virtuais os pesquisados o fazem tendo como princípio seu *habitus*, acabando por aderir às estratégias de campo estabelecidas pelos grupos dos quais participam, produzindo sua existência também no espaço social virtual, até porque as redes sociais virtuais têm possibilitado a projeção de seus bairros, dando aos jovens o sentimento de pertença aos grupos, além de imprimindo-lhes territorialidade. Enfim, por trás de cada conexão existe um jovem que busca sua representação e/ou que se faz representar pelo mundo virtual.

Os assuntos discutidos pelos jovens da pesquisa, nas redes sociais, vão desde os relacionados aos acontecimentos do dia a dia, passando por conversas sobre sexualidade, até chegar a questões relacionadas à cidadania e à escola.

Quadro 4: Assuntos mais discutidos nas redes sociais virtuais.

Acontecimentos do dia a dia	5
Educação e futuro profissional	4
Relacionamento amoroso	4
Mensagens diversas	3
Mensagens e fotos	3
Sexo	3
Drogas	3
Sobre os grupos de amigos	1
Violência	1
Desigualdade social e pobreza	1
Cidadania e Direitos Humanos	1
Questões relacionadas à cidade, ao bairro	1
Questões sobre a escola	1
Não respondeu	3

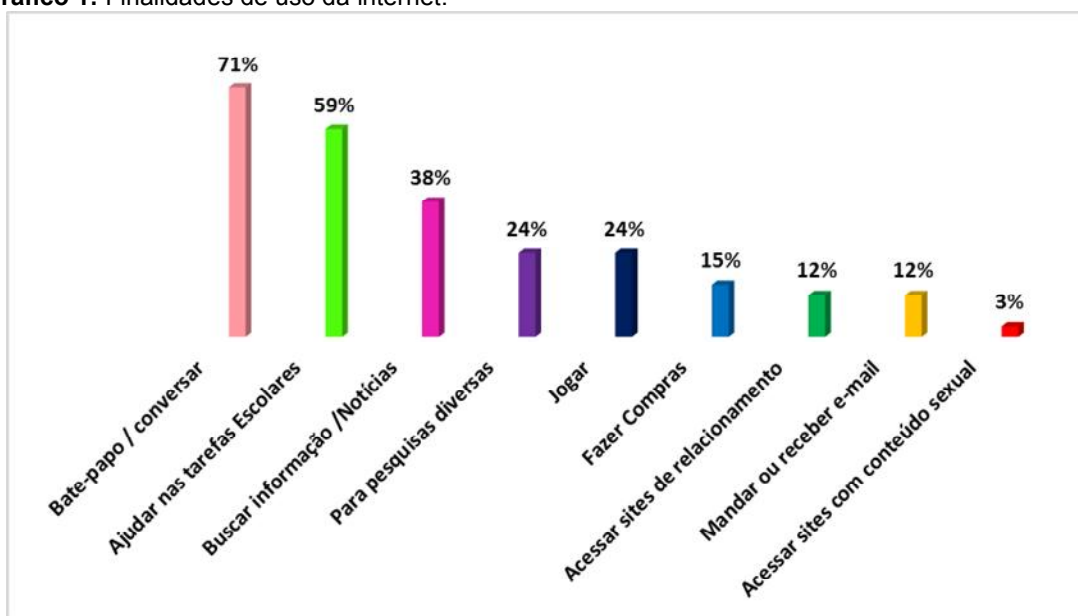
Fonte: Dados da pesquisa (2015).

As TICs possibilitam às pessoas a utilização de novas práticas de interação, libertando-as da rigidez ideológica vinculada ao que se pode falar ou comentar em público, ou seja, pelas redes sociais virtuais as pessoas falam de tudo. Para Levy (1996, p. 11), “[...] Embora a digitalização das mensagens e a extensão do

ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informação”.

Neste sentido, percebemos nos assuntos discutidos pelos respondentes da pesquisa que, culturalmente, há em todos os aspectos (psicológico, ético e educacional) a presença do capital social de cada um, condicionado por fatores culturais, sociais e políticos. Entre as finalidades de uso da internet, a de bater papo, conversar, é a que aparece em primeiro lugar, tanto que 71% dos jovens investigados afirmaram essa finalidade, conforme mostra o Gráfico apresentado a seguir.

Gráfico 1: Finalidades de uso da internet.



Fonte: Dados da pesquisa (2015).

As juventudes do mundo contemporâneo expressam sem amarras suas necessidades, sentimentos, crenças, desejos, tendências, indo além, pois, pelas redes sociais virtuais expressam ideias referentes ao momento político, cultural e social vivido por elas. Os dados coletados negam o estereótipo de que os jovens contemporâneos não têm opinião própria e política, haja visto que boa parte dos respondentes estão preocupados com a educação e com o futuro profissional. Isso mostra que esta geração não é só consumista, individualista e unicamente preocupada em satisfazer suas necessidades imediatas.

É importante destacar que, mesmo virtualmente, as interações sociais são providas por sentimentos, emoções e trocas democráticas. Há um processo colaborativo de partilha de troca de saberes, informações que passam pelas

relações de amizade, amor, trabalho, política na construção do ideal de relações humanas.

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio das quais ele atribui sentido ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material – e menos ainda sua parte artificial – das ideias por meio das quais os objetivos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam (LÉVY, 1993, p. 22).

O espaço virtual é para os jovens um espaço de convívio, sendo quase um modo de vida para eles, pois, já interiorizaram este espaço tal como interiorizaram o espaço geográfico em que vivem e onde se dão as relações presenciais, isto é, tal como no bairro, local em que o modo de vida vivenciado se expressa cotidianamente. Os entrevistados, ao serem indagados quanto à finalidade de pertencer a uma rede social, responderam:

Para estar ligado aos amigos, tem também aqueles grupos que são bons, divertidos e também é bom para passar o tempo. (Entrevista 8)
Acho importante, porque até no próprio facebook você lê notícias, você assina algumas páginas, recebe notícias, querendo ou não (Entrevista 1).

Para ter contatos com outras pessoas que a gente conhece (Entrevista 12).

Para saber das novidades com meus amigos e a outra é saber novidades do mundo e não só para divertir, mas às vezes é mais para saber notícias (Entrevista 3).

As finalidades dos usos, do acesso às redes sociais, derivam de motivações diversas, indo da necessidade de encontrar pessoas distantes que há muito não se vê até a constituição de novas amizades.

Ao estabelecer ou aprofundar os laços de amizade pelas redes sociais virtuais os jovens reforçam seus laços de sociabilidade, por apresentarem para com o grupo aspectos identitários dos capitais social, cultural e econômico. As redes sociais virtuais proporcionam aos seus participantes usos variados, que podem ocorrer dentro ou fora de seu contexto de atividades sociais diárias.

[...] as interações se dão por meio da exposição de gostos e de preferências culturais, pela exploração do gosto e de preferências culturais, pela exploração de perfis (autodescrições, fotos e murais), bem como por meio da exposição de ideias e de sentimentos, o que gera interação e entretenimento [...] (ROSA; SANTOS, 2013, p. 63).

As redes sociais virtuais são, portanto, mediadoras de sociabilidade, a partir do momento em que cada um faz as suas escolhas, tomando como base as suas preferências culturais. Cada um dos jovens pesquisados tem em média mais de 500 amigos pelas redes sociais virtuais, especialmente, no facebook. Quando indagados se é importante ter um número grande de amigos, no facebook, por exemplo, responderam:

Para mim não, meus amigos têm e ficam disputando quem tem mais amigos, eu não vejo importância nisso, em ter muitos amigos virtuais. Entro nas redes sociais para me comunicar com meus amigos, pra que ter amigos, se eu não tenho realmente? (Entrevista 4).

Bom, pra mim não importa aquele tanto de amigos, ter aquela quantidade exagerada de amigos. Importante é você conversar, e não é porque tá no facebook que é amigo não, amigo é aquele que você conversa, que você tem uma ligação com ele, não é só simplesmente ter muitos amigos em número (Entrevista 1).

Importante não é, mas é melhor ter um grande número de amigos, por exemplo, você conhece novas pessoas, e sempre tem alguém para conversar e coisa e tal. (Entrevista 6)

Para Castells (2003, p. 106), a sociabilidade baseada no lugar não deixa de existir, mas houve um desenvolvimento não linear das relações sociais. “[...] O decisivo, portanto, é a passagem da limitação espacial como fonte de sociabilidade para a comunidade social”. A constituição das redes ainda se dá pelas estratégias criadas pelos grupos, pelas escolhas de cada agente social.

Os meus amigos nas redes sociais são da família e amigos mais próximos. E família, né? Amizades aqui do colégio. [Você aceita como amigo virtual pessoas que você não conhece?] Não, não aceito (Entrevista 11).

A maioria são meus amigos mesmo. [Você conhece todos eles?] Não. Eu tenho amigos só virtuais, amigos que nunca vi, amigos que eu encontro e tenho o que eu nunca vi e nunca conversei com ele, ele tá lá na minha rede social, mas só como enfeite. [Você adiciona pessoas que você não conhece em sua rede social virtual?] Às vezes. Hoje em dia elas estão adicionando a gente. A pessoa vai cria um facebook e convida a gente para ser adicionado. [E você aceita o convite?] Geralmente aceito. [O que te faz aceitar esse convite?] Nada, só aparece a notificação aí eu aceito (Entrevista 6).

Nem todos são meus amigos, alguns não conhecia, mas depois virou amigo. Os amigos com os quais eu me comunico são do meu grupo do dia a dia. Tem umas que nunca aparece, aí fica puxando assunto, mas a maioria das vezes eu me comunico com meus amigos. [Você adiciona pessoas que não conhece?] Adiciono, para conhecer novas pessoas, né. Tem umas pessoas que eu vejo as fotos, mas mesmo assim eu adiciono,

não sou muito de recusar as solicitações não, eu sempre aceito (Entrevista 4).

[As pessoas com as quais eles se comunicam virtualmente são seus amigos físicos? Qual o nível de conhecimento, relacionamento que mantém com estes amigos?] Muitos sim, outros não. Adiciono as pessoas para curtir as fotos da gente. Tenho muitas pessoas que eu conheço de vista de alguns lugares, mas tenho muitos amigos que não conheço. Mas nós não conversamos não, é só para ficar lá mesmo, para uma hora curtir alguma coisa (Entrevista 5).

As amizades que se iniciam pelas redes sociais virtuais, muitas vezes, ampliam-se para além do virtual e são, muitas vezes, independentes de proximidade espacial e mediadas pelas comunicações via redes sociais virtuais.

Quadro 5: Acontecimentos pós-encontros presenciais com amigos virtuais.

Nunca me encontrei com amigos que eram exclusivamente virtuais	10
Encontrei-me com amigos exclusivamente virtuais e somos amigos até hoje	9
Encontrei-me com amigos exclusivamente virtuais e tivemos um relacionamento	7
Encontrei-me com amigos exclusivamente virtuais e paramos de nos comunicar	2
Não respondeu	2

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

As interações sociais são caminhos para estreitar a socialização de convívio das pessoas. Mas, dependendo do capital social constituído por cada um e de seu *habitus* esse estreitamento de socialização pode funcionar como uma faca de dois gumes, pois, as relações estabelecidas exclusivamente pela virtualidade podem levar ao constrangimento e divergências de opiniões. Problemas desse tipo não foram apontados pelos jovens pesquisados, pois, dos dados do quadro cinco o que se pode inferir é a existência de afinidades de comportamento, atitudes.

No entanto, as relações se dão exclusivamente na virtualidade, exceção feita a um pequeno grupo (nove dos respondentes) que afirmou se encontrar presencialmente com amigos antes virtuais. Assim, de uma forma mais direta podemos afirmar que o *habitus* se cruza com a identidade pessoal e coletiva de cada agente, coincidindo com os estilos de vida adotados pelos respondentes da pesquisa em sua construção identitária, pois, segundo Oliveira,

[...] a geração desterritorializada, fã incondicional de fluxos pela rede, aparentemente sem origem e sem destino previamente definidos, também

preza pela conservação de vínculos anteriores ao ciberespaço, uma centelha ou fio que liga um mundo ao outro. Isso mostra a dificuldade em separar o real do virtual (2012, p. 35).

O fato é que manter relações sociais virtualmente pode trazer consequências positivas ou negativas para os usuários das redes, entre os quais se encontram os agentes investigados nesta pesquisa, modificando seu processo de interação e pensamento, levando, inclusive, a modificações de interação no espaço virtual, no sentido de produzir cultura, por exemplo.

Os dados apresentados no quadro seis mostram que os vínculos afetivos existentes no meio físico frequentado pelos jovens pesquisados são transportados para o mundo virtual, lugar em que os respondentes expressam, aparentemente, ter os grupos das pessoas que estão fisicamente próximos como os principais grupos de referência. Ao serem perguntados se os relacionamentos concretos poderiam ser formados através das redes sociais a maioria dos pesquisados acreditam que sim.

Quadro 6: Relacionamentos concretos via redes sociais virtuais.

Já constituí uma ou mais amizades através das redes sociais virtuais	12
Não acredito que relacionamentos concretos podem acontecer pelas redes sociais virtuais.	10
Acredito que relacionamentos concretos podem acontecer pelas redes sociais virtuais, mas nunca ocorreu comigo	8
Acredito que relacionamentos concretos podem acontecer pelas redes sociais virtuais, já namorei através das redes sociais.	3
Não respondeu	1

Fonte: Dados da pesquisa (2015).

As redes sociais virtuais têm influenciado mudanças no comportamento das pessoas ao se tratar, também, dos relacionamentos. Além de propiciar participação mais ativa nos campos sócio-cultural, econômico e político, as redes virtuais propiciam a afirmação da personalidade de seus participantes na interação com o outro. No espaço social virtual as pessoas efetuam entre si trocas simbólicas, levando em consideração a construção social das pessoas, pois, tal construção vai além dos determinantes econômicos, abrangendo os campos sociais e culturais inscritos em seus *habitus* e incorporados na história de cada um, a partir de suas trajetórias de vida.

Pelo fato de que as condições diferentes de existência produzem *habitus* diferentes, sistemas de esquemas geradores suscetíveis de serem

aplicados, por simples transferência, às mais diferentes áreas da prática, as práticas engendradas pelos diferentes *habitus* apresentam-se como configurações sistemáticas de propriedades que exprimem as diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência sob a forma de sistemas de distâncias diferenciais que, percebidos por agentes dotados dos esquemas de percepção e de apreciação necessários para identificar, interpretar e avaliar seus traços pertinentes, funcionam como estilos de vida (BOURDIEU, 2008, p. 164).

Neste ponto, Bourdieu aponta aspectos que permitem aos agentes se distinguirem a partir das referências que orientam suas práticas sociais, a partir das classificações que fazem e recebem do meio que os cerca. Mesmo que os dados do Quadro 5 apontem que a constituição de amizades pelas redes sociais virtuais seja estabelecida a partir do *habitus* de seus agentes, as práticas, no entanto, são construídas socialmente, a partir da percepção de mundo e da ação dos agentes neste mundo. Pensando especificamente nas relações virtuais, Lemos afirma:

De uma forma geral, as comunicações pela internet reforçam não só contatos já existentes, como criam outros, reforçam o uso do espaço urbano e cria novos sentidos de lugar. O problema dessas novas práticas (associações entre humanos e não humanos) não é o isolamento e a perda da dimensão da experiência, mas justamente o contrário: a conexão permanente, a expansão dos contatos, a permanente conexão com o que já interagimos, a ampliação das experiências, um complemento do face a face. Por isso ela é tão sedutora (seduzir é desviar, e comunicar pode ser visto como esta ação de desvio com o outro humano e não humano). O problema que vejo é justamente o contrário: as pessoas têm grande dificuldade de se isolarem, de ficarem sós, de romperem a comunicação entre elas e com os objetos (LEMOS, 2014, s/p).

Constituídos presencialmente ou virtualmente, os relacionamentos sociais tiveram importante papel no processo de constituição do capital social de cada agente pesquisado, pois, esse pôde imprimir-lhe poder, influência no grupo, ou permitir que o grupo exercesse influência sobre ele. Embora 20 dos pesquisados tenham declarado que as redes virtuais influenciam a vida das pessoas, 12 deles relativizaram essa afirmação ao afirmar que elas podem influenciar, mas apenas em parte.

Este processo pode gerar uma rede duradoura ou não das relações de sociabilidade, digno de confiabilidade, podendo ou não proporcionar a ascensão dos membros do grupo, na medida em que haja a aquisição e incorporação do capital cultural.

[...] não importa qual forma o corpo virtual possa adquirir, sempre haverá um corpo biológico junto, ambos inseparavelmente atados. O virtual pode estar em um outro lugar – e outro lugar ser um ponto de vista privilegiado – mas a

consciência permanece firmemente arraigada no físico. Historicamente, o corpo, a tecnologia e a comunidade se constituem mutuamente (SANTAELLA, 2008, p. 130).

Neste contexto, é preciso pensar a sociedade no mundo contemporâneo, é preciso pensá-la também como espaço das relações que se dão de modo virtual, bem como vê-la como espaço dinâmico das relações sociais, que se iniciam no mundo físico e migram para o virtual e vice-versa. Mesmo para os jovens, a sociedade é um espaço no qual as práticas sociais que a definem se dão por meio das relações constituídas a partir de seu *habitus* e da organização das práticas temporalmente compartilhadas.

4.4 Comunidades Virtuais: Espaço de Interação e de Reconhecimentos Sociais

Com o avanço tecnológico as relações sociais foram sendo estabelecidas em um novo espaço, não mais exclusivamente físico, mas também virtual que foi se constituindo em lugar de congregação de pessoas e de grupos que estabelecem vários tipos de relações, ou seja, de trabalho, estudo, lazer, amizade, etc. Neste contexto, é necessário compreender o lugar das comunidades virtuais no processo de sociabilidade. Para Castells (2003), as atividades mediadas pela internet, passaram a configurar-se como realidades sociais.

[...] o influente livro de Howard Rheingold, *The Virtual Community* (1993), deu o tom do debate ao defender veemente o nascimento de uma nova forma de comunicação, que reuniria as pessoas on-line em torno de valores e interesses compartilhados. Criando laços de apoio e amizade que poderiam se estender também à interação face-a-face. Sociabilidade irrestrita era a promessa. [...] No entanto, à medida que a Internet se difundiu para o conjunto da sociedade, seus efeitos sobre a sociabilidade tornaram-se consideravelmente menos espetaculares (CASTELLS, 2003, p. 100).

Segundo Castells, as alegações de que a internet seria uma rede de comunitarismo renovado foi contrariada, não alcançando a interação social dela decorrente efeito direto na configuração da vida cotidiana, de forma geral, a não ser para adicionar interação *on line* às relações já existentes. As comunidades virtuais, para os pioneiros da internet, tinham como virtude chamar a atenção para novas formas de sociabilidade mediadas pela tecnologia.

Para Lévy, uma comunidade virtual “[...] é um grupo de pessoas se correspondendo mutuamente por meio de computadores interconectados”. O autor ainda afirma que as comunidades virtuais são constituídas por pessoas que apresentam “[...] afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, por meio de cooperação ou de troca, independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (LÉVY, 1999, p. 27, 127).

É importante ressaltar que uma comunidade virtual se difere dos *sítes* da Web pela intensidade com que as comunicações ocorrem entre os membros que a compõem e que se encontram ligados por interesses comuns. Enquanto os sites podem ser acessados por todo tipo de público, por um período curto para satisfazer a necessidade de uma pesquisa momentânea referente a algum assunto, nas comunidades virtuais, as pessoas se tornam membros e compartilham, ajudam a construir e manter a comunidade ativa a partir das interações que estabelecem.

Para Castells (2003), para se compreender as novas formas de interação social é preciso ter por base uma redefinição de comunidade, com menor ênfase nos componentes culturais, e com mais ênfase no papel de apoio aos indivíduos e famílias, desvinculando sua existência de um único suporte material.

[...] Naturalmente a questão decisiva aqui é o deslocamento da comunidade para a rede como a forma central de organização e interação. As comunidades, ao menos na tradição da pesquisa sociológica, baseiam-se no compartilhamento de valores e organização social. As redes são mantidas pelas escolhas e estratégias de atores sociais, sejam indivíduos, famílias ou grupos sociais. Dessa forma, a grande transformação da sociabilidade em sociedades complexas ocorreu com a substituição de comunidades espaciais por redes como formação fundamentais de sociabilidade (CASTELLS, 2003, p. 106-107).

Na contemporaneidade, os laços relacionais em rede se tornaram importantes não só para estreitarem as amizades, mas também para manterem estreitos os laços parentais com familiares distantes, escolhendo os novos meios de comunicação tecnológicos para tal fim, mantendo com familiares os laços fortes das relações de sociabilidade, tendo como base o capital social dos agentes em função da posse de uma rede durável de relações de conhecimento. Portanto, a comunidade virtual configura-se a partir das relações de interação social no ciberespaço. Porém, para ser uma comunidade virtual não basta ter relações sociais

mútuas em rede, tornando-se necessária a predominância de padrões específicos de relações, de gosto, de cultura e de organização. Afirma Recuero que a

[...] interação que é cooperativa pode gerar a sedimentação das relações sociais, proporcionando o surgimento de uma estrutura. Quanto mais interações cooperativas, mais forte se torna o laço social desta estrutura, podendo gerar um grupo coeso e organizado. Na organização da comunidade virtual, portanto, é necessário que exista uma predominância de interações cooperativas, no sentido de gerar e manter sua estrutura de comunidade (2005, p. 14).

O que se constata é que as comunidades virtuais são compostas por agentes que habitam em diferentes espaços geográficos, ou não, que apresentam gostos semelhantes com estratégias específicas de campo que levem à manutenção cooperativa, organizada e estruturada da comunidade. A partir desta contextualização, podemos inferir que os entrevistados desta pesquisa mantêm seus grupos de amigos e familiares articulados nas redes sociais virtuais. No entanto, esses últimos pertencem apenas ao grupo de relações sociais e não a uma comunidade virtual específica, sendo que apenas dois dos entrevistados são membros de comunidades virtuais.

As comunidades podem ser formadas nas redes sociais, mas elas, por comportarem uma infinidade de discussões em torno de assuntos diferentes, sem se fixar em uma única que direcione o grupo para objetivos em comuns, são apenas redes de sociabilidade e de interação com objetivos diversos.

[Você participa de alguma comunidade virtual?] Tem umas comunidades lá que eles me põe. Não interajo muito com eles não. [De quantas comunidades você faz parte?] Umas cinco, mas não me lembro quais são. [Essas comunidades são no facebook, ou em outra rede social?] Tenho grupos no facebook, tem muitos grupos que colocam a gente. De muitos eu saio. Às vezes, colocam em grupos de pessoas desconhecidas no whatsapp, aí eu saio (Entrevista 5).

Tenho de amigos e grupo de música da igreja. [O da igreja é uma comunidade virtual?] É sim. Eu participo de três comunidades virtuais. O de música é de música gospel e sertaneja. [Como você se sente pertencendo a essas comunidades?] Me sinto bem, são de coisas que eu gosto e a maioria das pessoas dessas comunidades eu conheço, e todos são do meu convívio do dia-a-dia. [O que te levou a participar dessas comunidades?] Da igreja e da música, são coisas que faço no meu dia-a-dia, são meus amigos (Entrevista 3).

[Você participa de alguma comunidade virtual?] Tenho, só que mais no whatsapp. [Qual das comunidades melhor te representa, que lhe faz de fato sentir-se pertencente a ela?] É a do facebook, expressa mais quem eu sou.

[Por que?] Porque tem mais dados meus, eu acho. Tem mais informação minha, tem meu número, minha idade, ano que nasci, acho que é isso. [Quais os principais assuntos que vocês discutem?] Sobre escola, a maioria das vezes, sobre futebol, pois tem os amigos que jogam bola, a gente marca jogo, marca de sair, de ir em algum lugar (Entrevista 4).

Tem a de música, do pessoal que curte som de guitarra, rock, essas coisas. Quanto acesso à comunidade, sinto que estou em casa, porque são pessoas que gostam da mesma coisa que eu gosto, e é tranquilo. [O que te fez optar por uma determinada comunidade?] Foi o meu gosto pela música, influenciou bastante, é o que eu gosto e me chamou a atenção. Eu acesso de dois em dois dias, pra ter mais conhecimento sobre música, sobre rock. [Que assuntos são tratados nessa comunidade?] Eles colocam muita enquete, tipo dos modelos de guitarra para a gente votar, enquete da melhor música, etc. (Entrevista 1).

Apesar dos entrevistados afirmarem pertencer a comunidades virtuais, apenas dois deles (um e três) pertencem a uma comunidade virtual, pois segundo eles mesmos, essa comunidade lhes dá identidade e expressa o que eles gostam em termos musicais. Além disso, os membros das redes sociais virtuais podem apresentar gostos semelhantes, mas esses não se prendem a um único padrão de discussão, cooperação e coesão de ideias estruturantes do grupo.

As interações nas redes sociais *online*, por sua vez, apresentariam características mais ligadas ao próprio conceito de rede, flúidas, multidirecionais, ilimitadas. O que não significa que não se possa encontrar cooperação entre as pessoas das redes sociais, mas que a cooperação apareceria de forma esparsa, por conta dos laços fracos que os unem (CARVALHO, 2011, p. 39).

As comunidades virtuais são formadas a partir de um articulador que consegue reunir ao seu redor pessoas que congregam dos mesmos gostos, que discutem temas em comum. São estas pessoas que agirão no sentido de multiplicarem as ideias abordadas no grupo e atrairão mais participantes para a comunidade virtual para que a mesma não deixe de existir.

Outro ponto importante quanto às comunidades virtuais está no seu reconhecimento como algo importante para a sociedade, na medida em que vão além de simples modismo das redes sociais virtuais, já que alcançam esferas culturais, educacionais, organizacionais, etc., propiciando a criação de novas ideias a partir dos capitais cultural, social e econômico de seus membros.

4.5 Perfil Identitário nas Redes Sociais

Com todos os recursos tecnológicos e comunicacionais disponíveis, ficou mais aparente a construção identitária das pessoas, possibilitada pelo compartilhamento em rede e pela contínua mudança propiciada pelo desdobramento da própria história da humanidade. Mesmo que ainda expressemos nossas características pessoais, de interesses e de gosto, houve uma alteração no número de pessoas que tem acesso ao perfil virtual de outros, diferentemente dos períodos da sociedade agrária ou industrial em que as pessoas necessitavam conhecer pessoalmente o outro, ou estar face a face com as pessoas.

Nesta pesquisa, os participantes conhecem a existência de diversos sites de redes sociais, mas que, no entanto, as redes que mais utilizam são o facebook, o whatsapp e o instagram. Cada uma tem suas finalidades específicas, e todas requerem de seus usuários a apresentação de um perfil identitário.

O perfil é o identificador do agente da rede social virtual, devendo nele aparecer o “quem eu sou”. A necessidade de imprimir uma identidade ao homem acompanha o homem desde os primórdios da existência humana. Para Magalhães e Paiva (2009), imprimir uma identidade ao homem estava, antigamente, ligado às relações sociais de familiaridade mútua, impressa pela proximidade espacial e com papéis definidos e conhecidos pela comunidade local.

Com o início do Estado moderno, [...] a definição de quem o indivíduo é passou a ser atrelada diretamente ao seu pertencimento à determinada nação, resultando em uma soberania do Estado, revestida de sentido de unidade e coesão da comunidade nacional, construída com base no local de nascimento ou de naturalização (PAIVA, 2009, s/p).

Para Magalhães e Paiva (2009), ao longo da Modernidade, com a globalização, a expansão política, comercial e comunicacional e com a perda da identidade “impressa” por quem governa, torna-se cada vez mais necessária para os homens da sociedade contemporânea ter uma identidade. Há uma pluralidade cultural de identidades até então aprisionadas pelas instituições sociais que limitavam a liberdade de escolhas. As novas configurações das relações sociais pelo mundo virtual possibilitam ao homem vivenciar seu pertencimento aos grupos a partir da construção de seu próprio “eu”, a partir de seus interesses culturais, de gosto, de estratégias próprias de seu campo.

O homem moderno não traz consigo uma identidade passiva, definida para ou por ele, pois, neste processo, há uma dinâmica que permeia sua existência individual, coletiva e globalizante. Cada um dos seres humanos vivencia um processo de mão dupla. Neste, o eu e o contexto em que se insere, um e outro estão imbricados em uma dialética constante.

No perfil das redes sociais virtuais, os usuários podem publicar dados, fotos, fazer citações a partir de seus gostos, imprimindo, enfim, no perfil traçado, características específicas que os identificam, inclusive por meio de suas preferências culturais, com narrativas biográficas próprias que reafirmam o seu posicionamento cultural, político e social, a partir de seus espaços de vivência.

No que tange ao perfil dos jovens nas redes sociais, para Castells (2003), há um entendimento de que a prática social da internet transformou a representação da identidade juvenil em local privilegiado das fantasias pessoais. Mas, na maior parte das vezes, não é o que acontece, pois ela é uma extensão da vida das pessoas nas suas diversas dimensões. Este fato pode ser observado nas falas dos entrevistados da pesquisa.

[O que está escrito no seu perfil, nas redes sociais é você mesmo?]
[Alguma vez você já fez um perfil falso nas redes sociais?] Sim sou eu mesmo. Não, tanto que eu não tenho perfil completo, só coloco disponível, e no máximo, o nome, a cidade. Não ponho minha idade, não ponho mais nada (Entrevista 11).

Sim sou eu mesmo. Não nunca tive, mas já tive vontade de ter um perfil falso. [O que lhe impediu de ter um perfil falso?] Sei lá desisti (Entrevista 4).

Sim, é meu perfil, mas assim eu coloco umas coisas lá falando de *Las Vegas*, falo que sou de lá, mas muitas coisas é do meu perfil mesmo. [O que te fez optar por colocar como local de naturalidade *Las Vegas*?] Para ficar diferente, mudar um pouco, todo mundo coloca que é daqui. Mas, nunca fiz perfil falso. Só esta informação que não é verdadeira (Entrevista 5).

Não tenho perfil nas redes sociais, já tive, mas apaguei. [Por que você apagou seu perfil?] Eu não tenho paciência. Não é pra mim. Tem gente que coloca muita bobeira nesse tipo de coisa e o whatsapp, praticamente, só tem pornografia em alguns grupos. O facebook, também. Eu tinha com um monte de amigos e [...] pessoas que nem conhecia... Aí falei: não é pra mim; então apaguei (Entrevista 9).

Por meio desses depoimentos percebemos que os jovens investigados criam seus perfis *online* idênticos ao *offline*, exceto o da entrevistada de número 5 que, por ter seus motivos, que não foram mencionados, omitiu sua naturalidade. Apesar

disso, há no processo identitário pesquisado o *eu* de cada um conectado em rede e compartilhado coletivamente.

[...] Por isso, a formação da identidade [...] é diferente [...] no sentido de que há mais experimentação e reinvenção das identidades, e diferentes modos de expressão, como o YouTube e os blogs. Esses modos de expressar a identidade muitas vezes parecem aos pais e professores mais estranhos do que realmente são. Estudos da formação da identidade online apontam consistentemente para o fato de que os jovens [...] tendem a expressar suas identidades online de maneira muito parecida com as que realmente têm, e de maneiras que são consistentes com suas identidades no espaço real (PALFREY; GASSR, 2011, p. 30-31).

Virtualmente, principalmente os jovens têm maior possibilidade de explorar a formação de sua identidade. Porém, os depoimentos dos respondentes remetem às afirmações de Palfrey e Gassr, que argumentam que os jovens expressam suas identidades virtuais de modo semelhante às que formulam a partir de suas experiências do mundo físico. Esse fato se dá em decorrência de seu capital social e do desenvolvimento pessoal de cada um, encontra com as ideias de Bourdieu, em que pese certa cautela por parte dos respondentes quando afirmam não colocar tudo sobre suas vidas em função, possivelmente, do capital simbólico.

Assim, as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses que estão associados a ela) e segundo seu *habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social (BOURDIEU, 2004, p. 158).

Levando em consideração os perfis que os entrevistados apresentaram na rede, eles compartilham apenas o que querem que os outros usuários saibam a seu respeito, tanto que alguns elaboraram o seu o perfil com o mínimo de informações possível, utilizando-se de critérios para não se expor demais e para evitar que seus dados fossem utilizados por internautas mal intencionados. No caso, os perfis elaborados em suas redes sociais virtuais apresentam características próprias e identidade. “[...] Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída torna-se a fonte básica de significado social...” (CASTELLS, 2003, p. 23).

Neste processo, as pessoas constroem, hoje, uma identidade assentada no que são ou acreditam ser. Assim, afirma Castells, “[...] Nossas sociedades estão

cada vez mais estruturadas em uma oposição entre a Rede e o Ser.” (p 23) De acordo com esse autor, os adolescentes é que estão nesse processo de construção, desconstrução, reconstrução de suas identidades, o que se dá a partir do momento em que fazem experiências com elas, visando descobrir quem são ou gostariam de ser.

Nesse sentido, afirmam Palfrey e Gasser, (2011, p. 35) os “[...] jovens revelam informações sobre si *online* para construir uma relação de confiança com outros e como uma extensão de suas vidas *offline*”. Nas redes sociais virtuais uma pessoa pode a qualquer momento alterar seu perfil, e quem mais o faz são os jovens, como um exercício de experimentação e reinvenção de suas identidades. Para os jovens da pesquisa, estar no mundo *online* ou *offline* não altera o modo tal como ele é ou como é visto pelo outro.

Para Palfrey e Gasser (2011), “[...] o fato de [...] viver parte de sua vida de maneira digitalmente mediada não tem grandes efeitos sobre sua identidade pessoal...” (p 29). Para os autores, a identidade no mundo digital, tecnológico, pode ser descrita pelas pessoas com as quais nos associamos, ficando visível para os espectadores pelas redes sociais. Não se pode atribuir à internet a mudança de identidade, mas ao processo social que se altera com a própria história da humanidade.

4.6 Jovens e o Mundo da *Selfie*

Com a evolução tecnológica, as câmeras fotográficas foram reduzidas em pequenos dispositivos que podem ser carregados para todos os lugares que as pessoas forem, e acionadas por meio de aplicativos desenvolvidos para celulares. Tirar uma foto de si mesmo, de outro sujeito, de um objeto ou de uma situação, já não é um ato praticado exclusivamente por profissionais. Qualquer pessoa que tenha um celular com câmera pode fotografar o que quiser. A facilidade de se ter uma máquina fotográfica em mãos muda os padrões imagéticos do passado.

[...] câmera sempre presente, aliada ao crescente apelo da visualidade, instituiu um novo regime fotográfico: o homem, pela primeira vez na história, viu-se detentor do domínio de fazer imagens irrestritamente. [...] viu que a câmera poderia ser não apenas uma forma de recortar e imortalizar o mundo, mas de perpetuar o que havia de mais pessoal, a própria imagem,

através de uma fotografia a ser vista e compartilhada nas redes de relacionamento da internet (OLIVEIRA, 2015, p. 14).

Para Oliveira (2015), a facilidade e a difusão de fotografias por um único aparelho tornou o autorretrato o principal produto da cultura visual contemporânea. Neste contexto, as *selfies* são feitas pelos usuários de celular com o intuito de mostrar-se ao outro, não se preocupando quem as faz, com o que realmente são ou sentem, nem com o que o outro pensa.

Assistimos, a uma superexposição das pessoas nas redes sociais virtuais por meio das fotos que postam na rede. Vivemos em um contexto em que o que era privado passou a ser público, na medida em que as pessoas compartilham seus pensamentos e ações nas redes sociais virtuais e o fazem, na maioria das vezes, por registros fotográficos.

[...] o respeitabilíssimo *Dicionário Oxford*, o mais extenso da língua inglesa, anunciou que um novo verbete passaria a figurar em suas páginas: *selfie*, que reúne o substantivo *self* (eu, a própria pessoa) e o sufixo *ie*. Eis sua definição: "Fotografia que alguém tira de si mesmo, em geral com smartphone ou webcam, e carrega em uma rede social." Os responsáveis pelo *Oxford* informaram que o dicionário surgido no século XIX aceitou o novo verbete porque as citações a *selfie* cresceram 17.000% neste ano - mensalmente, um programa coleta mais de 150 milhões de palavras em publicações variadas e analisa a recorrência delas. O ingresso do termo no *Oxford*, no entanto, não é apenas fruto de uma estatística. É o reconhecimento de um fenômeno global. Tornou-se um gesto comum esticar o braço segurando o celular apontado para o rosto, e depois compartilhar a foto no Instagram, Facebook ou similares (VEJA DIGITAL, 2013).

Ao compartilhar uma foto pelas redes sociais virtuais, as pessoas estão não só tornando sua vida pública como também mostrando sua imagem identitária, que vai se construindo a partir de suas interações com seus grupos de amigos virtuais. As redes sociais virtuais, atualmente, tem sido o meio mais eficiente para as pessoas se mostrarem, principalmente lançando mão da *selfies*.

O culto à própria imagem torna-se mais perceptível a partir da exibição de *selfies*. Muitos acreditam que a condição essencial para fazer parte da sociedade é atualizar constantemente o seu autorretrato, visando a sua superexposição (SOBRINHO, s/ano, s/p).

Há uma tendência das *selfies* tiradas em frente ao espelho, pois, por meio dele, pode-se escolher a melhor pose o melhor ângulo, a melhor imagem para ser

exposta na rede, avaliando a foto como a melhor representação de si, da auto-imagem idealizada, que é postada como símbolo de presença. Para os entrevistados da pesquisa, esta realidade da superexposição não é de total consenso do grupo.

[Você faz muitas *selfies*?] [Que tipo de *selfie* prefere fazer?] [Você compartilha as *selfies*? Onde são compartilhadas?] Sim, e prefiro fazer as *selfies* com meus amigos, aquelas fotos que juntam todo mundo e faz a foto. Compartilho no whatsapp, raramente no facebook e não tenho instagram. [Por que você gosta de fazer *selfie*?] Acho que é uma novidade que saiu e é legal, mais prática, eu gosto (Entrevista 1).

Não, acho que só fiz umas três *selfies*, não gosto. [Essas três *selfies* foram de que tipo?] Só de foto minha e compartilhei no facebook e no *whatsapp* (Entrevista 11).

Não gosto não, mas quando eu tiro uma *selfie* eu tiro sozinha, a maioria das vezes eu compartilho no facebook (Entrevista 4).

Sim faço muitas *selfies* de rosto e compartilho nas redes sociais, no instagram, e eu gosto de fazer, acho bonito (Entrevista 2).

Faço muitas *selfie*, toda hora, gosto de fazer *selfies* com os amigos e quando meus cabelos estão arrumados, depois compartilho em todas as redes sociais, tanto pelo whatsapp, quanto pelo facebook. Eu gosto de registrar o momento, registrar quando estou bonita (Entrevista 3).

Observa-se, pelas falas dos entrevistados, que, diferentemente da superexposição que vem ocorrendo da vida das pessoas nas redes sociais virtuais, a maioria dos jovens da pesquisa gostam de fazer *selfies*, e que apenas os entrevistados 4 e 11 declaram não gostar muito de compartilhar suas fotos. As *selfies* podem revelar um estado de espírito e até uma forma de autopromoção, sendo uma nova maneira de expressão, principalmente para os jovens entre 16 e 24 anos.

Os motivos que podem levar esses jovens a compartilhar suas fotos podem ser por exibicionismo, por exemplo, fazendo fotos diante do espelho apenas para mostrar-se ou para mostrar que se sentem felizes. Isso pode ser compreendido também como um estado de espírito ou, até mesmo, para mostrar que se encontra em algum lugar, o que não deixa, também, de ser uma forma de exibição, cabendo lembrar que todas essas formas de exibição denotam certo capital simbólico, econômico e social.

Neste sentido, podemos afirmar que a vida das pessoas no mundo contemporâneo passou a ser exposta pelas imagens postadas nas redes sociais virtuais, denotando, muitas vezes, uma forma de poder, pois, por meio das *selfies*,

os investigados expõem a posição que ocupam no grupo social virtual e físico. Logo, quando alguém constrói uma realidade a partir de imagens de si mesmo, esta representa a forma pela qual a pessoa quer ser vista, percebida pelo grupo, pela sociedade. Assim, o expositor pode estar se reinventando, apresentando imagens de como gostaria de ser visto.

Os usuários das redes sociais virtuais usam-nas como uma espécie de diário, narram cenas de seu dia a dia, principalmente a partir das *selfies*. “[...] tendências exibicionistas e performáticas alimentam a procura de um efeito: o reconhecimento nos olhos e, sobretudo, o cobiçado troféu de ser visto. Cada vez mais, é preciso aparecer para ser” (SIBILA, 2088, *apud* OLIVEIRA, 2015, p. 91). Nesse sentido, podemos concluir haver uma exacerbação da própria imagem mediada pelas redes sociais virtuais, em que momentos que antes não tinham muito significado (cozinhar, arrumar a casa, etc.) passam a ser registrados por meio das *selfies*, ficando expostos pelos autorretratos como atividades comuns incorporadas ao cotidiano de vida das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de trabalho, família, religião e amizade, entre outras, tecidas no cotidiano da vida concreta, conferem aos agentes suas características humanas, bem como fornecem a eles os elementos constituidores de sua sociabilidade que vai se fazendo historicamente. Com o advento da internet essas relações se alteraram, trazendo um novo modo de os agentes criarem, estabelecerem, manterem, ampliarem e transformarem as suas relações sociais. Decorre desse movimento uma nova sociabilidade, caracterizada pelos novos laços sociais presos aos nós das redes sociais virtuais.

Nesta pesquisa, buscamos evidenciar a constituição dos processos de sociabilidade juvenil a partir das redes sociais virtuais. É no espaço virtual que os jovens têm buscado ganhar mais visibilidade como categoria social, cultural e política. Pelas redes sociais virtuais os jovens da contemporaneidade buscam maior liberdade de expressão, experimentam novas formas de interação, e criam novas formas de conduta.

A juventude contemporânea está familiarizada com a internet e seus mecanismos de comunicação, tanto que há uma boa aceitação das Tecnologias de Informação e Comunicação, como extensão de seu corpo. O espaço virtual, neste contexto, converteu-se em pontos de encontros para os jovens e estabelecimentos de novas condutas sociais em rede. Por meio das redes sociais virtuais os jovens estabelecem conexões, cada vez maiores, que mostram como o estar junto ao outro vem ganhando novos contornos que possibilitam comunicação, exposição em tempo real ou não do ser em um processo social de interação.

Mas, mesmo estando em um mundo com várias opções de comunicação e interação mediadas pelas novas tecnologias, os jovens pesquisados não abrem mão de estarem juntos, face a face, em relações diretas. Porém, para Fragoso e outros autores (2011), é pertinente que se compreenda que o espaço virtual é ilimitado e ao ser apropriado e apreendido, organiza-se em parcelas de diferentes estruturas, organização e dinâmica.

Neste sentido, as redes sociais se constituem como uma extensão das relações presenciais que os jovens estabelecem em diferentes lugares, não se constituindo, contudo, como grupos à parte, desvinculados de qualquer territorialidade. Não importa se este é um espaço virtual ou físico, pois, todos são

considerados lugares de sociabilidade, de convivência e de encontros carregados de história. História produzida a partir das interações sociais presenciais, virtuais ou da imbricação de ambas, na medida em que os espaços ou lugares são indissociáveis e, por mais que sejam virtuais, não perdem a espacialidade geográfica, a territorialidade, que no espaço virtual se multiplicam a partir de suas especificidades.

Os resultados desse estudo foram ao encontro das considerações de Fragoso e outros pesquisadores (2011), quando eles afirmam que os diálogos traçados nas redes sociais virtuais promovem a configuração dos lugares e territórios virtuais como referência do espaço físico, que pode ser referenciado por elementos espaciais genéricos ou específicos, dependendo do que se quer simbolizar e expressar.

É a representação que cada um tem do mundo físico que é transportada para o mundo virtual, dando origem inclusive às comunidades virtuais, mas este processo pode também ser inverso fazendo com que os agentes sociais transportem para o mundo virtual suas representações do mundo físico. Tanto assim que muitos amigos exclusivamente virtuais podem se tornar amigos no mundo físico, pois, o encontro face a face no espaço físico pode ser potencializado pelos encontros no espaço virtual, fortalecendo os vínculos relacionais existentes, constituindo, dessa forma, os grupos com os quais os jovens se relacionam, havendo aqui uma mistura imbricada de presença física e virtual compondo as relações de sociabilidade.

Mesmo permanecendo com mais força para os jovens da pesquisa, os encontros face a face, percebemos que as relações de sociabilidade são múltiplas, ocorrendo tanto presencial quanto virtualmente. Porém, mesmo considerando que, atualmente, a sociabilidade esteja potencializada pelos encontros virtuais, percebemos que a presença física, o face a face não perdeu sua importância no processo das relações sociais, principalmente para os jovens da pesquisa. Não estamos desconsiderando a existência do outro como corpo físico do outro lado da tela, mas os homens precisam, ainda, de ver, de sentir, de tocar o outro, uma vez que esses aspectos são, ou talvez sejam, aspectos essenciais na sociabilidade humana.

Outro fator importante para as relações de sociabilidade diz respeito aos locais públicos que se ampliaram para as redes sociais virtuais. Mas, os locais como praças, parques, quadras comunitárias, bem outros tantos pontos de encontros presenciais dos jovens ganham novas dimensões e significados com o surgimento

dos espaços virtuais que a eles se somam. Porém, seja virtual ou presencialmente, foi possível identificar, por meio da pesquisa, a forte presença da territorialidade, do sentimento de pertença a um grupo, tanto assim que expressiva parte dos jovens pesquisados afirmou ter poucos amigos exclusivamente virtuais.

Por meio desta pesquisa, ficou evidenciado que os jovens investigados estabelecem o sentimento de pertença, do estar juntos que lhes permite constituir grupos reais nas redes sociais virtuais que existem, principalmente pela interatividade entre os membros do grupo. As interações sociais mediadas pelas tecnologias digitais não levaram à suplantação da interatividade face a face.

O que se alterou foi apenas a perspectiva dos encontros que a tornam possível, ou seja, no mundo contemporâneo, e a sociabilidade até então existente foi sendo potencializada pelo surgimento das novas tecnologias para o mundo virtual. Portanto, o ciberespaço é mais um lugar de encontro, que se articula aos já existentes, de partilha dos grupos, das comunidades virtuais frente às experiências constituintes do espaço virtual.

Este estudo evidenciou também que, mesmo tendo sido a sociabilidade potencializada para o espaço virtual, a necessidade da presença física do outro não foi e talvez nunca seja superada. Ao contrário, essa necessidade é ainda forte no espaço social a que pertencem os jovens investigados, daí porque a necessidade de dimensionar e expandir o espaço público de interação social. Nesse sentido, principalmente as juventudes ficam mais livres para construir experiências diferentes de comunicação, de interação social e de autorrepresentação.

Neste processo, há uma complementação da interação mediada pela tecnologia digitais que se desenvolve para a interação face a face. Quando há esse desenvolvimento para o encontro físico, presencial, e quando os agentes que se encontram residem na mesma cidade, eles elegem lugares públicos como pontos de encontros dessa natureza.

São as culturas e identidades coletivas que levam as pessoas a se agruparem em seus territórios. Com os jovens da pesquisa isso não é diferente, tanto que, por mais que eles tenham se encontrado de modo virtual ou presencialmente, eles ainda se reúnem, tendo como base o *habitus* que os identificam como pertencentes a grupos, sejam eles familiares, da mesma escola, da mesma igreja, do mesmo time etc.

O estar juntos no mesmo espaço, presencialmente, permitiu a interação e percepção do outro no processo de construção social, a percepção da relação que existe entre agentes e o lugar em que tais agentes vivem, etc. A interação e percepção de que falamos aqui ocorrem, principalmente, nas escolas e nos espaços e momentos de lazer, pois, é nos espaços de lazer que os jovens, simultaneamente, constroem a sociabilidade e se constituem subjetivamente.

A partir da pesquisa, percebemos que os jovens conseguem se ver como iguais ao outro quando estão no grupo, e é no grupo que eles se sentem mais à vontade para falar de si mesmos, para se expressarem livremente, sem medo de que suas ideias sejam rejeitadas. Essa constatação vai ao encontro das considerações de Cavalcante (2010), ou seja, a autora afirma que entra em jogo a necessidade de estabelecer laços sociais, afetivos, tornando-se uma possibilidade de ação comunicativa no estreitamento da afetividade e sociabilidade.

Neste sentido, é no estar juntos presencialmente, mas, mediado pelas redes sociais, que os jovens vão se apropriando do espaço urbano, tornando-o *lócus* de tradução de suas culturas e constituição de sociabilidade de forma mais espontânea. Os momentos de encontro presencial dos jovens, seja para dançar, tomar sorvete, jogar ou simplesmente conversar, são utilizados como momentos de vivência das práticas de estilo de vida, carregadas de seus *habitus*, que são traduzidos em seus pensamentos, expressões e atitudes diante do grupo.

Há por parte das juventudes uma simpatia pelos encontros virtuais por meio dos quais os jovens percebem e se apropriam dos conteúdos veiculados nas redes sociais virtuais que revelem suas preferências. Assim, há por parte deles um reconhecimento da potencialidade da internet com finalidade de interação social. Para os jovens, a internet é um caminho para se enxergar o mundo e as relações que nele são estabelecidas a partir de um *click* que os coloca em contato com a diversidade de temas discutidos e expostos nas redes sociais virtuais.

As falas dos participantes da pesquisa evidenciaram que eles se preocupam com a fruição das experiências de interação a partir dos conteúdos discutidos por eles, a medida que descobrem um mundo que lhes era desconhecido, apropriando-se, dessa forma, de conteúdos que vão das discussões sobre fatos simples ocorridos na escola à assuntos mais sérios, tais como aqueles que se referem ao futuro profissional.

Essas interações e discussões podem levar, mesmo *online*, a um processo de cooperação, competição ou conflito. Esses processos são importantes na medida em que levam os jovens à compreensão dos efeitos dessas interações sobre a estrutura das redes sociais, sejam elas virtuais ou não, e para a necessidade de que haja estrutura da rede, pois, a maioria das interações precisam ser cooperativas.

Esta pesquisa evidenciou ainda que, mesmo estando as TICs mais acessíveis nos dias de hoje, uma parcela considerável da população brasileira, da qual fazem parte os jovens, não tem acesso igualitário às redes. Conseqüentemente, não tem acesso à informação, o que, por sua vez, evidencia o processo de desigualdade existente entre os jovens, envolvendo o paradoxo da disseminação e do avanço tecnológico, que vem proporcionando a uma parcela da camada juvenil da sociedade significativas possibilidades, novos desafios comunicacionais e de sociabilidade, enquanto outra parcela, a maior, encontra-se afastada desse processo em função de seu capital econômico.

É fato que a internet se tornou para muitos jovens um espaço de manifestações, de sociabilidade permitida, de atuação ativa em diferentes redes sociais mediatizadas pela sociedade informacional. Porém, para Cavalcante (2010), os jovens se apropriam das TICs a partir de condições materiais e subjetivas próprias dos espaços sociais em que se encontram inseridos, não necessariamente homogêneos, mas sim diferentes.

Em que pesem as diferenças, na contemporaneidade, o jovem tem espaço bem maior para colocar seu posicionamento, conquistou mais liberdade de expressão e mais informação. Mesmo ocorrendo uma adaptabilidade às culturas prescritas ainda muito arraigadas em cada um dos jovens que a elas pertencem, e que, portanto, limita, podemos afirmar que as redes sociais virtuais constituem nos dias de hoje um espaço de sociabilidade, de construção de cultura, de afirmação de outros ou de novos estilos de vida.

REFERÊNCIAS

Agência USP de Notícias 6/maio/2014 disponível em: <<http://www.usp.br/agen/?p=174671>>. Acesso em: 5 jul. 2015.

ALMEIDA, M. E. de. *Proinfo: informática e formação de professores*. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000. 192p. (Série de Estudos/Educação a Distância. v.1).

BAECHLER, J. [et al] *Tratado de sociologia*. Tradução de Tereza Curvelo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

BURAWOY, Michel. *O marxismo encontra Bourdieu*. Tradução de Fernando Rogério Jardim, Campinas: UNICAMP, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/11104/5983>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

BOURDIEU, P. *Sociologia* Tradução de Paulo Monteiro e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo histórico*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

_____. *Razões práticas*. Tradução de Mariza Correa. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.

_____. A “juventude” é apenas uma palavra. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 2003.

_____. *Coisas ditas*. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pengorim. São Paulo: Brasiliense. 2004.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007a.

_____. *Escritos da educação*. Petrópolis RJ: Vozes, 2007b.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern, Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

BRANCO, P. P. M. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). *Retratos da juventude brasileira. Análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

CARVALHO, Jaciara de Sá. *Redes e comunidades: ensino-aprendizagem pela Internet*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011. (Série cidadania planetária, 4).

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. In: *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 2009. v. 1.

_____. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO Gustavo. *A sociedade em rede do conhecimento à ação política*. Conferência promovida pelo Presidente da República de 4 e 5 de março de 2005 no Centro Cultural de Belém. Belém: Imprensa Nacional-Casa da Moeda Janeiro de 2006.

CAVALCANTE, Cláudia Valente. Jovens e estratégias educativas de apropriação dos espaços urbano e virtual. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010.

DAMÁSIO, Manuel José; HENRIQUES, Sara. A relevância do capital social para a experiência de uso da internet: contributos para da análise da relação entre comunidades e redes sociais. *Caleidoscópio Revista de Comunicação e Cultura*, 2012. Disponível em: <revistas.ulusofona.p>. Acesso em: 1 ago. 2014.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, (24), Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, set./out/nov./dez., 2003. Disponível em <https://www.academia.edu/11796494/O_jovem_como_sujeito_social> Acesso em: 13 ago. 2014.

DUARTE, Aldimar Jacinto. *Jovens urbanos na periferia de Goiânia: espaços formativos e mediações escolares*. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, 2012.

EBC, Empresa Brasileira de Comunicações, janeiro de 2014. Disponível em <http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2014/01/desemprego-entre-jovens-e-mais-do-que-o-dobro-da-taxa-geral>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

FALEIROS, Vicente de Paula. *Perspectivas em Políticas Públicas*. ROSA, Gabriel Artur Marra; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. *Facebook e as nossas identidades virtuais*. Brasília: Thesaurus, 2003. p. 7-8.

FEIXA, Carles. De culturas, subculturas y estilos. In: *De Jóvenes, bandas y tribus. Antropología de la juventud*. Barcelona: Ariel, S.A., 1999. p. 84-105. Disponível em: <[www.cholonautas.edu.pe/Biblioteca Virtual de Ciencias Sociales](http://www.cholonautas.edu.pe/BibliotecaVirtualdeCienciasSociales)>. Acesso em: 13 ago. 2014.

FERNANDES, Dalvani. Território e territorialidade: algumas contribuições de Raffestin., Belo Horizonte, v. II, n. 4, p. 59-68, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://revistappp.uemg.br/pdf/artigo3ppp4.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

FRAGOSO, Suely; REBS Rebeca R.; BARTH, Daiani L. Territorialidades virtuais Identidade, posse e pertencimento em ambientes multiusuário online. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Cibercultura” do XIV Encontro da Compós, PUC/RJ, Rio de Janeiro, jun. 2010. In. *Em pauta nas pesquisas de comunicação*, São Paulo, ano. 5, v. 1, jul./dez. 2011. Disponível em: <www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/download/51/76>. Acesso em: 13 ago. 2014.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. ed. Reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin; DUARTE, Aldimar Jacinto. *Jovens urbanos: Gyn Extreme Breakrs como espaço de socialização*, Goiânia: PUC Goiás, 2009. Disponível em: <<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT03-6054--Int.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

GUIMARÃES, Gilselene Garcia; GRINSPUN, Miariam Zippin. Revisitando as origens do termo juventude: a diversidade que caracteriza a identidade. *31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, GT Psicologia da Educação*, Caxambu, MG, 2008. Disponível

em: <[http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT20-4136 Int.pdf](http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT20-4136_Int.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2014.

GUIMARÃES, Veridiana Canezin. *Sujeito e cultura e o mal-estar da civilização*. Goiânia: PUC Goiás, 2011.

GONÇALVES, Lilia Neves. *Educação musical e sociabilidade: um estudo em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960*. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 24. ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEME, Alessandro André. Estrutura e ação nas ciências sociais: um debate preliminar em Marx, Weber, Durkheim, Bourdieu, Giddens, Anselm Strauss e Norbert Elias. *Tempo da Ciência*, 1º semestre, 2006. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/moinhojuridico/images/documentos/texto11.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

LE MOS, André, Cibercultura Como Território Recombinant. In: MARTINS, Camila Duprat; CASTRO E SILVA, Daniela; MOTTA, Renata (Org.). *Territórios recombinaentes: arte e tecnologia – debates e laboratórios*. São Paulo: Instituto Sergio Motta, 2007. p 35-48. Disponível em: <<http://www.com.ufv.br/cibercultura/wp-content/uploads/2014/02/01.-Andr%C3%A9-Lemos-Cibercultura-como-Territ%C3%B3rio-Recombinante.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

_____. Infraestrutura para a cultura digital. In: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio. *Cultura Digital.br*, Rio de Janeiro, Beco do Azougue, p. 135-149, 2009.

LEÓN, Oscar Dávila. Uma revisão das categorias de adolescência e juventude. In: GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin; SOUSA, Sônia M. Gomes (Orgs.). *Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas*. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos; Goiânia: UFG; Cànone, 2009.

LÉON, Oscar Dávila. Juventude e trajetórias sociais. In: GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin; SOUSA, Sônia M. Gomes. *Jovens espaços de sociabilidade e processos de formação*. Goiânia: PUC Goiás; Cànone, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultra*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: edição 34, 1999. (Coleção TRANS).

LUSTYIK, Katalin. Vivemos uma cultura mundial compartilhada? In: MAZZARELLA, Sharon R. et al. *Os jovens e a mídia: 20 questões*. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MACHADO, Fernanda Quixabeira. *Nós somos jovens: um problema no presente e uma esperança de futuro na Cuiabá dos anos 1950 e 1960*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Ciências Humanas e Sociais Departamento de História, Cuiabá, 2006.

MARCELO, Ana Sofia. *Internet e novas formas de sociabilidade*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade da Beira Interior Covilhã, Portugal, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/marcelo-ana-sofia-internet-sociabilidade.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

MARINHO, Karla Azeredo Ribeiro. *Entre duas rodas e uma tela: a sociabilidade na rede social Tornadoiros*, Dissertação (Mestrado em Comunicação), -Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.btdt.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5049>. Acesso em: 13 ago. 2014.

MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa. *Ciência da Informação*, Brasília, v.3, n. 1, p. 27-46, jan./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=13080>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

_____. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, , jan./abr. 2001. Disponível em: <https://www.academia.edu/222345/Analise_de_redes_sociais_como_metodo_para_a_Ciencia_da_Informacao>. Acesso em: 13 ago. 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre jovens. In: BORELLI, Silvia, H. S.; FILHO, João Freire (Orgs.). *Culturas Juvenis no Século XXI*. São Paulo: EDU, 2008. p. 9-32.

MARX, Karl. Crítica da economia política. In. *O capital*. Livro I. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

_____. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. Tradução de Jesus. Rio de Janeiro: Boitempo I, SP, 2004. Disponível em: <http://petdireito.ufsc.br/wp-content/uploads/2013/05/manuscritos-economicos-e-filos%C3%B3ficos_-_marx.pdf> Acesso em: 13 ago. 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução Luiz Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/aideologiaalema_karlmarx_e_engels.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2014.

_____. *Obras escolhidas*. Tradução de Apolônio de Carvalho. Rio de Janeiro: Vilória, 1963. v. 3.

MIZRUCHI, Mark S. Fórum análise de redes sociais: avanços recentes e controvérsias atuais. RAE, v. 46 • n. 3, jul/set 2006. Artigo originalmente publicado com o título "Social network analysis: recent achievements and current controversies", de Mark S. Mizruchi, na *Acta Sociologica*, v. 37, n. 4, p. 329-343, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v46n3/v46n3a13.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

MOBIFEED. *Digital, social & mobile in 2015*: detalhes sobre o universo digital no Brasil e no mundo, 2013. Disponível em: <<http://www.mobifeed.com.br/digital-social-mobile-in-2015-detahes-sobre-o-universo-digital-no-brasil-e-no-mundo/>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

NASCIMENTO JÚNIOR, Antonio Fernandes. Fragmentos do pensamento dialético na história da construção das ciências da natureza. *Ciência e Educação*, v. 6, n. 2, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v6n2/04.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz. *Identidade juvenil e identidade discente*: processos de escolarização no terceiro ciclo da escola plural. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PAIS, José Machado construção sociológica da juventude — alguns contributos Análise Social, v. XXV, n. 105, 1990. Disponível em: <http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/A_construcao_so_cologica_da_juventude_0.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2014.

OLIVEIRA, Michel de. Reflexos de Narciso: traços do arquétipo mítico-psicanalítico nos selfies. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense*, Rio de Janeiro-RJ, n. 32, 2015. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/766>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

PAIS, José Machado. Construção sociológica da juventude - alguns contributos. *Análise Social*, v. XXV, 1990. Disponível em: <http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/A_construcao_so_ciolgica_da_juventude_0.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2014.

PALFREY, John; GASSER, Urs. *Nascidos Na Era Digital - Entendendo a Primeira Geração de Nativos Digitais*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PEREIRA, S., PEREIRA L.; PINTO M. Internet e redes sociais tudo o que vem à rede é peixe? EDUMEDIA - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. *Diário do Minho*, 2011.

PIMENTEL, *Guilhermel*. Quais são as redes sociais mais acessadas do Brasil? In *Comunicação Digital e-dialog*, 2014. Disponível em: <<http://www.edialog.com.br/listas/quais-sao-redes-sociais-mais-acessadas-brasil/>>. Acesso: 13 ago. 2014.

QUINTANEIRO, Tania. *Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber*. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

RECUERO, Raquel da Cunha. *Teoria das redes e redes sociais na internet: considerações sobre o orkut, os weblogs e os fotologs*. Trabalho enviado para o Núcleo de Pesquisa (NP-08) de Tecnologias da Comunicação e Informação do do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da XXVII INTERCOM. Porto Alegre-RS, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/121985795651418859729998795470196200751.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

_____. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre, sulina, 2009. (Coleção Cibercultura). 191p. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/64568567/Raquel-Recuero-Teoria-Das-Redes-E-Redes-Sociais-Na-Internet-Consideracoes-sobre-o-Orkut-os-Weblogs-e-os-Fotologs>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

_____. *Comunidades virtuais em redes sociais na internet: uma proposta de estudo*. *Ecampos Internet*. v. 4, dez. 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/lemc/PDFs/com_virtuais.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2014.

RESENDE, Anita C. Azevedo. *Para a crítica da subjetividade reificada*. Goiânia, UFG, 2009.

REVISTA ELETRÔNICA INTER- LEGERE. Entrevista com André Lemos, Número 14, janeiro a junho de 2014. Disponível em: <<http://ufrn.emnuvens.com.br/interlegere/article/view/5313/4299>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

ROSA, Gabriel Artur Marra; SANTOS, Benedito Rodrigues dos. *Facebook e as nossas identidades virtuais*. Brasília: Thesaurus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. A estética política das mídias locativas. In. Linguagens líquidas na era da mobilidade nômades. *UNIVERSIDAD CENTRAL – COLOMBIA*, v. 28, abr. 2008. Disponível em: <http://www.ucentral.edu.co/images/editorial/nomadas/docs/nomadas_12_a_estetica_lucia.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2015.

SBARAI, Rafael. "Selfie" é nova maneira de expressão e autopromoção, *Veja Vida Digital*, 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/selfie-e-nova-maneira-de-expressao-e-autopromocao/>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

SEVERINO, Antonio Joaguim. A prática tridimensional como mediação do existir. In: *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'água, 2001.

SOBRINHO, Patricia Jerônimo. "Meu Selfie": a representação do corpo na Rede Social Facebook. *ARTEFACTUM - Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia*, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/335>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

TOMAÉL M. I. ALCARÁ A. R.; DI CHIARA I. G. *Das redes sociais à inovação Ci. Inf.*, Brasília, v. 2, n. 34, p. 93-104, mai./ago. 2005. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/642/565>>. Acesso em: 30 nov. 2011.

TUNER H., JONATHAN. *Sociologia: concepções e aplicações*. Tradução de Márcia Marques Gomes Nava, São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2000.

VALENCIA, D. B.; GÓMEZ, L. N. D. Familia e internet: consideraciones sobre una relación dinámica. *Revista Virtual Universidad Católica del Norte*, n. 41, fev./ abr. 2014. Disponível em: <<http://revistavirtual.ucn.edu.co/index.php/RevistaUCN/article/view/463/985>> Acesso em: 30 nov. 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 23, mai./jun./jul./ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200002>. Acesso em: 13 ago. 2014.

VELASQUES, Marcos Barbosa. *Heterogeneidade em rede: presença e práticas de uso entre estudantes da Universidade Metodista de São Paulo nas redes sociais*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, 2012. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3175> Acesso em: 13 ago. 2014.

VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Izabel Mendes de e EUGÊNIO, Fernanda (Orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

WE ARE SOCIAL. Detalhes sobre o universo digital no Brasil e no mundo. In: *Digital, Social & Mobile*, 2015. Disponível em: < <http://www.mobifeed.com.br/digital-social-mobile-in-2015-detahes-sobre-o-universo-digital-no-brasil-e-no-mundo/>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade*. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octany Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1969.

_____. *Cultura*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Cultura e materialismo*. Tradução de André Glaser. São Paulo: UNESP, 2011.

WHITE, Leslie. The Symbol: the origin and basis of humans behavior in Mobel Lennings e Smith (orgs) Reading of Antropology. Nova York, McGraw – Hill Book Co Ed. Bras. In: Fernando Henrique Cardoso e Otário Ianni. *Homem e sociedade*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 1970.

ZUCCHETTI, Dinora Tereza e BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Construções Sociais da Infância e da Juventude. *Cadernos de Educação*, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://espm.br/ConhecaAESPM/CAEPM/nucleodeestudosdajuventude/Documents/Banco%20de%20Dados%20Jovens/10.%20SOCIOLOGIA%20DA%20JUVENTUDE/10.7.%20jovens%20constru%C3%A7%C3%A3o%20social.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2014.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO PESQUISA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

IDENTIFICAÇÃO:

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO

MESTRANDA: Maricelma Tavares Duarte

ORIENTADOR: Aldimar Jacinto Duarte

PÚBLICO ALVO: Alunos do Ensino Médio de Escola Pública Estadual de Porangatu

OBJETIVO DESTE QUESTIONÁRIO

Prezado(a) aluno(a),

Este material destina-se exclusivamente ao propósito de recolher dados para uma pesquisa de Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, a qual aborda a temática: **Redes sociais virtuais, Sociabilidade Juvenil: os sentidos atribuídos por um grupo de jovens do ensino médio da rede pública de educação de Porangatu.**

A pesquisa tem por objetivo de obter informações a respeito da realidade sócio-cultural do jovem. Assim, intenciona-se compreender como os jovens constituem a sociabilidade juvenil na contemporaneidade, a partir das redes sociais virtuais.

Para tanto, pedimos, a sua colaboração respondendo a este questionário, bem como fornecendo dados para essa investigação. Desde já, antecipamos nossos agradecimentos e nos comprometemos a socializar os resultados desse trabalho tão logo seja concluído.

INFORMAÇÕES GERAIS

NOME: _____

ANO: _____

TURNO DE ESTUDO: _____ TURMA: _____

1- Sexo:

() masculino () feminino

2- Idade:

() 12/14 anos () 19/20 anos

() 15/16 anos () 21/22 anos

() 17/18 anos () 23/24 anos

3 - Como você se considera:

() negro

() pardo

() branco

() índio

4 Territorialidade

4.1- Onde você nasceu? _____

4.2 - Em que estado? _____

PARA QUEM VEIO DE OUTRO LUGAR PARA A CIDADE ONDE MORA:

4.3 - Por que veio para a cidade onde mora?

() para estudar

() para tratamento de saúde

() para trabalhar

() motivos familiares

() outros _____

PARA TODOS RESPONDEREM

4.4- Em que município/distrito/comunidade/bairro você mora?

4.5 - Há quanto tempo mora nesse lugar?

() menos de um ano () de três a cinco anos

() de um a dois anos () mais de cinco anos

4.6- Em que Município/distrito/comunidade/bairro você já morou?

4.7- Cite dois aspectos em ordem de importância que você mais gosta no lugar em que mora?

Primeiro _____

Segundo _____

4.8- Cite dois aspectos em ordem de importância que você menos gosta no lugar em que mora?

Primeiro _____

Segundo _____

4.9- Você costuma frequentar outros lugares (Cidades? Distritos? Comunidades? Bairros?)

sim Não

4.10- Quais?

4.11 Com que frequência?

todos os dias

uma vez por semana

de vez em quando

5 Família

5.1 Estado civil:

solteiro divorciado

casado separado

mora junto viúvo

5.2 Tem filhos?

sim não

SÓ PARA OS QUE TÊM FILHOS RESPONDER

5.3 Quantos filhos você tem?

um filho três filhos

dois filhos mais de três filhos

PARA TODOS RESPONDEREM

5.4 Com quem você mora? Marque uma ou mais opções:

sozinho com outra família (parentes ou amigos de seus pais)

com amigos no local de trabalho

pai com o companheiro/a e filhos

irmãos solteiros irmãos casados

avô/avó sobrinhos

- tios primos
 mãe

5.5 Quantas pessoas moram na sua casa (contando com você)?

- duas pessoas cinco pessoas
 três pessoas mais de cinco pessoas
 quatro pessoas

6 Aspectos sócio-econômicos do jovem e da família

6.1 Como você se sustenta? (Enumere em ordem de prioridade).

- vivo com a minha própria renda
 sou sustentado pela família
 sou sustentado por parentes
 ajuda do governo? Qual? _____

6.2 Você trabalha?

- sim não

6.3 Se você trabalha ou já trabalhou, com quantos anos começou a trabalhar?

- antes dos 10 dos 10 aos 14 anos
 dos 14 aos 18 anos acima dos 18 anos

SÓ PARA OS QUE TRABALHAM RESPONDER

6.4 Que tipo de trabalho você faz hoje? _____

6.5 Onde (supermercado, loja de roupas, feira, na roça, etc.)?

6.6 Quantas horas você trabalha por dia?

- quatro horas seis horas oito horas nove horas ou mais

6.7 Seu trabalho é:

- fixo temporário

6.8- Tem carteira assinada?

- sim não

6.9 Aproximadamente, quanto você ganha por mês?

- nada dois salários mínimo
 de 200 a um salário mínimo dois salários mínimo e meio
 um salário mínimo e meio três salários mínimo

três salários mínimo e meio mais de quatro salários mínimo

PARA OS QUE NÃO TRABALHAM RESPONDER

6.10 Se não trabalha, já trabalhou?

sim não

6.11 Que tipo de trabalho você fazia? _____

6.12 Há quanto tempo está sem trabalho?

até 6 meses de um a dois anos
 de 6 meses a um ano mais de dois anos

PARA TODOS RESPONDEREM

6.13 Quantas pessoas trabalham na sua casa?

uma pessoa quatro pessoas
 duas pessoas mais de quatro pessoas
 três pessoas

6.14 Quantas pessoas colaboram com a despesa da sua casa?

uma pessoa quatro pessoas
 duas pessoas mais de quatro pessoas
 três pessoas

6.15 Você ajuda no sustento da família?

sim não

6.16 Se você ajuda, como?

dou toda minha renda para a família
 ajudo com até metade da minha renda
 ajudo com mais da metade da minha renda
 ajudo de vez em quando

6.17 Sua família recebe outros tipos de ajuda financeira? (por exemplo: bolsa-escola, vale-gás, bolsa-universitária, renda-cidadã, aluguel, etc.)

6.18 Qual é a renda da sua família?

de 200 a um salário mínimo três salários mínimo
 um salário mínimo e meio três salários mínimo e meio
 dois salários mínimo mais de quatro salários mínimo
 dois salários mínimo e meio

6.19 Qual o nível de instrução do seu pai?

sem escolaridade ensino fundamental incompleto

- ensino fundamental completo pós-graduação
 ensino médio completo Não sabe
 superior completo

6.20 Qual o nível de instrução da sua mãe?

- sem escolaridade superior completo
 ensino fundamental incompleto pós-graduação
 ensino fundamental completo Não sabe
 ensino médio completo

6.21 Qual é a atividade profissional do seu pai? _____

- Não sabe

6.22 Ele está trabalhando?

- sim não

6.23 Qual é a atividade profissional de sua mãe? _____

- Não sabe

6.24 Ela está trabalhando?

- sim não

7 Aspectos Educacionais

PARA TODOS RESPONDEREM:

7.1 Qual ano você cursa na escola:

- primeiro ano do ensino médio
 segundo ano do ensino médio
 terceiro ano do ensino médio

7.2 A sua escola fica próxima à sua casa?

- sim não.

Se não fica próximo a quantos quilômetros? _____

7.3 Você parou de estudar alguma vez em sua vida?

- sim não

PARA OS QUE PARARAM DE ESTUDAR RESPONDER

7.4 Se parou, quantas vezes e por quanto tempo?

- 1 vez. Quanto tempo? _____
 2 vezes. Quanto tempo? _____
 3 vezes. Quanto tempo? _____
 4 vezes. Quanto tempo? _____

() mais de 4 vezes. Quanto tempo? _____

7.5 Quais os principais motivos que te levaram a parar de estudar?

7.6 Quais os principais motivos que te levaram a voltar a estudar?

7.8 Por que você escolheu estudar nessa escola? (Enumere por ordem de importância)

() o ensino é bom

() está perto da minha casa

() está perto do meu trabalho

() pela influência dos amigos

() pela influência da família

() falta de opção

() outros _____

7.9 Explique o primeiro motivo da sua lista de estudar nessa escola:

7.10 O que você mais gosta na sua escola?

7.11 O que você menos gosta na sua escola?

7.12 Você acredita ou não que a escola possa contribuir para a melhoria de sua qualidade de vida?

() sim () não

Por quê?

7.13 Você está satisfeito com a sua escola?

() sim () não

Por quê?

PARA QUEM MORA NA ZONA RURAL

7.14 A escola na qual você estuda aborda questões relacionadas à realidade do campo?

() sim () não

Comente sua resposta

PARA TODOS RESPONDEREM**8. Aspectos da Religião**

8.1 Você tem religião?

 sim não

8.2- Em caso positivo, qual a sua religião? _____

8.3 Você é praticante?

 sim não

8.4 Qual é a igreja/templo/centro/terreiro que você mais frequenta?

Nome da Instituição: _____

Bairro: _____

9. Ser Jovem

9.1 Enumere de um a cinco em ordem de importância qual o meio que você mais utiliza para se manter informado(a) sobre os acontecimentos atuais.

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> jornal escrito | <input type="checkbox"/> pelos professores, na sala de aula |
| <input type="checkbox"/> jornal falado (TV) | <input type="checkbox"/> Jornais on line |
| <input type="checkbox"/> jornal falado (rádio) | <input type="checkbox"/> por meio das redes sociais |
| <input type="checkbox"/> revistas (Veja, Isto é, etc.) | <input type="checkbox"/> não tem se mantido informado |
| <input type="checkbox"/> conversando com pessoas | |

9.2 Enumere de um a cinco, em ordem de importância, se você participa de algum agrupamento. Se não participar de nenhum marque apenas a última opção.

 sindicato. Qual? _____ E onde? _____ esportivo grupo religioso grupo ambiental associação de bairro grupo musical grupo esportivo partido político comunidades virtuais associação de bairro grupo musical outros

Quais? _____

 não participo de nenhum grupo

9.3 Enumere de um a cinco em ordem de importância o que você prefere fazer em seus momentos de descanso

- Assistir Televisão
- Ler um livro
- Pescar
- Acessar a Internet (sítios diversos)
- Acessar as redes sociais
- Passear com os amigos
- Dormir
- Ir para o bar
- Conversar com os familiares
- Praticar esportes
- Tomar banho no rio ou no córrego
- Jogar vídeo-game
- Outros _____

9.4 Você se lembra qual foi o último livro de literatura que você leu?

- sim
- não

9.5 Se você se lembra, qual foi o livro?

Há quanto tempo? menos de um mês

- um mês
- de dois à quatro meses
- de cinco à sete meses
- de oito meses à um ano
- mais de um ano
- mais de dois anos

9.6 Quais os meios de comunicação que você tem em casa? (Assinale uma ou mais).

TV aberta

- TV a cabo ou satélite
- Antena parabólica
- Rádio
- Computador?(Internet)
- Celular
- Assinatura de Jornal: Qual? _____
- Assinatura de Revista: Qual _____
- Outros _____

9.7 Qual o programa de Televisão que você mais gosta de assistir? Por quê?

9.8 Qual o programa televisão você mais assiste? Por quê? Informe o canal e o horário do programa.

9.9 Enumere em ordem de importância cinco estilos de música que você mais gosta de ouvir () música popular Brasileira

- () aché
- () pagode
- () funk
- () rap
- () rock and roll
- () instrumental
- () clássica
- () sertaneja
- () sertanejo universitário
- () caipira raiz
- () romântica nacional
- () romântica internacional
- () gospel
- () outros. Quais? _____

9.10 Você já foi ao cinema?

- () sim () não

9.11 Se você foi, há quanto tempo?

- () menos de um mês
- () um mês
- () de dois à quatro meses
- () de cinco à sete meses
- () de oito meses à um ano
- () mais de um ano
- () mais de dois anos

Onde fica o cinema que você foi? _____

- () nunca fui ao cinema

9.12 Você já foi ao teatro?

- () sim () não

9.13 Se você foi, há quanto tempo?() menos de um mês

- () um mês
- () de dois à quatro meses
- () de cinco à sete meses
- () de oito meses à um ano
- () mais de um ano

mais de dois anos

Onde fica o teatro que você foi? _____

9.14 Você já foi ao shopping?

sim não

9.15 Se você foi, há quanto tempo? menos de um mês

um mês

de dois à quatro meses

de cinco à sete meses

de oito meses à um ano

mais de um ano

mais de dois anos

Onde fica o shopping que você foi? _____

nunca fui ao shopping

10 Informação e Sociabilidade

10.1 Você tem acesso à Internet?

sim não

10.2 Em que local? em casa

na escola

em cursos de formação

no trabalho

na *Lan House*

em casa de parentes e amigos

internet pública

internet móvel (celular)

10.3 Você possui aparelho de celular?

sim não

10.4 Se possui aparelho de celular:

ele é de última geração

de geração anterior, mas acessa bem as redes sociais, músicas e jogos.

10.5 Quais usos costuma fazer do celular

Fazer e ou receber ligações

Comunicar-se via mensagens de texto

Ouvir música

Fotografar ou filmar

Busca de informações pela internet

Conectar-se às redes sociais

- Jogar
- outros usos

Quais? _____

10.6 Você participa de alguma comunidade virtual?

- sim
- (...) não

Qual? _____

10.7 Quais as rede sociais mais acessada por você em ordem de importância ()

WhatsApp

- Amiguinhos
- Blip.fm
- Colletage
- Colnect
- Dodgeball
- Facebook
- Filmow
- Flickr
- Friendster
- Gaia Online
- Google+
- Go Pets
- Hallbook
- Hi5
- Last.fm
- LinkedIn
- Live Journal
- My Space
- Palco Principal
- Orkut
- Par Perfeito
- Share The Music
- Twitter
- Tumblr
- Family
- Ask.fm
- Stayfilm

Outros: _____

10.8 Com que frequência acessa as redes sociais?

- todos os dias
- uma vez por semana
- uma vez por mês
- vez em quando

10.9 Quantas horas diárias passa nas redes sociais?

- () menos de uma hora
- () de uma a duas horas
- () de três a quatro horas
- () de cinco a seis horas
- () de sete a oito horas
- () de nove a dez horas
- () passa 24 horas conectado nas redes sociais (inclusive, quando você está dormindo o equipamento tecnológico fica ligado para que você responda as mensagens recebidas)

10.10 Por qual meio faz mais uso das redes sociais?

- () computador
- () celular
- () tablete

10.11 Enumere por ordem de prioridade os assuntos que discute mais nas redes sociais

- () Drogas
- () Sexualidade
- () Violência
- () Educação e futuro profissional
- () Relacionamentos amorosos
- () Racismo
- () Artes (música, teatro, literatura etc.)
- () Desigualdade social e pobreza
- () Religião
- () Cidadania e direitos humanos
- () Política
- () questões relacionadas à sua cidade e/ou ao seu bairro
- () questões à sua escola
- () questões relacionadas ao seu grupo de amigos reais
- () fofocas do dia-a-dia
- () Só posta mensagens e fotos
- () Outros?

Quais? _____

10.12 Com que finalidade usa a internet () Buscar informação /Notícias

- () Pesquisas /mecanismos de busca
- () Sites de relacionamento
- () Mandar ou receber e-mail
- () Bate-papo / conversar
- () Trabalhar
- () Ajudar nas tarefas Escolares
- () Jogar

- Procurar emprego
- Comprar
- Acessar sites com conteúdo sexual
- outras finalidades

Quais? _____

10.13 Os professores da escola na qual você estuda abordam questões relacionadas às redes sociais?

- constantemente
- raramente
- nunca comentam

Comente sua resposta

10.14 A Escola na qual você estuda há projeto(s) direcionado(s) para discussões em torno dos conteúdos das redes sociais?

- sim
- não

Comente sua resposta

10.15 O que você aprende na escola ajuda você a compreender os conteúdos das redes sociais?

- sim
- não

Comente sua resposta

10.16 Quando você tem alguma dúvida ou curiosidade sobre alguma questão de seu dia-a-dia, quem (ou o que) você mais procura para ajudá-lo a sanar tal dúvida?

- professores
- familiares
- amigos
- internet

10.17 Você acessa a internet em sala de aula para conferir as informações e/ou os conhecimentos transmitidos pelo professor?

- Raramente,
- constantemente
- Nunca.

10.18 Você acessa a internet nos espaços fora da sala de aula para conferir as informações e/ou os conhecimentos transmitidos pelo professor?

- Raramente
- constantemente
- Nunca.

10.19 Vai à casas de jogos como *lan house* e/ou de *vídeo games*

- Sim
- Não
- Às vezes
- Raramente

10.20 Você acredita que as redes sociais influenciam nas opiniões das pessoas?

- Sim
- Não
- Em partes

10.21 Você acredita que relacionamentos concretos podem ser formados através das redes sociais?

- Sim, já construí uma ou mais amizades através de redes sociais
- Sim, já namorei através de redes sociais

- Sim, mas nunca ocorreu comigo
- Não, minha experiência não foi boa
- Não acredito

10.22 Você acredita que as redes sociais são uma boa via de divulgação, como propagandas e marketing em geral?

- Sim
- Não

10.23 Qual você acredita ser o maior risco da utilização de redes sociais?

- Divulgação de dados pessoais
- Distorção de fotos
- Invasão de privacidade
- Pedofilia
- Sequestro
- N.D.A

10.24 Qual você acredita ser o maior risco da utilização de redes sociais?

- Divulgação de dados pessoais
- Distorção de fotos
- Invasão de privacidade
- Pedofilia
- Sequestro
- N.D.A.

10.25 Na sua opinião, qual a maior vantagem de ter um perfil em uma rede social?

- Troca de informações fácil e rápida
- Acompanhamento de atualizações
- Novas amizades
- Relações empresariais
- N.D.A.

10.26. Muitas pessoas já realizaram encontros com amigos virtuais. Se isso já aconteceu com você, assinale a alternativa que indica o ocorrido após o encontro.

- Tivemos um relacionamento
- Somos amigos até hoje
- A pessoa não apareceu
- Paramos de nos comunicar
- Nunca realizei um encontro dessa forma
- N.D.A.

10.27 Você conseguiria viver sem suas Redes Sociais?

- Não
- Sim

10.28 Você se considera dependente das redes sociais?

- Sim
- Não

10.29 Você toma precauções (cuida-se com super-exposição, seleciona as pessoas que tem acesso ao seu(s) perfis) quando está conectado?

Sim Não

10.30 Quantos contatos em média você tem nas redes sociais:

- Menos de 30 entre 30 e 100
 entre 100 e 300 entre 300 e 500
 mais de 500

10.31 Você acredita que as redes sociais têm influencia direta no seu desempenho na escola:

sim não

10.32 Em que área você acredita que as redes sociais terão maior impacto?

- Comercial
 Relacionamento afetivo
 Acadêmica (educação formal)
 Política
 Religião
 Nenhuma

10.33 Dentre os problemas que o uso excessivo das redes sociais podem causar, qual seria o principal deles:

- depressão
 Dependência (vício em rede social)
 Dificuldade em se expressar pessoalmente
 Consumismo
 A deterioração da língua portuguesa

11 Games

11.1 Com que frequência semanal você costuma jogar

- Menos de 1 vez por semana
 De 1 a 2 vezes por semana
 De 3 a 4 vezes por semana
 De 5 a 6 vezes por semana
 Todos os dias da semana

11.2 Quantas horas por dia costuma jogar

- Menos de 2 horas por dia
 De 2 a 5 horas por dia
 De 6 a 8 horas por dia
 Mais de 8 horas por dia

11.3 Com que idade começou a jogar

- Na infância (até os 10 anos de idade)
 Na adolescência (dos 11 aos 14 anos de idade)
 Na juventude (dos 15 aos 20 anos de idade)

11.4 Tecnologia que usa para jogar, enumere em ordem de mais uso

- computador de mesa
- notebook
- tablete
- celular
- console

PARA QUEM RESPONDEU QUE USA CONSOLE RESPONDER

11.5 Qual ou quais consóle(s) que utiliza para jogar

- Playstation 1
- Playstation 2
- Playstation 3
- Playstation 4
- PSP ou Psvita
- Nintendo DS ou 3D
- Nintendo Wii
- X box
- X box 360
- X box One

11.6 Com quem mais aprendeu a jogar e com quem mais joga atualmente

- Na rede
- Colegas de escola
- amigos da vizinhança
- Familiares (pai, irmão, primo, tio, etc)
- Sozinho

11.7 Como se mantém informado sobre as novidades sobre os games

- Dicas de colegas da escola ou do trabalho
- Dicas de parentes ou amigos
- Revistas
- Sites e fóruns
- Redes sociais

11.8 Quais gêneros de jogos que mais gosta de jogar:

11.9 Quais gêneros de jogos que menos gosta de jogar;

12 Leitura *On Line*

12.1 Você já baixou algum livro pela internet:

- sim
- não

12.2 Você já leu algum livro pela internet:

- sim
- não

12.3 Você conhece o Google book:

sim não

12.4 Você faz uso do Google book:

sim não

12.5 Quando acessa as redes sociais, o facebook por exemplo, o que mais faz:

- curte as postagens dos amigos
- comenta as postagens dos amigos
- compartilha as postagens dos amigos
- posta mensagens, fotos, vídeos próprios
- só acessa e lê os conteúdos postados

ROTEIRO DE ENTREVISTA A GRUPO DE JOVENS DA PESQUISA

IDENTIFICAÇÃO:

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO

MESTRANDA: Maricelma Tavares Duarte

ORIENTADOR: Aldimar Jacinto Duarte

**PÚBLICO ALVO: Alunos do Ensino Médio de Escola Pública Estadual de
Porangatu**

São seis os eixos da entrevista, cada um composto por média de 7 a 12 questões semi estruturadas.

Eixo 1 diálogo com a família sobre a importância do mundo virtual

Eixo 2 relação com redes sociais

Eixo 3 Comunidades virtuais

Eixo 4 relações estabelecidas no mundo virtual e mundo físico

Eixo 5 mediação pedagógica com mundo virtual

Eixo 6 self e a contemporaneidade

EIXO 1 - Família e Mundo Virtual

1. Fale do seu relacionamento com sua família, com os pais, irmãos, ou outras pessoas que fazem parte de sua vida? Seus irmãos, o que fazem? Se você fosse definir sua família, o que diria?
2. Vocês participam de algum programa social? (Ver o sentimento que o jovem tem sobre isso)
3. Como é a diversão de vocês?
4. Sua família é importante na sua vida? Por quê? Como?
5. De certo modo sua família influencia suas escolhas?
6. Vocês conversam sobre o uso da internet? Sobre a participação as redes sociais?
Fale um pouco sobre o que discutem a respeito das redes sociais.
7. Quando existe esse diálogo ele é importante? Por quê?

EIXO 2 - Rede Sociais

1. Você faz uso da Internet? Com que frequência? Para que?
2. Você é membro de que redes sociais? Como é ter um perfil na rede social?
3. Qual a importância de participar de uma ou mais redes sociais para você?
4. É importante ter um número grande de amigos adicionados no *facebook*, por exemplo? Por quê?
5. Qual a função de você estar ligado às redes sociais?
6. O que está escrito no seu perfil nas redes sociais é você mesmo?
7. Você alguma vez construiu algum perfil fictício? Por quê?
8. As pessoas com as quais você se comunica (adicionou) são seus amigos? Você as conhece? Qual o nível de conhecimento e de relacionamento?
9. Você adiciona pessoas que você não conhece?
10. Por que você se torna membro das redes sociais?

EIXO 3 - Comunidades virtuais

1. Você participa de comunidades virtuais? de quantas comunidades você é membro? Quais são? Como você se sente pertencendo a uma comunidade?
2. Como você escolhe as comunidades das quais você se torna membro?
3. Qual a frequência do acesso? Quais comunidades você mais acessa? Por quê?
4. Qual a importância de ser membro de uma certa comunidade e não de outra?
5. Existem aquelas comunidades que dão mais status ou poder?
6. Quais comunidades de que você é membro expressam mais a sua identidade?
7. Você é membro de alguma comunidade que não tem nada a ver com você?
8. Você participa das discussões? Das enquetes?
9. Qual o seu sentimento de pertencer a comunidade que você participa?
10. Você está satisfeito com seu relacionamento de amizade estabelecido através do mundo virtual?
11. Quais os principais assuntos que vocês debatem? Quem define os assuntos? Por que eles são importantes?
12. Como você escolhe seus amigos virtuais?

EIXO 4 - Mundo Virtual e Mundo Físico

1. Você participa de algum agrupamento? Como você avalia a quantidade de amigos que têm? Muitos, poucos, razoável?

2. A maior parte de seus amigos são de qual espaço (escola, bairro, dança, academia etc)?
3. Os seus amigos do mundo físico integram as suas comunidades virtuais?
4. Em que medida que os membros das comunidades virtuais são seus conhecidos do mundo real?
5. Quando se encontram o que fazem para se divertir?
6. Como você se relaciona com seus amigos virtuais? Já se encontraram pessoalmente? Em que local já se encontraram? Quantas vezes?
7. Os encontros de vocês é mais virtual ou presencial?
8. Que rede social mais usam para conversar?

EIXO 5 - Mediação Pedagógica Com Mundo Virtual

1. Os professores falam sobre as redes sociais, comunidades virtuais? Sobre o mundo dos jogos? Da Internet? Se falam o que dizem?
2. A escola valoriza outras formas de comunicação entre vocês jovens, como os das redes sociais, por exemplo? De que forma?
3. A sua escola tem perfil em alguma rede social? Qual? Como é sua participação Nele?
4. Você acha que tem alguma relação entre o que você aprende com o computador e o que você aprende na escola?
5. Qual a importância da escola para você?
6. Que relação você consegue ver entre a escola e o mundo virtual?
7. Os professores de forma geral são “antenados” com as redes sociais?
8. Algum professor pertence ao seu ciclo de amigos virtuais? Em que rede? O que mais conversam com esse(s) professor(es)?
9. Em sala de aulas os professores conversam sobre as redes sociais? O que conversam?
10. Você acessa as redes sociais em sala de aula?
11. Você tem amigos nas redes sociais que são da escola? Vocês conversam sobre a vida escolar, sobre os colegas, os professores, as matérias escolares?

EIXO 6 - Self

1. Você faz muitos selfs no seu celular?
2. Que tipo de self mais gosta de fazer?

3. Você compartilha seu self nas redes sociais?
4. Por que gosta de fazer *sefs*?